MARIO PRATA

PURGATÓRIO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE DANTE E BEATRIZ



Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MARIO PRATA

PURGATÓRIO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE DANTE E BEATRIZ

Para Sérgio Otero

I

— Num ano atípico como este, aliás os últimos anos todos têm sido atípicos, eu sugiro o velho e bom CDB. É sempre bom não arriscar. Mas, como gerente, tenho que pensar na cliente. Quanto é que a senhora quer aplicar?

A velhinha sorriu, sabia que estava em boas mãos. O gerente, com aquela gravata vermelha listradinha, passava segurança.

— Duzentos.

— Duzentos mil?

— Duzentos reais.

Dante teve que manter a mesma bancária cara. Duzentos reais! Passou uns papéis para ela preencher.

Pela lentidão que ela demonstrou ao iniciar a primeira linha, ele pediu licença e foi até a mesa do sub, seu amigo de infância, Virgílio.

Dante tem 45 anos e vem contando, já há algum tempo, quantos anos faltam para se aposentar. Altura mediana, como convém a um gerente de banco, magro, aparenta menos do que a idade. Camisa branca, a gravata vermelha, calça preta com vinco. Sapato engraxado, fumante inveterado, o que faz com que, de meia em meia hora, vá ao banheiro do andar de cima (mais arejado) dar suas tragadas. Nariz aquilino, como diria Machado de Assis.

Virgílio, mesma idade do amigo, é *gay.* Melhor dizer homossexual. Poeta inédito, leitor compulsivo, intelectual. Discretíssimo dentro e fora do banco.

Quando bebe dá alguma bandeira. Bebe todo dia, depois de largar o expediente. Era vizinho de Dante no interior do estado de São Paulo. Foram com vinte anos para a capital. 1980. Fizeram economia juntos na USP. Ainda durante o curso, prestaram concurso para o Banco do Brasil. Entraram como "auxiliar de escrita, referência 050", fizeram carreira. Agora estavam os dois ali. Gerente e subgerente de uma agência pequena, dentro de um *shopping*. Não podiam reclamar, tinham comprado a casa própria (cada um a sua, bem entendido), financiada pelo próprio banco. Viviam e esperavam a aposentadoria sentados diante dos computadores. Inseparáveis. Que fique claro que a amizade deles não envolvia sexo. Um respeitava e entendia o outro. O nariz de Virgílio não era aquilino. Dante era casado. Virgílio, solteiro, espírita, metido a ter premonições que nunca davam certo.

A mulher de Dante é a Gemma, com dois emes, como ela sempre exigia para não parecer com um mero ovo choco. Odiava gemadas. Mas amava voleibol. Assistia a todos os jogos pela televisão. Masculino e feminino. No jornal, só lia, na seção de esportes, notícias sobre vôlei. Gemma jogava vôlei, quando conheceu Dante em 1981, numa churrascaria em Santo André.

Era reserva da seleção brasileira que tinha acabado de vencer naquele dia o Sul-Americano, quebrando uma hegemonia de onze anos da equipe peruana. Você só estava na seleção porque a Isabel e a Jackeline se recusaram a disputar o campeonato porque eram contra patrocínio na camisa", jogaria várias vezes na cara dela o Dante, anos depois, sempre que brigavam e ela batia nele com a palma da mão de trinta centímetros, um metro e oitenta e dois e, cada vez, menos magra. Hoje usa cabelo curto, tipo escovinha, com laquê, todo espetado, duro mesmo. Numa olimpíada poderia ser confundida com um levantador de pesos. Búlgaro.

Mas, naquele dia, sua altura era perfeitamente proporcional com o corpo. Perfeita. A seleção comemorava o título e Gemma estava triste, cabeça baixa. Tinha entrado duas vezes durante a partida, em momentos decisivos, apenas para

dar seu saque mortal. Errou os dois.

Mas sorriu quando recebeu um bilhetinho trazido pelo garçom:

— Gemma, o saque não é tão importante assim. O que importa é o depósito! Sorria... Dante.

Ela esticou o pescoço como um periscópio e deu de cara com Dante e Virgílio, duas mesas ao lado. Dante deu um tchauzinho. Ela engasgou com a picanha. Seis meses depois, aos vinte anos, Gemma abandonava, de véu e grinalda, seu promissor futuro na seleção brasileira, para se dedicar de corpo e alma aos depósitos de Dante.

Agora, 25 anos depois, Dante consegue, finalmente, fazer a aplicação da velhinha. Ela fica felicíssima, agradece várias vezes ao gerente e vai embora bengalando. O computador apita. *E-mail.* Dante abre, lê. Fica lívido e pasmo, como diria Eça. Virgílio percebe, vai até a mesa dele. E lê.

— Fodeu!

Naquele dia, na churrascaria, Dante também estava triste, muito triste. Sua amada, sua paixão havia anos,
Beatriz, com dezoito anos, tinha ganhado uma bolsa para estudar bale em Paris. Beatriz havia prometido que iria ficar apenas um ano. Nunca mais voltou. E Dante nunca-nunca-nunca se esqueceu dela. Durante 25 anos ela não deu mais notícias. Principalmente depois que Dante escreveu dizendo que iria se casar. Dante, cada vez que apanhava de Gemma de dia, sonhava com Beatriz de noite. Não com uma Beatriz de quarenta e poucos, que ele não conhecia, mas com uma Beatriz de dezoito, linda, maravilhosa, meiga principalmente. Bico do seio cor-de-rosa, que Dante chegou a ver uma única vez, dentro do fusca, num rápido lusco-fusco pré-sexual.

O e-mail:

Aqui é a Bia Florence. Descobri seu endereço!!! Estou voltando

definitivamente para o Brasil. Fui convidada para dirigir uma escola de balé em São Paulo. Chego amanhã, no vôo 2352, da Europe Flight, em Guarulhos. Adoraria que você estivesse no aeroporto me esperando. Você me levou, lembra? Seis da manhã, se não atrasar, é claro. Nunca te esqueci. De verdade. Vai, vá... Até amanhã. Tout bien?

Beatriz. Aquela.

Ou tudo é uma fantasia minha e você nem se lembra de mim?

Virgílio olhando para a tela e para Dante. Para Dante c para a tela. Dante, distante:

— Seis da manhã... Guarulhos? Beatriz? O que é que eu vou dizer para a Gemma para acordar às quatro da manhã?

Virgílio coça o queixo. Dante, a cabeça. Virgílio, suando:

— Estou tendo uma premonição.

— Pelo amor de Deus, Virgílio! Não começa com essas viadagens!!!

A premonição era de que o avião iria cair na baía da Guanabara.

II

Já era a segunda vez naquela semana - e estamos na quinta-feira - que Gemma fazia o seu 'irresistível' risoto de calabresa.

— Por isso que engorda! Massa, calabresa, gordura - dizia Dante com a cabeça em Beatriz, que ele imaginava ainda magrinha.

— Vai começar de novo, Dante Alberto?

Quando ela chamava Dante de Dante Alberto é
porque estava preparada para a briga. Dante calou- se. Começou a comer um pouco, já que Gemma se incumbia do resto, fora a sobremesa, um pudim, que devemos creditar como delicioso. Dante quieto.

— F, nem estou tão gorda assim!

Estava, mas Dante não estava mais ali.

— Amanhã vou ter que acordar cedo. Receber em Congonhas o Bacamarte que chega da Europa.

— O Bacamarte? Não sabia que ele estava na Europa.

— E por que haveria de saber?

Gemma não respondeu. Dieta ela não conseguia mesmo fazer para baixar os quilos a mais dentro dos um metro e oitenta e dois.

— Vou acordar às quatro e meia...

Voltou o silêncio. Não na cabeça dele, que não via a hora de se encontrar com a sua Beatriz.

No mesmo prédio, dois andares acima, Virgílio acabava de comer seu miojo com salsicha, feito um café com açúcar mascavo, escolhido o livro dos contos completos do Machado de Assis. No meio do conto "Uma senhora", veio de novo a premonição. O avião da Beatriz vai cair. Tenho que ir ao aeroporto com o Dante.

Dante agora está na cama. São duas da manhã c ele não consegue dormir. Pensa na Beatriz enquanto ouve o sonoríssimo ronco de Gemma. E a respiração da patroa é péssima, pois não é um movimento sonoro uniforme que dá até para dormir se entrar no ritmo dele. Não, ele toma sons desencontrados repentinamente e faz com que a respiração de Dante se sob ressalte. Agora ela vira as pernas para cima dele. Como estarão as pernas de Beatriz? Ronca?

Agora estamos na marginal Tietê, ainda escuro.

— Eu preciso te contar, Dante, eu tive mesmo uma premonição sobre a Beatriz.

— Nem me conte, nem me conte.

Minutos depois o rádio interrompeu a música e narrou a premonição. O avião que trazia Beatriz de Londres caíra na baía da Guanabara. Não havia ainda notícia de sobreviventes.

— Era isso - disse baixinho Virgílio quase para si mesmo.

Dante encostou o carro no acostamento. O rádio disse que voltaria em instantes com mais detalhes da catástrofe. Virgílio não sabia o que dizer. Silêncio. Chico cantava no rádio o que será, o que será que andam murmurando...

A lista dos passageiros. Em ordem alfabética. Beatriz era uma das primeiras. Virgílio passa a mão na cabeça de Dante, que agora chora.

Dante voaria para o Rio e Virgílio para o banco, para ficar na gerência. Que inventasse uma desculpa. Dante não sabia se a Beatriz tinha parentes no Brasil. O parente era ele. Ligou para Gemma que foi acordada num péssimo mau humor

e explicou que teria que levar o Bacamarte até o Rio.

Dante, mesmo depois de tantos anos, teve que identificar o corpo. Reconheceu a sua amada, morta afogada, inchada, descabelada. Estava lá um irmão dela, Diogo, que ajudou na identificação.

— Sabe o acidente do Rio? Estava aquela minha ex-namorada. A Beatriz. O velório é agora de noite. Preciso ir lá.

— A bailarina, a tal da Beatriz?

— É, Gemma, a tal da Beatriz.

Saindo da sala, Gemma ainda disse:

— Coincidência demais, né? Você estar no Rio na morte dela...

Dante não quis discutir. Colocou um terno escuro, uma gravata discreta.

— Não sei a que horas volto.

Gemma, sem ser agressiva, ajeitou a gravata dele.

— Você nunca esqueceu essa moça, não é?

Depois, cínica:

— Meus sentimentos.

Dante acendeu um cigarro, virou um copo de uísque sem gelo quase inteiro, fez uma careta e foi se encontrar com a Beatriz dentro de um caixão com um cheiro forte de flores.

Quase ninguém no velório. Umas tias, primas, o irmão Diogo. Pouco a pouco as pessoas foram se retirando, inclusive o irmão da falecida. Duas da manhã apenas Dante e Virgílio faziam vigília. Virgílio foi embora. Tinha o banco no dia seguinte.

Agora estavam ali ele e ela, 25 anos depois. Um vivo, sofrendo, e a outra morta, com um quase sorriso no rosto, serena, como se estivesse dormindo, descansando. Dante em pé ao lado dela, tentado a dar um beijo, colocar suas mãos nas mãos cruzadas dela. Mas temia a frieza dos mortos. Preferia ficar com

o calor do último encontro dentro do velho fusca. Lenço encharcado, revia todos seus encontros, os beijos, os amassos. Nunca haviam feito sexo, já que naquela época essas sacanagens não rolavam. Mas os beijos - ele olhava para os lábios dela, que pouco haviam se modificado - eram inesquecíveis. As juras de amor eterno, os sonhos, os planos. Sentou-se e dormitou até quando começaram a chegar as pessoas de novo.

Agora o caixão já está descendo e, em cima dele, pás de terra.

Dante e Diogo trocaram cartões, mas provavelmente nunca um iria procurar o outro. Agora Beatriz era passado para os dois.

Dante não foi para o banco.

— Passou a noite com ela? - foi o último comentário de Gemma, que não estava nem aí.

O passado havia morrido, acabado. E ela iria começar um regime na segunda-feira, sem falta. A rival estava definitivamente enterrada.

Dante foi direto para o seu escritório e ligou o computador para ver se se distraía um pouco. Abriu os *e-mails.*

Tinha um endereço muito estranho. Muito. O remetente era beatriz@purgatorio.gov.com.pu.

Estupefato, receoso, abriu.

Meu amor. Adorei você ter ficado a noite toda ao meu lado. Cheguei bem. Estou no Purgatório, f: lindo aqui. Dou notícias. Beatriz, ainda sua. Mais do que nunca, sua.

Dante, lívido, se recostou na cadeira, leu umas cinco vezes, entre cinco goles de uísque e dois cigarros.

— Quem foi o engraçadinho? Eu mato!!!

III

Gemma não poderia ter sido. Ela não saberia criar um endereço daqueles, pensava Dante enquanto se dirigia para o banco. Virgílio!, quem mais? Era típico do humor dele. O ódio ao amigo foi aumentando quanto mais perto da agência estava.

Entrou, foi direto para a mesa onde Virgílio conversava com uma mulher linda, um tanto perua, com um cabelo meio hebe, mas interessantíssima, beirando os quarenta. Dante não esperou que Virgílio completasse as negociações. Pegou o amigo pelo braço e o arrastou para o andar de cima, para o banheiro onde ele costumava fumar.

Pegou-o pelo colarinho, esquecendo os anos e anos de amizade.

— O que eu queria era te matar! Matar!

Batia com a cabeça de Virgílio contra a porta da privada que ia e vinha para fora. Virgílio não conseguia entender nada, nada.

— Mas... Mas... Ficou louco? Me larga!

— Como é que você teve a coragem de fazer isso comigo? Não pode nem respeitar a minha dor? Bicha!!!

Nunca Dante havia chamado Virgílio de bicha. A situação estava feia, pensou Virgílio.

Entra o superintendente Bacamarte no banheiro e vê os dois atracados.

— Mas o que é isso? Virgílio, você deixou a minha esposa sentada na sua mesa! E o senhor, Dante, não usa mais trabalhar? - disse enquanto abria a

braguilha.

Os dois se recompuseram como puderam. Dante pegou duas toalhas de papel e limpou o rosto suado. Virgílio acertou a gravata que quase o tinha enforcado.

O superintendente Bacamarte chacoalhou três vezes, fechou a braguilha e saiu sem lavar as mãos. Mas, ao chacoalhar, Virgílio viu o cabo de um revólver na cintura dele.

Ficaram os dois.

— Pelo amor de Deus, Dante, o que deu em você?

Dante, tentando manter a raiva, tira um papel
do bolso e mostra para ele. Virgílio olha uma folha em branco.

— Mas o que é isso? É uma folha em branco.

— Em branco, seu idiota? Olha aqui o endereço:
beatriz@purgatorio.gov.com.pu.

Virgílio não via nada na folha A4. Dante leu:

Meu amor. Adorei você ter ficado a noite toda ao meu lado. Cheguei bem. Estou no Purgatório. É lindo aqui. Dou notícias. Beatriz, ainda sua. Mais do que nunca, sua.

O amigo olhou para Dante com pena. Era a primeira das muitas provas de que Dante estava mesmo abalado com a morte de Beatriz. Dante estava ficando louco.

— Dante, escuta o seu velho amigo. A morte de Beatriz te abalou. Não tem nada aqui. Você está delirando.

— O que é, tá me chamando de louco? É isso, é isso? Pois vamos lá em casa para você ver no meu computador.

— Dante, pensa um pouco, você está querendo me provar que a Beatriz te mandou um *e-mail* do Purgatório? Dante, raciocine. Caia em si.

Dante pega novamente Virgílio pelo colarinho.

— Confesse!!! Eu não estou doido. Confesse de uma vez que foi você, que eu me acalmo.

Virgílio não tinha mais nada a dizer. Apenas pensava: endoidou.

— Atende a porra da mulher do Bacamarte. Eu espero. Depois vamos lá para casa.

— Não posso deixar o banco sem gerente e sub- gerente. Ainda mais com o Bacamarte por aí fazendo auditoria.

— Te espero em casa às sete da noite!

Mijou e saiu batendo a porta. Virgílio, nervoso, trancou-se na privada. Preocupado e com dor de barriga. Daquelas. Soltou o intestino e segurou a alma. Tremia.

Depois de atender Marisa Bacamarte, o próprio Bacamarte se aproximou.

— Exijo uma explicação.

— Ontem morreu um ex-amor do nosso Dante. Ele está meio fora de si. Foi um baque muito grande.

— Pois ligue para o RH e marque uma consulta com o psiquiatra do banco. É muito bom. Eu mesmo já estive com ele. (e, mais baixo) Andei tendo uma série de ciúmes da Marisa há uns dois anos. Infundados, é claro, (já na porta) Só tem doido nesse banco!!!

Pelas pernas de fora da dona Marisa, Virgílio achou que os ciúmes não deviam ser assim tão infundados.

— Hoje mesmo falo com ele, seu Bacamarte. Prometo.

Na tela, Dante lia para Virgílio - pela segunda vez - o *e-mail* de Beatriz.

— Você vai me desculpar, Dante, mas não vejo
nada na tela.

— Ai, meu saco!!!

— O seu Bacamarte pediu para eu marcar uma consulta para você com o psiquiatra do banco, o doutor Júnior. Já marquei. Amanhã às dez da manhã.

Dante olhou para ele incrédulo, sentou-se na poltrona preferida de fumar, tomar o seu uísque e ler os jornais. E ele fumava, bebia e não lia jornal algum. Apenas pensava para onde devia mandar o Virgílio, o seu Bacamarte e o doutor Júnior.

— Dante, somos mais que amigos, somos irmãos. Vamos conversar com calma.

Dante deus duas tragadas e dois tragos.

— Doutor Júnior, era só o que me faltava. Psiquiatria! Nunca estive tão lúcido na minha vida. (deu um tempo) Você acha mesmo, Virgílio, que eu estou pirando?

— Certeza. Já pirou. O abalo da morte, passar a noite com o corpo da falecida, que Deus a tenha... Mas convenhamos. Conversa com o psiquiatra. Pensa bem, Dante, receber um *e-mail* do Purgatório... É grave! É alucinação, meu amigo. O seu Bacamarte te dá uma semana. Vamos comer a comidinha da Gemma, vamos. Antes, me sirva mais uma dose.

Depois de uma hora os dois saíram do escritório de braços dados e ligeiramente embriagados. Gemma rosnou, grunhiu, rezingou fumando seu charuto fedido, que o marido odiava.

O jantar transcorreu em paz, sem risoto e sem Gemma saber e nem desconfiar de nada, tomando seu vinho tinto. Dante foi se acalmando - talvez pelas doses de uísque e achando que tudo era mesmo alucinação. Mas...

Antes de dormir, Dante abriu de novo seu computador. Havia outro recado de Beatriz:

Te convidei para entrar no MSN. Aceite, plisi.

Dante abriu correndo o MSN Messenger. Pernas bambas. Ele aceitou o convite. Lá estava Beatriz esperando, beatriz@purgatorio.gov.pu. Dante escreveu: *um momentinho.* Saiu correndo, subiu as escadas a pé. Queria pegar o cara no pulo. Virgílio abriu a porta de pijamas, olho meio fechado. Estava dormindo. Não era ele.

Desceu. Voltou para a página do Messenger. Ela estava lá.

— Quem é você, idiota? - escreveu Dante.

IV

Surge na tela:

Em primeiro lugar, Dante, tenho que lhe avisar que agora estou usando um notebook *que nao tem teclado brasileiro. Portanto, nao tem acentuacao e nem cedilha. Entendeu (interrogacao).*

- Olha, cara, seja você quem for, acho que está indo longe demais. Está me fazendo de idiota c atrapalhando a minha vida. Não quero saber quem você é e nem de onde tecla. Só quero que pare com isso!!! Que este seja o nosso último contato.

Dante, me ouça. Eh a Beatriz, a sua Beatriz. Por favor, meu amor.

— Meu amor, o *cazzo!* Pode muito bem ser um homem, tirando sarro com a minha cara. Imagina, alguém me escrevendo de um computador, do Purgatório.

Isso se chama TCI. Transcornunicacao Instrumental.

— Vá à merda!!!

Dante desligou o Messenger, desligou o computador. Mas, antes, salvou a conversa e imprimiu.

TCI, era só o que me faltava.

O computador se liga novamente. Sozinho. Dante se afasta, empurrando a cadeira de rodinhas para trás. E ouve a voz da Beatriz. Não tinha dúvida. Era ela, com aquele sotaque gaúcho que ela nunca havia perdido, apesar de ter se mudado para São Paulo com quinze anos.

Vou lhe contar como é o Purgatório. E quem está aqui.

Dante arranca todas as tomadas das paredes. Silêncio absoluto. Vai para a

casa do Virgílio. Mas passa pela sala antes. Gemma coloca o corpo na frente do dele. O muro de Berlim

— O que está acontecendo com você?

Dá um empurrão e ele cai no sofá. Começa a chorar. Gemma senta-se ao lado dele, faz carinho no cabelo dele.

— Precisa de ajuda?

— Vou num psiquiatra amanhã.

— Quer falar?

— NÃO!

Dante se desvencilha dela, serve uma dose de
uísque. Disca.

— Virgílio, estou ouvindo vozes.

Chega Gemma:

— Toma um Lexotan... Relaxa...

Dante toma o Lexotan com um gole de uísque. Seja o que Deus quiser.

Deus lhe lembrou Purgatório.

— Inferno!

— Meu Deus do Céu...

— A partir de hoje, aqui dentro desta casa não se fala mais em Céu, Purgatório e muito menos em Inferno. Fui claro?

— Dante, apesar de não fazermos sexo há sete ou oito anos, a gente é amigo... Desabafa, meu amor.

— Vou no Virgílio. - Virou o copo de uísque e saiu. Gemma sentou-se, ligou na novela das oito, mas
não se concentrava.

"Será que o Dante e o Virgílio... Não, o Dante não iria dar uma guinada a essa altura da vida. Mas não se largam! Será?" Virgílio:

— Antes que você venha me falar do Purgatório, preciso de uma opinião sua. A Marisa Bacamarte quer fazer um empréstimo de 500 mil reais dando como garantia uma fazenda do marido dela, nosso querido superintendente.

— Mas o Bacamarte sabe que o banco não permite avalista funcionário. Fim de papo.

— Ontem no banheiro, quando você estava tentando me matar, eu vi uma arma na cintura dele.

— Virgílio, estou com tantos problemas que não vou pensar em banco agora. É o seguinte. Ela conseguiu ligar o meu computador "lá do além" e depois entrou a voz dela. Queria me descrever o Purgatório.

Cínico:

— E como é o Purgatório?

— Desliguei todas as tomadas do escritório. Tenho que ir no tal do doutor Júnior - vê se isso é nome de psiquiatra - amanhã, antes que eu veja a Beatriz entrando na minha casa e levando uma porrada da Gemma que, coitada, não está entendendo mais nada.

— Fico contente. Você tem mesmo que se tratar. Foi um choque muito grande.

— É, eu estou ficando mesmo doido. Onde já se viu? E ela me disse que isso é normal, essa comunicação. Chama TCI.

Virgílio que, como já foi dito, é espírita, tenta explicar:

— TCI significa Transcomunicação Instrumental. É quando se usa aparelhos eletrônicos para falar com os mortos sem a intermediação de um médium.

— Pô, cara, agora vai começar a acreditar em tudo? Quer me confundir? Me enlouquecer mais ainda? Só vim aqui para você confirmar o psiquiatra.

— Já te disse. Tá marcado. Dez horas.

No doutor Júnior.

Dante falou, falou, falou, contou tudo. Enquanto isso, observava a foto do Sigmund Freud bem atrás do doutor Júnior. Depois olhava para o doutor Júnior. Eram idênticos. Mas o doutor não fumava charuto. Pelo menos durante a sessão. Júnior tinha um pequeno tique nervoso no olho esquerdo. Dava uma série de piscadinhas, vez ou outra. Principalmente quando falava.

— Quer dizer que ela está no Purgatório e manda *e-mails* para você.

— Isso.

Dante mostra o *e-mail* para ele. O doutor olha para a folha em branco e para o retrato de Freud e seu charuto, como a pedir uma luz.

— E ela conversa com você no Messenger.

— Isso.

— E ela consegue ligar o seu computador lá do Purgatório.

— Isso. Aí eu desliguei todas as tomadas quando ela ameaçou me explicar como era o Purgatório e quem estava lá. (longa pausa) É grave, doutor Júnior?

— Interessante, muito interessante, interessantíssimo. (longa pausa) Como era a sua relação com a senhora sua mãe?

— O senhor vai me desculpar, doutor, mas a minha mãe não tem nada a ver com isso. Nem conhecia a Beatriz. Vamos nos ater ao presente.

— E a sua amizade com o Virgílio? Pelo telefone pude perceber que ele é meio...

— *Gay*, É *gay*, sim. Algum problema? O senhor não está querendo insinuar...

— Psicanalista não insinua nada. Me fale de seu relacionamento sexual com a sua esposa.

— Doutor, eu só quero saber se estou mesmo doido varrido ou não. Vamos deixar a Gemma e o Virgílio de lado. Não misturemos a clara com a gema.

— Talvez, com isso, você esteja querendo afastar o foco do problema. Gemma e Virgílio.

"Ai, meu saco", pensou Dante.

— Seu caso me interessa. Muito. Se incomodaria se eu fosse até a sua casa, ver como é quando você se comunica com ela?

— O senhor está me gozando ou falando sério?

— Me de o seu endereço. Vou hoje à noite à sua casa. Se me permitir, é claro. Levo o vinho. Tinto, gosta?

Dante contou tudo ao Virgílio, que achou o psiquiatra pior do que o Dante. E deu uma idéia.

— A minha empregada é médium. Das boas. Vamos levar ela também.

— A Terezinha? Aquela quase anã?

— Das boas. Já recebeu Leonardo da Vinci, mas não tinha a menor idéia de quem fosse. Um desperdício para a cultura mundial.

Vemos agora, na frente do computador, Dante, Virgílio, doutor Júnior e Terezinha, toda humilde.

Gemma, como fazia todas as noites neste dia da semana, estava no supermercado.

— Liga a máquina - disse o doutor Júnior.

V

Dante ligou o computador e foi direto para o Outlook. Sentado ao lado dele, o doutor Júnior com um bloquinho de notas. Atrás, Virgílio e Terezinha, na ponta dos pés para conseguir ver a tela.

— Olha aí, duas mensagens da Beatriz. Ou seja lá de quem for.

Virgílio c o doutor Júnior não viam nada. Apenas uma com o título "Aumente seu pênis"

— Abra uma dela - disse o doutor Júnior.

Dante abriu. Ninguém via nada. A tela em branco. Dante leu.

O que eu vou ter que fazer para voce acreditar em mm, meu amor (interrogacao). Fiquei muito magoada quando voce desligou o MSN na minha cara.

Dante abriu a outra. Era uma relação de nomes de pessoas que estavam no Purgatório. Terezinha, tendo uns tremeliques:

— Eu estou lendo, eu estou lendo, seu Virgílio!

Alívio de Dante. Deixa eu imprimir que você
mesma vai ler para todo mundo, Terezinha. Dante imprime e dá uma folha para o doutor Júnior. Em branco. Ele passa para Virgílio. Branco total. Terezinha pega a folha.

— Quer que eu leia tudo?

— Por favor, Terezinha.

Quem acabou de chegar foi o dramaturgo Gian francesco Guarnieri quejah

estah escrevendo uma peca de teatro chamada "Arena conta Purgatorio". Brasileiros que eu já encontrei: Caio Fernando Abreu, Ana C, JK, Machado de Assis, Sérgio Porto, Noel Rosa, Cartola, Samuel Wainer$_y$ Nelson Rodrigues, D. Pedro II e tantos outros. Marilyn Monroe, James Dean, Janis Joplin, a orquestra inteira de Glenn Miller, Elvis Presley, Galileu Galilei, John Lennon$_y$ Sinatra, Nat King Cole, Nixe.

— Nietzche.

— Isso. Freud (ela leu Freude), Leonardo da Vinci...

— Não disse? - atalhou Virgílio.

— Sigmund Freud? Ora, ora... Continua, continua - apressou-se o doutor Júnior.

— Esse nome aqui eu não sei ler.

— Jimi Hendrix.

Cervatites e Camões, inseparáveis. Seu pai e sua mae, meu amor. Mandam beijos. Acabou.

— Papai e mamãe? Eu juraria que estavam no Céu. Dois santos!

Fez-se um silêncio mortal no escritório. Os quatro se olhavam e ninguém dizia nada.

— Tou dispensada? O feijão tá na panela de pressão, seu Virgílio.

Terezinha saiu como se estivesse saindo de uma visita a uma comadre, achando tudo aquilo normal, banal. Ficaram os três. O primeiro a falar foi o doutor Júnior.

— O caso me interessa. Interessante, muito interessante, interessantíssimo.

Dante tinha um sorriso no rosto. Então era verdade. Se até a Terezinha tinha lido, ele não estava louco. Mas o próprio doutor Júnior jogou um balde de água

fria.

— Resta saber se é ela mesmo quem está escrevendo isso.

Dante deu um tapinha nas costas dele.

— Mas como o senhor me explica que para vocês a folha estava em branco e para a Terezinha, que é médium, e para mim, não?

— É um mistério - disse o psiquiatra enquanto acendia seu charuto. Sim, ele fumava. - Uma vez perguntaram ao Freud se ele não achava o charuto um símbolo fálico, no que ele respondeu: "Às vezes um charuto é apenas um charuto".

Virgílio entendeu:

— Mas o que isso tem a ver com a experiência que estamos tendo aqui?

— Nada - e deu uma baforada. - Não sei por que me lembrei disso agora.

O psiquiatra marcou uma sessão extraordinária com Dante para a manhã seguinte. Oito da manhã e saiu soltando fumaça.

— Acredita agora, Virgílio?

Virgílio, apesar de meio espírita, não sabia bem o que dizer. Mas Dante sabia:

— Vamos subir, vamos comer o feijão da Terezinha.

Estava bom, como sempre, o feijão. Fora o
quiabo. Quando Terezinha veio com a sobremesa, Dante pediu que ela se sentasse à mesa. Ela olhou para o seu Virgílio. Nunca tivera aquela intimidade. Virgílio indicou a cadeira. Ela sentou-se na pontinha, com os pés quase não se encostando no chão, balançando.

— Posso te fazer algumas perguntas, Terezinha?

— Se estiver ao meu alcance.

— Tenho certeza que sim. Você é médium, não é?

— Sim. Deus me deu este poder.

— Indo direto ao assunto: você pode receber a Beatriz, numa sessão?

Terezinha pensando um pouco. Dante:

— Me diz, se ela aparecer, eu posso ver?

— Talvez...

— Mas você pode?

— Posso sim, senhor.

— Quando podemos fazer uma sessão?

— Tem que ser na minha casa. Mas não posso garantir nada.

Virgílio atalha:

— Nós te damos uma carona hoje.

— Moro longe, seu Virgílio, o senhor sabe.

— Não tem problema, né, Dante?

Dante entrou em casa e encontrou-se com Gemma tirando compras e mais compras dos sacos dos supermercados.

— Não sei pra que tantos sacos. Um exagero! A gente gasta dois por dia no lixo e sobram uns trinta. Não tenho mais onde guardar sacos de plástico.

— Vou sair hoje de noite.

Gemma colocou as duas mãos nos ombros de Dante e forçou-o a sentar-se no banquinho da cozinha.

— Preciso conversar com o senhor.

— Tá tudo bem.

— Tá não! Pensa que eu sou idiota, Dante? (pausa) Nós ainda somos pelo

menos amigos, já te disse. Divida comigo o que está te afligindo desde a morte da Beatriz.

— Afligindo? Imagina...

— Dante, se eu fosse burra, você não teria se casado comigo, não teria me agüentado esses anos todos. Se eu estou perguntando é porque eu quero te ajudar. Você não pode imaginar como têm sido suas noites, teu sono. Você nunca foi assim.

— É porque você ronca.

Gemma coloca uma *pizza* no *freezer.*

— Vai, desembucha. Hoje, por exemplo, agora de noite, aonde você vai? Por que não me convida?

Agora meiga:

— Dante, sou sua mulher, sua companheira. De uns dias para cá, ou fica trancado no escritório ou sobe para a casa do Virgílio. Me fala, numa boa.

— Está tudo normal.

Dante levou um tapa de esquerda. Um saque, um *ace.*

— Parece que você só entende essa linguagem. Às vezes, penso que você é doente mental, que gosta de apanhar. Onde é que eu enfio esse monte de sacos?

Dante pensou em responder onde ela deveria enfiar os sacos, mas preferiu ficar quieto.

— A casa c pequena, mas o coração é grande. Vamos entrando.

Dante, Virgílio e Terezinha levaram quase duas horas para chegar à casa da empregada. Uma casa simples, mas muito limpa, muito bem cuidada. Numa estante, de relance, Dante pôde observar que devia ter quase a obra completa do Chico Xavier. E dá-lhe Alan Kardec.

— Vou passar um cafezinho. Num instante. Saiu para a cozinha logo ali. Os dois se sentaram.

Virgílio:

— Nervoso? - falou baixinho

— O que você acha, Virgílio? O que você acha?

VI

Enquanto Terezinha preparava o cafezinho na cozinha, em voz baixa, os dois conversavam na sala. Dante:

— Me explica como funciona isso.

— A Beatriz pode incorporar na Terezinha - nesse caso ela só utiliza as cordas vocais dela - da Terezinha. Digamos que o texto é da Beatriz, mas a voz é da Terezinha.

— Mas isso não vai me provar nada. Quem me garante, Não dá para ver a Beatriz? Pensei que eu fosse ver ela.

— Calma. Posso explicar?

— Deve.

— A Beatriz também pode aparecer, mas é raro. São as materializações. Acontece assim: existem vários tipos de mediunidade e cada efeito mediúnico requer um tipo de mediunidade, tá acompanhando? Tem os médiuns de incorporação ou psicofonia, tem médiuns videntes, só ouvintes, escreventes ou psicógrafos, médiuns de efeitos físicos e por aí vai.

— Não quero saber de teoria, Virgílio! Quero ver e ouvir a Beatriz. Pode ser? Qual é a graça de ouvir a Beatriz com a voz da Terezinha? Quem me garante que é ela, a Beatriz?

Entra Terezinha com o cafezinho, numa bandeja com um paninho rendado e tudo que tem direito.

— Açúcar ou adoçante?

Durante o café:

— Desculpa a ignorância, Terezinha, mas ela pode aparecer? Eu posso ver, falar com ela?

— Nunca se sabe. Depende da vontade dela e do ectoplasma.

— Claro, do ectoplasma...

Terezinha tira a bandeja, coloca um pano branco em cima da mesa, fecha a janela da sala. Diminui a luz do ambiente e senta-se. Terezinha se concentra numa oração, baixinho, que nenhum dos dois consegue entender.

— Se ela aparecer, dura no máximo trinta minutos, pois o meu esforço é muito grande. Podemos começar?

Ela começa outra oração. O coração de Dante esta a 180 por minuto. Suas mãos suam. Ele limpa o suor da testa. Terezinha fica de cabeça baixa, se balançando de um lado para o outro, lentamente. Dante e Virgílio ficam se olhando. Passam-se uns dez minutos e nada.

De repente, e, pouco a pouco, começa a se desprender do rosto da Terezinha um fluido leitoso, meio branco, como se fosse um algodão sem forma.

— (bem baixinho) Isso é o ectoplasma. A Beatriz
vai se materializar.

O tal do ectoplasma começa a sair dos ouvidos, do nariz e da boca de Terezinha, que parece estar noutro mundo. Dante treme.

— O ectoplasma vai se transformar no corpo de Beatriz - disse, mais baixinho ainda, Virgílio.

O ectoplasma vai se condensando na frente dos três e dando forma física ao espírito de Beatriz, que flutua a uns cinco centímetros do chão de cimento batido. Ela aparece tal como Dante a viu pela última vez, com dezoito ou dezenove

anos. E nua.

Dante não sabe o que pensar e muito menos o que falar. Terezinha está em transe, nem olha para Beatriz. Dante fica olhando o corpo da mulher amada de cima até aos pés, lindos, sem nenhum sinal de um futuro joanete.

Beatriz abre um sorriso largo com sua boca carnuda. E fala:

Vou ficar pouco, Dante. Está sendo um esforço muito grande para a médium.

— Beatriz... Você está linda.

Amanhã, uma da tarde, horário do Brasil, entra no Messenger. Nunca deixei de te amar, mas quando soube que havia casado logo depois da minha viagem...

— Não vamos discutir isso agora.

Virgílio se mete:

— Mande um grande abraço para o Leonardo da Vinci.

— Porra, Virgílio! Desculpe, Beatriz. Como você está me vendo? Com a idade de agora, ou com vinte anos.

Com vinte. Agora eu vou.

Dante, com as pernas bambas, tenta se aproximar dela, tocar, mas ela vai se desmaterializando. Some. Terezinha sente um alívio. Está cansada, muito cansada a nossa médium.

Todos estavam cansados.

— Tinha que usar o meu tempo perguntando pelo Da Vinci?

— Não me segurei. Paixão antiga.

— O que? Era viado, o cara?

— O Leo? Casado!

Terezinha passa uma toalha no rosto.

— Vou tomar um banho. Com licença.

Ficam os dois, em silêncio.

— Desculpa.

— Tá desculpado.

Novo silêncio.

— Como está se sentindo?

— Primeiro, com a certeza de que eu não estou doido. Tudo isso é verdade. Queria que o doutor Júnior estivesse aqui.

Tinha uma garrafa de cachaça ali. Virgílio logo achou dois copinhos.

— Pra relaxar.

— Você já tinha visto alguma coisa assim?

— Não. Só os espíritos falando pela voz do médium. Tu deu a maior sorte. Pára de tremer, cara!

Dante vira o copo de cachaça e enche outro.

— Meu Deus... Meu Deus... Meu Deus...

— Realmente o bico do seio é cor-de-rosa.

— Ah é, tu ficou observando?

— Pára com isso, Dante. Sabe que eu gosto de bicos peludos. Peludíssimos.

Novo e longo silêncio. Virgílio interrompe.

— Será que todo mundo no Purgatório anda pelado ou a Beatriz veio assim só para atiçar?

— Pra mim que você vem perguntar isso, Virgílio? E olha o respeito.

— É, lá não deve ter lojas de roupas, né?

— Que papinho, Virgílio...

Volta Terezinha.

— Foi bom para vocês?

Dante tira uma carteira e pega cem paus.

— Nem pensar. Isso não é o meu ganha-pão. Foi um dom que Deus me deu e só uso para ajudar as pessoas. Meu ganha-pão mesmo é o arroz com feijão.

— Faço questão.

— O senhor está me ofendendo, seu Dante...

— Desculpa. Só tenho então que te agradecer por tudo isso.

Dante se abaixa e beija o rosto da médium- quase-anã.

— Que Deus lhe conserve este dom.

— Quando precisar... É só falar com o seu Virgílio...

Dante estava muito emocionado e com as pernas ainda trêmulas. Pediu para Virgílio ir dirigindo.

— Vamos para um bar qualquer. Preciso beber mais. Não consigo relaxar.

Chegou bêbado em casa, pra mais da meia-noite.

Gemma esperava, acordada.

— Bêbado de novo?

Gemma sobe para o apartamento de Virgílio, que abre a porta completamente embriagado. Gemma:

— Era o que eu imaginava, seu viado!!! Gemma desce pela escada, senta-se num degrau
entre um andar e outro e chora como há muito tempo não chorava.

VII

O doutor Júnior ouviu toda a narrativa do seu I paciente Dante, sobre o trabalho da Terezinha. Não tão paciente assim, porque não conseguiu dormir um único minuto durante a noite. Agora eram oito da manhã e ele estava no consultório do psiquiatra, num dos últimos andares da agência central do banco. A experiência da casa da Terezinha iria mudar a sua vida. Ou a sua morte.

O doutor Júnior estava pasmo, digamos assim. Pasmo e excitado. E com planos na cabeça. Mas, antes de dizer seu plano, levantou-se da sua poltrona de couro marrom (todo psiquiatra tem uma poltrona de couro marrom, já percebeu?) e andava pela sala semi-escura. Vejam o rodeio que o médico deu até chegar a uma proposta concreta ao sonolento Dante.

— Freud e Jung, meu querido Dante, em seus estudos, suas pesquisas, nunca levaram muito em consideração isso de Céu, Purgatório e Inferno. Eram ateus. Estavam preocupados com os sonhos aqui mesmo da terra, com hipnose, com as catarses.

Abriu um pequeno armário e tirou uma garrafa de uísque. Dante olhando. Oito da manhã... Colocou gelo da geladeirinha. Serviu duas doses.

— Mas a essa hora, doutor Júnior?

— Vai lhe fazer bem. Corta a ressaca e o medo. E vamos deixar pra lá essa de doutor Júnior. Pode me chamar de Juninho.

— Juninho?

— Juninho. Ficou claro, na noite em claro, se me permite o trocadilho, que, de louco, você não tem nada. Estamos vivendo uma realidade concreta, embora inusitada. única, ímpar. De agora em diante somos apenas amigos. E sócios...

— Sócios???

— Depois de me formar em medicina na Federal aqui de São Paulo, fiz a minha especialização em psicanálise e o primeiro emprego que surgiu foi este aqui. Aqui, nesta mesma sala. Aqui enterrei meus sonhos e meu futuro. Meu sonho era ser um dos maiores psiquiatras do Brasil. Fui me acomodando. Enfim, meu amigo Dante Alberto, me sinto um fracassado. Mas...

Deu um trago, no que foi acompanhado por
Dante.

— Mas... - repetiu Dante.

— Tenho uma proposta. Digna, que me colocará entre os maiores psiquiatras do Brasil e do mundo, longa pausa) Escrever a sua biografia autorizada.

— O que é isso?

— A sua vida, desde a mais tenra idade. Até começarmos pra valer mesmo a partir da queda do avião da Beatriz e os primeiros *e-mails.* Vamos ficar milionários. Vamos vender mais que o Paulo Coelho, muito mais do que Harry Potter, mais do que a própria Bíblia, Dante Alberto.

— Por favor não me chame de Dante Alberto. Odeio este nome... Juninho.

— Meio a meio nos direitos autorais. Depois virá o filme, depois novela das oito na Globo. Ou na BBC de Londres, que deve pagar melhor.

— Mas eu não quero dinheiro. Quero a Beatriz.

Além do mais, não estou em condições de pensar nisso agora.

— Não temos pressa. Sua epopéia está apenas começando. Vou grudar em você. Vou ser seu biógrafo ao vivo. Se possível, até dormir na sua cama para ver se você fala alguma coisa enquanto dorme. Aqui entra Freud. Os sonhos.

— Estou meio tonto, Juninho.

— Toma mais uma dose que acorda de vez. Pode confiar em mim. Sou médico, não se esqueça.

Juninho serve mais duas doses. Coloca mais gelo.

— Imagine o último capítulo: você entrando no Purgatório!!! Imagine a cena nas telas de cinema, com efeitos especiais, fumaças, nuvens, um *show* com Elvis Presley, um *close* no bico cor-de-rosa.

— Mas para entrar no Purgatório eu tenho que morrer. E isso não está nos meus planos.

— Detalhe, detalhe.

Dante começou a perceber que Juninho estava ficando bêbado e ele quase dormindo. E não conseguia se esquecer do corpo da Beatriz flutuando a cinco centímetros do chão, sorrindo, com o corpo de dezoito anos. E a boca sempre com aquele sorriso. E nua, pra deixar ele doido de vez.

Juninho estava mesmo viajando. Olhando para o teto:

— O título: "O Purgatório (A verdadeira história de Dante e Beatriz)". Hein, hein?

— Preciso saber o que a Beatriz pensa disso – e deu mais um gole, que agora desceu liso, liso.

Despedidas e Dante saiu.

Juninho, a sós, encheu o copo.

— Deus existe!!! E o Purgatório tá logo ali... (rodopia pela sala) Sem falar nas palestras pelo mundo afora.

Dante, apesar dos dois uísques, do sono, da excitação e da paixão renovada, resolveu passar no banco, mesmo estando de licença-saúde. Tinha que resolver o caso da dona Marisa Bacamarte.

A dona Marisa, que é a mulher do superintendente, como você deve se lembrar, foi se desculpando por interromper o sossego-licença do gerente. Mas precisava fazer logo aquele empréstimo.

E foi preparada para a guerra. Em primeiro plano Dante viu aqueles seios quase de fora, turbinados, com certeza. Mas interessantes. Mas não como as pernas aveludadas da Beatriz. Dobrou a perna ao se sentar e puxou falsamente a minissaia um pouco para baixo mas, mesmo assim, ainda bem acima do bem torneado joelho bronzeado.

— Estou disposta a fazer qualquer negócio, Dante.

E acendeu uma cigarrilha.

— Como assim?

— Qualquer coisa. Você me entendeu. Fora os vinte Por cento de praxe.

Ela apagou a cigarrilha depois de dar apenas duas tragadas e entregou um cartão de visitas. Atrás, colocou o seu celular. Piscou, sorriu, sua bunda saiu caminhando e sumiu.

Virgílio veio até a mesa de Dante.

— O dia vai ser longo. O Juninho quer escrever a minha biografia e essa perua quer dar pra mim.

— Juninho? Já estão assim? íntimos?

— Me deu alta. Agora somos amigos. Virgílio, tá todo mundo me oferecendo dinheiro. Acho que vai ser um Inferno a minha vida.

— Vai não, vamos nos divertir muito.

— Como "vamos"?

— Bem, eu espero poder te ajudar.

— Hoje a Beatriz vai entrar no Messenger.

No almoço em sua casa, tinha risoto. Aquele, com calabresa. O casal em silêncio. Mastigando.

— Chegou bêbado ontem! Além de não dormir a noite toda, andou bebendo de manhã. De novo! Está com um bafo horroroso. Vai me dizer o que está acontecendo com você ou vai continuar com essa cara de bunda?

Dante continuava a comer seu quadragésimo risoto, calado.

— Quero o divórcio!!! - disse Gemma com a boca cheia.

— Nem morta!!!

VIII

Uma da tarde (horário de Brasília), no Messenger.

Dante diz:

Desculpe a pergunta, mas todo mundo anda nu no Purgatório?

Beatriz diz:

Sim, também no Céu (viu?, hoje estou usando acentos...) e no Inferno, segundo estou informada.

Dante diz:

Mas...

Beatriz diz:

Ah, vocês, pobres mortais... E, para você, eu apareço com a idade que eu tinha quando você me conheceu. E se você ligar a webcam *vou te ver como te vi na casa da empregada do Virgílio. Com vinte anos. Ainda com cabelos, rsrsrsrsrsrs*

Dante diz:

Sei... Mas o Céu não seria melhor? Foi o que sempre me disseram.

Beatriz diz:

O problema é o cenário e a trilha sonora. Muito azul e branco. Mas tem muita gente boa lá. Pessoas que não abusaram muito aí na terra do prazer sem culpa. Não sei se você me entende... O Pequeno Príncipe está lá. Muito anjo, muita harpa... Anjos com trombetas. Descobri o sexo dos anjos. Depois te conto. Mas cá entre nós, Dante, o que se comenta é que o Céu é um saco! Muita reza, sabe, Música de elevador.

Dante diz:

E aí no Purgatório?

Beatriz diz:

Aqui no Purgatório estão os doidos, entre aspas. Mas ninguém quer sair daqui, não. Não temos as regalias que se tem no céu, mas convivemos com pessoas mais interessantes, mais vividas. Me entende?

Dante diz:

Tá feliz aí?

Beatriz diz:

Muito. E você aí?

Dante diz:

Minha vida é um inferno, Beatriz. Um inferno!!!

Beatriz diz:

Você sabe como é o Inferno? Um galpão imenso com milhares, milhões de sofredores datilografando, um imenso escritório burocrático e um som que vem lá de fora, 24 horas por dia: "Pamonha de Piracicaba! Pamonha de Piracicaba!" Temperatura de cinqüenta graus. No inverno. Um suadouro danado de brabo.

Dante diz:

Pois a minha vida está mais ou menos assim. Até a pamonha tem.

Beatriz diz:

Vem pra cá!!!

Dante diz:

Mas pra isso eu tenho que morrer...

Beatriz diz:

... e cometer uns pecadinhos básicos, sem exagerar, é claro. Esem culpa! Terminou meu tempo. A fila está enorme. Sabe quem está aqui atrás de mim? Martin Luther King.

A conexão sumiu. Dante tentou, uma, duas, três vezes. Desligou o computador, ligou de novo e nada.

Foi para a sala. Gemma estava assistindo a *Vale a Pena Ver de Novo.* Era uma cena com a Natália do Vale c o Osmar Prado. De repente, ele notou que a voz da Natália não era a da atriz, mas a da Beatriz. Encheu um copo de uísque e sentou-se.

— Deu pra ver novela, agora? Mais bebida?

— Psiu...

Natália/Beatriz, falando com o Osmar Prado: *Você vai receber uma carta minha. Eu lhe explico tudo. O uso de computador aqui é muito complicado.* Osmar Prado:

— Mas quem são os maiores acionistas da empresa?

Natália/Beatriz:

Ainda hoje, meu amor. Ainda hoje. Osmar Prado:

— Sempre desconfiei daquela megera.

Toca a campainha. Gemma vai abrir. É a dona
Zizé.

"Não me faltava mais nada. A dona Zizé!!!", pensou Dante, de olho na Natália do Vale.

No que ela entrou Dante saiu, cumprimentando a sogra friamente. Sessenta e cinco anos, aparentando bem menos. Mas cara de sogra daquelas.

— Tem conhaque nesta casa, Gemma Margarida?

— Entra, mamãe.

Agora estamos no banco. Dante conta tudo para Virgílio que ouve atentamente.

— Perguntou do Leonardo?

— Que Leonardo, Virgílio?

— Da Vinci, Da Vinci!!!

— E você acha que eu, ali, naquela pressa, ia me preocupar com o Leonardo da Vinci?

— E precisa ficar bravo? Se esqueceu que foi a Terezinha quem te fez acreditar em tudo?

Entra Juninho com uma pasta.

— Sabia que ia encontrar os dois aqui.

Virgílio faz um sinal de silêncio para ele. O superintendente Bacamarte entrara em cena. Dá um tapinha nas costas de Dante.

— E o empréstimo da minha mulher?

— Precisamos conversar, seu Bacamarte.

— Converse com ela, converse com ela. O empréstimo é dela.

Bacamarte segue seu destino depois de espirrar fortemente.

Quem quebra o gelo é o Juninho:

— Escrevi o primeiro capítulo. Vamos para o boteco da esquina. Estou louco para saber o que você acha.

— Primeiro capítulo do quê?

— *O Purgatório (A verdadeira história de Dante e Beatriz).* Um primor, meninos. Escrevi com a alma enlevada, nas nuvens, próxima ao Purgatório.

Enquanto isso, na casa de Gemma.

— Minha vida está um inferno, mamãe. Não bastasse a senhora beber, agora o Dante Alberto deu uma recaída. Está bebendo até de manhã.

— Ele andava mesmo muito chato com aquela sobriedade dele.

Gemma não sabe como falar com a mãe. Dá voltas pela sala. Dona Zizé dá

goles de conhaque.

— Fala de uma vez, menina! Você acha que ele voltou a beber por quê?

— Ê difícil, mãe. Mas... Ele... e o Virgílio...

— Aquela bicha ali de cima?

— É.

— O que têm os dois? São amigos de infância, até onde sei. Mc passa a garrafa.

— Pois. Eu estou desconfiada que os dois...

— Gemma Margarida!!! Parece que bebe!!!

— Chamei a senhora para passar uns tempos aqui com a gente. Se ele tem que beber, que beba com a senhora, e não alguns andares acima da nossa cama.

— Filha, pirou? Imagina, o Dante!!!

— Vamos ficar de olho. Pensando até no divórcio.

— Toma um conhaquinho, toma.

— Sou uma atleta! Não bebo álcool e nem tomo Lexotan!

Iodos bebem no boteco, juninho começa a leitura.

— "Das naus errantes quem sabe o rumo se é tão grande o espaço"?

Virgílio interrompe.

— Mas isso é Castro Alves puro!!!

— É mesmo? Coloco umas aspas e não se falariais nisso.

— ... se é tão grande o espaço, fecha aspas, vírgula, como dizia o poeta dos escravos, Castro Alves.

Dante, dando um gole:

— Mas começar com Castro Alves? Por quê?

— Por causa do "se e tão grande o espaço" O Purgatório fica no infinito, meu caro.

Virgílio mastiga uns amendoins. E fala de boca cheia.

— Um pré-parnasiano! Isso não vai dar certo...

Juninho abaixa o papel e os olhos, chateado.

Dante pensa: "Morrer e ir para lá, se é tão grande
o espaço". E sai.

Na casa de Gemma, uma carta cor-de-rosa entra por baixo da porta. Endereçada ao seu marido. Ela abre, desconfiada. Três folhas de papel cm branco.

Gemma rasga tudo e joga no lixo da cozinha.

— Eu, hein!!!

— Quer risoto, mãe? Saindo do forno...

IX

Lá no boteco, Virgílio e Juninho travam uma batalha intelectual sobre estilo. Virgílio:

— O estilo, Juninho, tem que ser banal. André Gide dizia...

Juninho corta, ríspido:

— Viado! Gide era viado!

Virgílio não se abala.

— Caso não saiba, doutor Júnior, também sou homossexual c muito bem resolvido.

Juninho engole um caroço de azeitona e toma mais uma dose. Não fala nada porque não tem o que argumentar. Virgílio, mantendo a calma, continua.

— Como eu dizia, André Gide, francês e contemporâneo de Machado de Assis, já dizia, antes mesmo do modernismo chegar aqui no Brasil, que, quanto ao estilo, "tem que se procurar o banal, para tornar-se o mais humano possível". E, se me permite, esse seu primeiro capítulo está um horror. Um horror!!! Pode rasgar e começar do zero. Comece com a infância e a adolescência do Dante no interior. Nisso eu posso te ajudar. Mas procure transformar a banalidade em arte. Este é o estilo.

— É?

— É. A saideira?

Juninho concorda com a cabeça e fica olhando fixo para Virgílio.

— Me desculpe a pergunta, mas, como eu sou o biógrafo oficial do Dante, preciso de uma informação. Ele também é *gay?*

— Não, Juninho. O Dante não é *gay.* Posso lhe assegurar.

Agora Dante está sentado no chão, mexendo 110 lixo da cozinha. Depois de Gemma ter jogado as três páginas "em branco" no lixo, por cima ainda salpicou o resto do risoto com calabresa do almoço e a sopa do jantar.

Dante já havia feito a conta, bancário que era. Gemma havia rasgado as três folhas três vezes. Isso significava que ele teria que recolher 24 pedacinhos de papel.

Encostada na porta da cozinha estava a dona Zizé, muito mais pra lá do que pra cá.

— Já lhe disse, rapaz, as folhas estavam em branco. Eu vi.

— Por favor, dona Zizé, posso trabalhar em paz?

— Você está bêbado.

— Não tanto quanto a senhora.

Vira-se para ela:

— Vai embora quando?

— A sua esposa quer que eu fique até você ficar bom.

— Nunca estive tão bem na minha vida.

— Não é o que parece.

— Faltam três.

Dona Zizé olha. Em cima da pia tem vários pedaços de papéis rasgados e imundos, melecados. Um nojo. Dante mete a mão lá no fundo do lixo e acha os últimos. E pensa:

"Será que, se eu lavar, vai sair a tinta? Acho que não. Tinta de Purgatório deve ser especial".

Dante começa a lavar papelzinho por papelzinho. Dona Zizé pensa: "Ele está pior do que a Gemma Margarida me disse".

-Vai mais um conhaquinho?

— Uísque, dona Zizé. Uísque. Se eu misturar, posso ficar ruim.

Zizé sai, preocupada. Talvez fosse mesmo melhor o divórcio? Seu genro estava ficando louco varrido. E ela ainda não havia visto nada. Pois, quando volta para a cozinha com o copo de uísque, vê Dante desdobrando a tábua de passar.

— Ainda dá para ler - diz o nosso herói, heroicamente.

Pega o copo, abre a geladeira, enche de gelo. De longe, dona Zizé diz um tim-tim e ele, ligando o ferro, diz tim-tim. Ela se aproxima e olha para os papeizinhos. Tudo em branco.

— Dá pra ler, é?

— Nitidamente.

Passa o ferro em cada um dos 24 pedaços, bate o seu copo no de dona Zizé, entra no seu escritório e se tranca. Não dá para olhar pelo buraco da fechadura, dona Zizé logo percebe.

Se fosse só uma folha, seria fácil montar o quebra-cabeça. Mas três, era mais difícil. Demorou uma meia hora. Durex em cima de tudo. Dava, sim!, dava para ler tudo. E ele leu. Uma, duas, três vezes.

Foi para a sua poltrona, sentou-se, pensava, pensava, pensava e ali adormeceu. Imaginava que iria sonhar com a Beatriz. Mas não sonhou. Beatriz não era qualquer uma para aparecer em sonho de simples mortais. Ectoplasma!!!

Dante acordou mais ou menos às sete e meia. Gemma e dona Zizé dormiam. Foi até o apê de Virgílio. Virgílio estava no banho, ele ouvia no corredor. Sentou-se no chão atento ao barulho da ducha cessar para tocar a campainha. Já

havia lido a carta mais duas vezes. Sabia quase de cor e salteado. Principalmente salteado, dadas as juntas das conexões entre um papelzinho e outro.

A porta se abre e não é Virgílio. É um rapagão negro, alto, bonito, quem sai.

— Oi, tio. O Edgard ainda está dormindo.

E se dirige para o elevador.

"Edgard"...

Dante entra, dá uma geral na sala. A festa do Edgard com o garotão foi boa. Abre a porta do quarto.

— Dênis?

— Dante! O Dênis tomou um banho e foi embora, Edgard.

— Ê a vida, Dante... - disse meio envergonhado o amigo Virgílio.

— Mas eu queria falar com você sobre a morte.

— Mas deixa eu acordar primeiro?

— Vai tomar um banho, vai. Foi bom?

Virgílio senta-se na cama, cotovelos nos joelhos, as duas mãos no rosto.

— A falta de amor de sempre.

Andares abaixo. Dona Zizé e Gemma tomam o café-da-manhã.

— Talvez seja o caso de internar. Ele lavou pedacinho por pedacinho dos papéis em branco que você jogou no lixo, Gemma Margarida. Depois passou a ferro, um por um! Um por um, com uma cara de ansiedade muito da esquisita.

— E não desligou o ferro! Vi na cozinha, assim que acordei. Podia ter colocado fogo na casa toda.

— Não é caso de divórcio. É de internamento numa boa clínica. O banco deve dar um jeito de internar ele. Não deve ser o primeiro bancário a pirar.

— Talvez. Vou hoje mesmo falar com o psiquiatra do banco.

— Mas tem uma... Ele não está agressivo comigo, como sempre foi.

— Mais uma prova de que está doido.

— É, é melhor internar.

Virgílio sai do banho. Dante mostra a carta. Virgílio olha, enxugando os cabelos.

— Agora, além de ser em branco, vem rasgada. Isso tá virando uma esculhambação.

— Foi a Gemma que... Deixa pra lá. Mas aqui estão todas as instruções para a minha morte.

Virgílio olha pasmo para ele.

— O que foi que você disse?

— Eu preciso morrer, Virgílio, o quanto antes. Partir direto do Inferno para o Purgatório. Senta aí.

— Posso me vestir?

— Pode, "Edgard"... Pode.

X

Dante já havia lido uma vez as três páginas para Virgílio. Estavam agora no carro, a caminho do banco.

— Leia outra vez - pediu Virgílio.

Ali, no congestionamento absolutamente normal da Doutor Arnaldo, ao lado do cemitério. Dante leu. Inteira.

Virgílio:

— Vamos recapitular. Lá no Purgatório tem uma espécie de termômetro, ao qual a Beatriz tem acesso, onde marca a intensidade dos pecados que nós, próprios mortais, cometemos.

— Exatamente. Vai de zero a dez. Quem faz de zero a três de intensidade de pecado vai para o Céu.

Quem faz de sete a dez de intensidade, vai para o Inferno. E quem peca de quatro a seis, vai para o Purgatório, como diz a Beatriz. Cinco é o ideal. Tenho que cometer cinco dos dez pecados dos mandamentos, mas não muito e não pouco. Ali, na intermediária. Um pecadinho legal, sem culpa. E três dos pecados capitais. Ou seja, tenho que pecar oito vezes, mais ou menos. Ou seja, posso desejar a mulher do próximo, mas não posso chegar às vias de fato. Acho que é mais ou menos assim.

— E ela, lá do Purgatório, vai te controlando: um pouquinho mais. Tá exagerando!!! É isso?

— Pelo que eu entendi, é. E depois tenho que morrer, é claro.

Silêncio. Virgílio olhando para o muro do cemitério.

— Mas você não pode se matar.

— Claro que não. Isso é grau dez. Vou direto para o inferno. O que eu sei é que tenho que cometer os pecados e morrer. E cair nos braços da Beatriz.

— Nua!!!

— Um mínimo de respeito é bom e eu gosto.

— Vamos ter que fazer uma planilha. Vamos ter que organizar pecado por pecado.

Novo silêncio. Virgílio.

— O Da Vinci, nada, né?

— Calma, depois a gente trata do seu problema. Mas você gosta tanto dele assim?

— Paixão, Dante, paixão.

— Entendo, Virgílio, entendo.

No consultório do doutor Júnior, ele fuma seu charuto, olhando seriamente para Gemma e dona Zizé. As duas se entreolham.

— Realmente ele tem estado aqui algumas vezes. Estou tratando dele.

— Mas ele está cada vez pior, doutor Júnior. Tá lendo papel em branco. Já viu isso?

— Calma, Gemma Margarida, deixa o doutor falar. E o doutor pensava. Se o Dante for internado,
vai dificultar e muito o seu projeto de escrever o livro sobre a vida (e talvez a morte) de Dante. Dante tem que ficar à solta.

— O caso dele não é tão grave. Estresse. Muito comum em bancários.

— Estressado ele sempre foi, doutor Júnior. Agora ele está doido. E bebendo o dia inteiro.

Dona Zizé se lembrou da bebida, tirou uma garrafinha da bolsa, se agachou atrás da mesa de mogno e deu um bom trago. O primeiro do dia sempre desce como uma luva.

— Eu proponho, dona Gemma, mais alguns dias de terapia intensiva. Uma internação é algo muito sério, no momento. Ele irá conviver com pessoas realmente loucas, doentes. A senhora nunca leu *O alienista?* Pode traumatizar para o resto da vida. Temos que ter calma, muita calma.

Gemma olhava para o doutor Júnior.

— Doutor Júnior, me permita a pergunta assim à queima-roupa: meu marido é homossexual?

— Minha senhora, o que eu ouço aqui dentro é segredo como se isso aqui fosse um confessionário da Igreja Católica. Existe uma ética, minha senhora. Ética!!!

E a cinza do charuto caiu na calça dele.

— Mas, por outro lado - prosseguiu o psicanalista como eu converso com ele fora daqui$_r$ e com o Virgílio - este sim! - posso lhe garantir que o seu marido não é homossexual.

— Mas será que nào poderia estar, digamos assim, passando por uma fase, um momento? intervém dona Zizé.

— Não.

— E um charuto, o senhor me oferece? - disse Gemma.

Quem estava sentada na cadeira da mesa de cliente de Dante? Madame Bacamarte. Depois dos cumprimentos de praxe, e das olhadas de Dante nas pernas e nos seios dela, ele passou umas cinco folhas para ela. 'Iodas em três

vias. Estava enrolando a mulher.

— A senhora me preencha essas vias e me traga o quanto antes.

— Tudo bem, mas nunca mais me chame de senhora.

— Desculpe, tudo bem. Mas em se tratando da esposa do chefe...

— Eu não tenho chefe. Sou independente. Entende a extensão desta minha frase?

— Creio que sim.

Ela se levanta, dá a volta na mesa, dois beijos em Dante e sai requebrando, acompanhada do inocente olhar de Virgílio.

— já está desejando a mulher do próximo?

Dante muda de assunto.

— A Planilha dos Pecados, onde está?

— Calma, até de noite vamos ter. Nós temos que decidir quais dos dez pecados vamos atacar c quais dos três pecados capitais.

— Bem observado.

— Mas tem uma coisa que a Beatriz não explicou na carta. Como é que você vai saber a nota que você está recebendo lá 110 Purgatório? Como é que vamos controlar a intensidade? Manda um *e-mail* para ela.

— Eu nunca entrei em contato com ela. É sempre ela quem toma a iniciativa.

— Bem, quando falar com ela, então, não se esqueça do Da Vinci.

— Pode deixar.

Dante fica observando Virgílio, que ficou meio inquieto desde que citou Leonardo da Vinci.

— Algum problema, Virgílio? Estou te achando meio tenso, nervoso.

Virgílio foi para a sua mesa, que ficava a menos de cinco metros da de Dante. Dante ficou observando Virgílio. Ele estava diferente. Algo estava mudado nele. Conhecia seu velho amigo. Foi até ele, puxou uma cadeira e sentou-se bem próximo.

— Virgílio, você não está bem. E não minta. O que está acontecendo?

Virgílio, com as duas mãos, segurou a mão direita de Dante.

— Dante, é exatamente isso. Somos amigos de infância... Passamos a maior parte do dia juntos. E você... E você, Dante, vai morrer! É duro pensar nisso. E mais, quer a minha ajuda nesse seu plano maluco. Isso dói. É como se tivesse um punhal me rasgando aqui por dentro.

E Virgílio começou a chorar.

XI

Ali, na mesa da subgerência, Virgílio chorava. Dante alisava sua enorme (do Virgílio) cabeleira. Passa o superintendente Bacamarte, fustiga os dois.

— Mas o que e isso? Estamos num banco!

Olha meio desconfiado para os dois. Será?

Dante se antecipa.

— Desculpa, seu Bacamarte, o Virgílio acaba de receber um telefonema. Uma tia. Uma tia que praticamente o criou. Morreu.

— Tia Zizé... Tia Zizé...

Bacamarte, seco:

— Meus sentimentos. E vocês dois vão chorar lá no banheiro de cima.

Lá no banheiro de cima, Virgílio continua a chorar. Dante não sabe como justificar a sua própria morte ao velho amigo. Toca o celular de Dante.

— Alô? Beatriz (Virgílio pára imediatamente de chorar)?

— Fala do Leonardo da Vinci - diz Virgílio limpando as lágrimas.

— Ahn, ahn, ahn, ahn. Zerar, né?

— Fala, Dante! - implora Virgílio.

— Estou entendendo. Partir do zero. Claro, faz sentido. Não vejo a hora de te ver.

— Vai, Dante.

— Beatriz, um momentinho só. Sabe o Virgílio? Ele mesmo. (Virgílio abre um sorriso) Ele quer se comunicar com o Leonardo da Vinci. É possível, ele é fácil de ser localizado aí?

— Pergunta se a comunidade *gay* é grande lá.

— Sei, entendo. Ele é muito fã dele. Verdadeira veneração. Eu digo a ele... Ok, ok, vou zerar hoje mesmo. Outro, meu amor.

Dante desliga, abre a janela do banheiro, olha para uma mangueira.

— Será que tem manga no Purgatório?

— Fala, fala o que ela disse do Leonardo.

— Disse que lá não é a casa da mãe joana. Mas vai tentar. Tentar, ela disse.

— Já é alguma coisa. Ah, Leonardo... (volta à realidade) Que história é essa de zerar?

Dante fumando na janela do banheiro, distante, explica.

— Antes de escolher os pecados da Igreja e os pecados capitais a cometer, é preciso se confessar, pedir a absolvição de todos os pecados que cometeu até hoje. Ficar limpo, zerar, entende, Virgílio? Pra depois começar a missão. Começar do zero.

— Acho que tenho um livrinho lá em casa que pode te ajudar na confissão. Há quanto tempo você não se confessa?

Dante pensa bem, faz contas.

— Desde que a gente saiu do Salesiano. Trinta anos...

Noite. Agora estamos no apartamento do Virgílio. Terezinha tirando a mesa. Virgílio pede para ela se sentar, ela fica sem jeito, encabulada. Ele aponta a cadeira à sua frente. Terezinha, como da outra vez, senta-se na pontinha da cadeira, tentando colocar a ponta do pé no chão.

— Terezinha, você pode fazer baixar qualquer espírito? O Leonardo da Vinci, por exemplo?

— É amigo do senhor?

Ri.

— Não. Não, uma vez ele te apareceu... Morreu há mais de quinhentos anos.

Terezinha se levanta.

— Sou médium, seu Virgílio. Não sou mágica. A não ser que ele queira. Mas como é que o senhor vai avisar ele? Posso trazer o cafezinho?

— Pode. Pode levar isso na casa do Dante, depois?

E deu para ela uma cadernetinha vermelha. Na primeira página estava escrito: Colégio Salesiano D. Henrique. Caderneta Escolar. Rezas e Cânticos. 1976.

Andares abaixo, Gemma, dona Zizé e Dante comiam. Na verdade, quem comia era a Gemma. Tomava uma sopa. Dante tomando conhaque com a dona Zizé. Os três em silêncio.

— O juninho que disse que vocês querem me internar.

As duas não falam nada.

— Não se preocupem comigo. Vou procurar um padre depois do jantar.

Ambas:

— Um padre???

— Vou me confessar.

— Tá vendo, mãe? Tá doido! Doidinho!

— Vou zerar meus pecados. Quando voltar, serei um homem limpo. Puro!

Batem à porta. Gemma abre. Terezinha:

— Licença. Para o seu Dante. Boa noite.

— Obrigada. Boa noite.

Gemma examina a caderneta escolar de Virgílio.

— 1976? Cânticos?

Dante pega a caderneta da mão dela e vai para seu escritório.

Dona Zizé segura no braço de Gemma.

— Minha filha, acho que ele descobriu Jesus.

— Isso é bom ou ruim?

— Sei lá. Me passa a garrafa. Hoje em dia tão falando até que o Judas Iscariotes era do bem...

— Não me diga!

Gemma volta à sua sopa. Não está entendendo mais nada. Judas, o traidor confesso! Parece até que se matou de remorso. Não foi esse?

Dante folheando a caderneta. "A tua caderneta é o espelho da tua vida escolar; é o índice da tua educação; é um documento para o presente c para o futuro; tem, pois, com ela o máximo cuidado. Sabe-se, pois, que a caderneta com escritos, adulterações, rabiscos, garatujas (sic) ou rasuras, será inexoravelmente (sic) inutilizada; e a caderneta de substituição, por penalidade, se adquirirá pelo duplo do preço".

Primeiras páginas com os carimbos de presente ou ausente, Na página da direita recados e avisos; "limo Padre Conselheiro. Virgílio faltou às aulas dos dias 8-9-10-11 por motivo de doença. Obrigada. Joana". Depois vinham as notas, mês a mês. E, depois, todas as orações (em português e latim, todas as músicas e até mesmo o Hino Nacional, Hino à Bandeira (Salve lindo pendão - lembra?).

Mas vamos ao que interessa, pensou Dante e foi para uma página onde estava escrito: Preparação Para a Confissão. Mandamento por mandamento. Para cada

mandamento, umas dez ou mais perguntas. Para você ter uma idéia, vou transcrever só a do primeiro mandamento, Amar a Deus Sobre Todas as Coisas: *tenho deixado de rezar as orações diárias por preguiça? Tenho rezado voluntariamente sem devoção? Tenho deixado de aprender o catecismo? Tenho voluntariamente duvidado de alguma verdade da fé? Tenho tido vergonha da minha religião*? Dante parou de ler. Tinha cometido todos os pecados acima.

Foi para o sexto mandamento: não pecar contra a castidade.

- *Tenho pensado voluntariamente em coisas desonestas? 'lenho olhado de propósito para coisas desonestas? Tenho prestado atenção a conversas desonestas? Tenho lido coisas desonestas?, conversado disso, cantado alguma cantiga desonesta? Tenho faltado ao pudor despindo-me levianamente à vista de outra pessoa? Tenho feito coisas desonestas? Tenho deixado os outros fazer isto comigo?*

Fora o último quesito, Dante era um pecador nato e, segundo o que ele entendeu, coisa desonesta era peito e bunda de mulher. Partiu logo para a igreja. Tinha uma perto da casa dele, onde nunca havia entrado.

— In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen. Conte seus pecados, meu filho.

— Todos, padre... Todos. Todos!

— Todos-todos?

— Todos-todos!!!

XII

O padre aproximou os olhos da gradinha com mau hálito (a gradinha que tinha mau hálito, não o padre). Do outro lado um homem descabelado, todo molhado.

Sim, assim que saiu de casa começou a chover e Dante foi correndo até a igreja. O sacristão já estava fechando a porta principal.

— O padre está?

— São nove horas. A igreja fecha às nove. Dante passa um lenço no rosto, o sacristão tenta
fechar a porta, Dante coloca um pé entre a porta e a parede.

— Preciso falar com ele. Cometi um pecado horroroso!

— Mortal?

— Mortalíssimo. Tenho medo de morrer esta noite do coração e ir direto para o Inferno.

O sacristão fez o sinal-da-cruz e afrouxou a porta. Dante empurrou e foi direto para onde ele imaginava ser a sacristia. O padre, jovem, já estava de calça lee e tênis. Pegando uma raquete de tênis. Levou um susto.

— Já fechamos, senhor.

— A igreja nunca pode estar fechada para atender um pecador como eu! Eu peço, imploro!

O padre olhou para aquele pinto molhado, balançou a cabeça, tirou de novo a batina do armário, pegou um livrinho.

— Sente-se.

— Mas aqui?

— Qual o problema?

— Não, padre. Faz muito tempo que eu não me confesso e aqui... não sei, não confio muito. Não tem mais confessionário hoje em dia?

O padre se levantou e fez sinal para que ele o acompanhasse.

No confessionário:

— In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen. Conte seus pecados, meu filho.

— Todos, padre... Todos. Todos!

— Todos-todos?

— Todos-todos!!!

O padre aproximou os olhos da gradinha com mau hálito (a gradinha que tinha mau hálito e não o padre). Do outro lado um homem descabelado, todo molhado.

— Todos-todos? Inclusive de morte? Matou alguém?

— Sim, padre. Três!

— Três??? E nunca foi preso?

— Que isso fique entre nós. Foram três abortos e eu convenci as meninas. O senhor entende. A Igreja, até onde eu sei, condena o aborto.

— Sim, sim.

— Às vezes, nem sempre, faço amor com camisinha. A igreja condena,

não condena? Não é pecado sexo sem camisinha?

— O senhor me fez perder a aula de tênis para falar em aborto e camisinha?

— Não apenas isso, padre. Está escrito aqui na caderneta escolar, sobre o sexto mandamento: tenho olhado de propósito para coisas desonestas!!!

— O que o senhor chama de coisa desonesta?

— Mulher, ué! Mulher dos outros, claro.

O padre coça a cabeça.

— Quando eu vou ao médico e ele pergunta se eu quero com ou sem nota. Eu falo sem nota e ambos estamos sonegando o fisco. Isso não é pecado? Vendi um carro e na declaração coloquei um preço mais baixo. Isso não é pecado?

— Meu filho esse negócio de político desonesto, de corrupção, nota fiscal, não é problema da Igreja. É comum. Já é praxe.

— Não senhor. Está se esquecendo que o filho d'Ele invadiu o mercado e foi dando chicotada em todo mundo por causa do comércio desonesto?

— Falemos de pecados concretos.

— Quer dizer que tudo isso que eu falei aí, tá limpo, fica assim mesmo? Se eu morrer vou para o céu?

O padre tinha certeza de estar conversando com um louco.

— Dos pecados normais, o que o senhor tem a dizer?

— Toda vez que vejo uma mulher - com todo o perdão da palavra - gostosa, eu digo: pelo amor de Deus!!! Só aí estou cometendo dois pecados: olhando para coisas desonestas como diz aqui no catecismo e usando o santo nome de Deus cm vão. Não vou à missa há trinta e cinco anos. Juro por qualquer bobagem. E juro por Deus. Minto. Como carne cm dias santos. Deixa eu ver se

me lembro de mais alguma coisinha...

O padre olha no relógio.

— Basta, meu filho. Reze duas ave-marias e cinco pai-nossos e arrependa-se de todos os pecados. Vá com Deus.

— Tou zerado?

— Como?

— O senhor e o Senhor estão me absolvendo de todos os meus pecados?

— Sim, meu senhor. Sua alma está limpa e muito agrada a mim e ao Senhor.

— Sinto um alívio. Sua bênção, padre.

— Deus te abençoe.

Dante faz o sinal-da-cruz, sai do confessionário e se ajoelha no banco ao lado para a penitência. O padre chega perto.

— Reze em casa mesmo. Estamos fechando a igreja.

— É verdade.

Dante sai, aliviado, zerado, puro. Ate aqui tudo bem. O Purgatório que o aguardasse. E guardasse. E pensando que havia sido muito bom o padre mandar ele rezar a penitência na casa dele porque ele não tinha muita certeza se ainda sabia aquelas orações de cor. Até havia ouvido falar que o Pai-Nosso tinha uma modificação no final. Alguma coisa ligada à ofensa. Acho que era isso.

Mas pensava mais, o nosso herói sem nenhum pecado. Ele estava mesmo se sentindo mais leve, solto, achando a chuva, que agora batia com força no seu rosto, algo de Deus mesmo, como se estivesse purificando ele. Ele estava sendo lavado. Corpo e alma. Deus existia. E havia criado o Purgatório.

Virgílio e Juninho estavam no apartamento do primeiro. Juninho queria dados da infância de Dante para recomeçar a escrever a biografia de Dante. Juninho,

com seus tiques nos olhos, insistia na formação cristã de Dante, primeira comunhão, se ia à missa. Virgílio não acreditava que Juninho seria capaz de escrever nada de bom. E quanto mais ele falava da infância e adolescência dos dois, pensava: ele vai morrer. E isso doía. Também pensava em Leonardo da Vinci, pensava e invejava Francisco Melzi, "discípulo" do grande mestre e que herdou toda a obra do velho amante. Mas se o Leonardo estivesse no Purgatório, Melzi também deveria estar, apesar de morrer cinqüenta anos depois. Mas a Beatriz ia ajudar. E Virgílio se lembrou que precisava fazer uma planilha de pecados para o Dante.

Dona Zizé tava noutra.

— Gemma Margarida, você já percebeu que está crescendo?

— O que é isso, mãe? Tá doida ou bêbada? Ou as duas coisas? Continuo com os meus um metro e oitenta e dois.

Dona Zizé pega uma fita métrica, encosta a filha na parede e mede.

— Um e oitenta e seis. Sua mão também está crescendo.

— Que horror!!!

— Isso é uma doença, tem nome. Aquele escritor argentino, o Júlio Cortázar tinha isso (dona Zizé adorava o realismo fantástico dos escritores latino-americanos). Acro... acro... acromegalia! É isso, acromegalia, ou gigantismo.

XIII

— A senhora bebeu demais, (pausa) Um e oitenta e seis?

— Ê, minha filha, você cresceu quatro centímetros de um tempo pra cá.

Entra Dante molhado e feliz. Serviu uma dose de uísque.

— Que a paz de Deus esteja nesta casa!

E foi para o escritório ver se tinha *e-mail* da Beatriz.

— Tou crescendo?

— Tá, minha filha. Deu pra crescer.

Tinha *e-mail* da Beatriz.

Hoje notebook com acento e cedilha. Antes de mais nada quero te dizer um negócio incrível. Aqui a gente consegue se lembrar de tudo que fez na vida, em detalhes, lembrando até os diálogos. Mas só dos acontecimentos da vida que nos deram prazer.

E hoje, me lembrei do dia que nós nos conhecemos. Eu com 15 anos e você com 16. Vejo a cena. Vejo e ouço os diálogos. Lembra onde foi? No boliche lá da avenida Santo Amaro. Enquanto me lembro e vejo a cena, ouço o nosso diálogo adolescente. Você, desajeitado, foi arremessar a bola, ela saiu pulando, foi para a outra pista e caiu em cima do meu pé. Lembra? Vejo agora você correndo para mim. Você e mais uma porção de gente.

— *Desculpa, desculpa. Machucou muito? Desculpa, foi a primeira vez*

que joguei uma bola de boliche. Acho que era muito leve para mim. Consegue se levantar?

Me vejo levantando, te encarando e, muito da boba, dizendo:

— *Cresça e apareça, pirralho. Podia ter me matado.*

Depois você foi para a sua mesa e eu para a minha. O garçom está colocando gelo no meu calcanhar. Você vem até mim, insistente, e diz a bobagem:

— *Você não tem joanete.*

Alguns anos depois você me explicaria o seu problema com joanetes. Mas você ainda morava no interior e eu estava chegando do Rio Grande do Sul. Agora percebo nitidamente você conseguindo o meu telefone com um amigo comum que estava na mesa.

Me ligou tio dia seguinte, o desastrado.

Tem daqui a pouco um show *com a orquestra do Glenn Miller. Te escrevo depois contando como foi.*

Beijos. Já zerou os pecados? Tá limpo?

Beijos. Muitos.

Da sua Beatriz!!!

Ah, fala para o Virgílio que eu conversei com o Clóvis Bornay e ele ficou de entrar em contato com o Leonardo da Vinci. Parece que são muito amigos. Me disse o Bornay que o da Vinci adora as fantasias dele. Não me explicou que tipo de fantasias, rsrsrsrsrs.

Volto depois.

Dante abre o segundo *e-mail* dela, remetido quatro horas depois.

Estarei no MSN-Messenger à meia-noite, horário de Brasília. Te amo como nunca. Beá.

O *Glenn Miller arrasou.* Moonlight Serenade *foi demais.*

Dante olhou no relógio. Eram dez e meia.

Voltou para a sala. Dona Zizé e Gemma estavam sérias.

— Posso saber o que está acontecendo?

Dona Zizé ao telefone:

— Doutor Fábio Guanabara de Carvalho? Zizé (disse dona Zizé com uma certa intimidade). Como sempre, Fábio, como sempre. Desculpe o horário, mas a minha filha cresceu quatro centímetros. (Ouve, ouve, ouve) Combinado. Outro, Fabião.

Gemma chora.

— Tá marcado. Amanhã cedo.

— Repito a pergunta: posso saber o que está acontecendo?

Foi dona Zizé quem respondeu:

— Sua esposa e minha filha, Gemma Margarida, cresceu quatro centímetros. Fora as mãos.

Dante deu uma olhada de cima a baixo na esposa. Toca a campainha. Ele abre. Virgílio.

— Estamos te esperando lá em cima.

Gemma:

-"Estamos" quem, cara-pálida?

Dante sai com Virgílio.

— Mãe, independente da minha altura, o que fazemos com o Dante? Internamos ou não?

— Deixa o Dante pra lá. Vamos cuidar do seu cresci mento. Daqui a pouco não está passando naquela porta.

— A senhora falava muito isso quando eu era ga- rotinha. Eu já era grande. Ah, o vôlei...

— Pois.

Ficam em silêncio. Gemma acende um charuto, a mãe serve-se de um conhaque e ficam olhando para a outra.

— A senhora não está diminuindo não, mamãe?

— Não, filha! É você quem está me vendo de um ponto de vista mais alto. Mas o Fabião resolve esse problema.

— Quem é esse médico, Fabião?

— Um viúvo. Um velho caso.

— Velho ou novo caso?

— Velho novo caso.

Virgílio andando de um lado para o outro, meio tenso.

— Três assuntos. Aliás, quatro. Primeiro: zerou os pecados?

— Estou puro como um recém-nascido.

— Ótimo. Segundo: a Beatriz deu notícias do Da Vinci?

— Disse que o Clóvis Bornay ia dar um toque pra ele.

— O Clóvis Bornay?

— Pra você ver...

— Terceiro: o Juninho não tem a menor possibilidade de escrever um livro sobre você. Acho melhor tirar ele da jogada.

— Ok. Também acho. Sabe que eu estou me sentindo mais leve depois de me confessar? Uma sensação interna muito boa.

Calma, que eu não acabei. Quarto. Precisamos sentar e analisar todos os pecados e discutirmos quais você quer cometer. Fazer a planilha, o planejamento.

— Você se encarrega de tirar o Juninho da jogada?

— Amanhã mesmo.

— Vamos deixar o planejamento para amanhã? O dia hoje foi pesado.

— Tudo bem, mas a pressa é sua.

Dia seguinte, consultório do doutor Fábio. Ou Fabião. Gemma logo notou que havia algo entre o velho médico e a sua mãe. O médico pediu uns exames de sangue, urina e fezes.

— O primeiro jato de urina a senhora não recolhe.

Deu o material para ela recolher a urina e as fezes. E os exames de sangue em jejum absoluto.

— Desconfio que a senhora está com Síndrome de Pantagruel.

— O que é isso?

— Vamos aguardar os exames.

Juninho deu um murro na mesa que chegou até a tremer o quadro do Sigmund Freud na parede de trás.

— Quem é que não sabe escrever? Quem é?

Juninho vai até a foto do Freud.

— Mestre, isso não vai ficar assim, não. Não vão me tirar do caso assim sem mais nem menos. Vou internar aquele doido!!! Vou colocar ele num manicômio!!! Ele não sabe com quem está tratando, mestre Freud!!! Manicômio!!!

XIV

Descendo pelo elevador do consultório, caiu a ficha do Virgílio: Dante não poderia jamais ir para um manicômio. Como cometeria os pecados lá? Pecar com loucos varridos iria valer? Chegou ao térreo, apertou de novo o andar do Juninho. A secretária anuncia, ele entra.

— Juninho, acho que nós dois radicalizamos.

— Tenho certeza, meu amigo. Jamais faria isso com o Dante. Assim que você saiu, conversei com o Freud. Com ele no manicômio, eu perco o meu personagem. Preciso ficar perto dele. E eu sou do bem, Virgílio. Sou do bem.

Virgílio espanta a fumaça do charuto.

— Vamos entrar num acordo. O senhor continua o livro e eu faço a revisão final.

— Fechado.

Dante voltou a trabalhar no banco. E quem é que está diante dele? Dona Marisa Bacamarte, com todos os formulários para o empréstimo ilegal que ela pretende fazer. Está mais *sexy* do que nunca. Mas Dante evita olhar aqueles seios turbinados, aquele joelho ameaçador, a coxa bronzeada e a serpente tatuada na barriga. Da perna. Dante está sem pecado. Ainda não é a hora de encarar a mulher do superintendente Bacamarte. Ainda não.

Ele enrola a mulher:

— Em menos de uma semana o dinheiro sai.

— Espero, meu querido.

Dá dois beijinhos em Dante e sai requebrando, a vagabunda. Dante não a

segue com o olhar. Não pode olhar para coisas desonestas. Muito menos pensar. Por enquanto. Chega Virgílio.

— Vai enrolar a perua até quando?

— Até a hora de ter que pecar contra a castidade e desejar a mulher do próximo. Fez a planilha dos pecados que eu tenho que cometer?

— Fiz. Mas existe um probleminha. Aliás, dois. O Juninho andou ameaçando te internar caso ele saia da história. Mas já cheguei a um acordo com ele. Me parece gente boa, apesar de ser péssimo escritor. Mas a gente vai levando ele. Quer te ver às seis da tarde.

— Tudo bem. E o outro problema?

— O outro problema é mais grave. Bem mais grave. A Gemma.

— Você também está preocupado com o fato dela estar crescendo?

Tá fazendo uns exames. A dona Zizé está em cima.

— Não, não é isso. Pra tudo tem cura neste mundo. O problema é outro. E se ela morrer - daqui a uns anos, sei lá quando - e também for para o Purgatório? Sacou?

Dante não havia pensado nisso.

— Saquei. Vamos para o banheiro.

Os dois sobem para o segundo andar.

Dante acende o seu cigarro enquanto Virgílio faz o seu xixi. Silêncio. Ambos pensam. Quem começa a conversa é o Virgílio.

— Temos que cuidar, depois da sua morte, que ela viva de uma maneira que vá para o Céu ou o Inferno.

— Uma mulher que bate no marido só pode ir para o Inferno.

Virgílio se assusta.

— A Gemma bate em você?

— Imagina... (Dante mentindo, já estará pecando?)

— E não sou eu quem vai ficar vigiando a Gemma o resto da vida...

— Bem que podia ter um bar aqui nesse mictó- rio... Acho que a Beatriz deve ter uma solução.

— É, parece que você tem um problema, Dante.

— Um problemão. Já pensou, eu, lá no Purgatório, numa boa com a Beatriz e chega a Gemma com um prato do risoto de calabresa nas mãos? Sei lá com quantos metros de altura?

— Dante, cá entre nós, você apanha da Gemma?

— Vamos descer, vamos descer.

Virgílio tira do bolso uma folha de papel.

— A planilha. Os cinco pecados e os três pecados capitais. E alguns planos para a execução.

— Agora estou com a Gemma na cabeça.

Joga o cigarro na descarga.

O doutor Fabião examina os exames de Gemma.

— Não há dúvida. A senhora está mesmo com a Síndrome de Pantagruel.

— O que é isso? É grave? Eu vou morrer, doutor?

— Vira essa boca pra lá, minha filha!!!

O doutor abre uma página da Internet: Wikipedia:

— "Pantagruel é filho de Gargântua, ambos são personagens criados pelo francês François Rabelais. A palavra Pantagruel tornou-se adjetivo como indicadora de fartura e bom gosto no que se refere a comidas e bebidas em

ambientes alegres. Portanto, uma farta refeição ou banquete pode ser considerado 'pantagruélico'. Isto porque, nos contos de Rabelais, esta dupla percorreu a pé quase toda a Europa, amealhando histórias interessantes por onde passavam. De volta a Paris, onde residiam, convidavam os amigos para escutar suas narrativas. Estas eram feitas em torno de lautas mesas bem sortidas de vinhos finos e iguarias requintadas, sempre dentro de um clima amigável e alegre." Daí o nome "Síndrome de Pantagruel' a esta raríssima doença que a senhora tem.

— E o que eu devo fazer para parar de crescer? Olha o tamanho da minha mão.

— Sua mão foi sempre grande, minha filha. Ela já jogou na seleção brasileira de vôlei, Fabião. Tinha um saque imortal.

— Mãe...

— No momento não sei. Mas vou estudar seu caso com carinho, me corresponder com colegas que cuidaram de pessoas assim. Voltamos a nos falar ainda esta semana.

Dante está diante de Juninho.

— Tenho uma proposta, Juninho.

— Pode dizer. Desde que eu seja o seu biógrafo.

— Depois que eu morrer, você vai cuidar da Gemma. Até a morte dela.

— Como assim? Tratar psicanaliticamente?

— Mais do que isso. Vou deixar os meus direitos autorais do nosso livro para ela. Ela vai ficar rica. E você vai transformar a Gemma na maior santa, beata que já existiu sob e sobre a face da terra.

XV

— Não vejo a hora, Beá!

— *Nem eu. Hoje de manhã me encontrei com o Salomão - sim, aquele - e ele me disse: o amor é mais forte do que a morte.*

— Sábio Salomão. Meu amor: tenho quatro assuntos urgentes. Aliás, cinco. Vai anotando aí.

— *Não precisa. Eu salvo.*

— Eu pensei que aí só Jesus salvasse...

— *Não brinque com isso, Dante. Além do mais, Jesus Cristo é uma grande figura. De vez em quando dá uma passada por aqui. Gente simples, humilde, mas tem mesmo uma aura de Deus. Encanta a todos.*

— Desculpe a brincadeira. Mas vamos ao que interessa. Em primeiro lugar, me confessei e estou limpo. Zerado, como você pediu.

— *Ótimo.*

— Segundo assunto. Eu e o Virgílio já resolvemos os pecados que vou cometer. Mas fica uma dúvida. Como é que eu vou saber se estou pecando na medida certa? Nem mais, senão vou para o Inferno, nem menos para não ir para o Céu?

— *Deixa isso comigo. Tenho uma planilha aqui no meu computador,*

analisando seus pecadilhos. Se estiver acima, seu relógio ficará vermelho. Se estiver abaixo, ficará verde. Quando estiver amarelo, como a túnica de Jesus, você pára. Só me diga quais os pecados que escolheu.

— Vamos lá. Não se esqueça de salvar. Pecados da lei de Deus: não matar, não pecar contra a castidade, não furtar, não desejar a mulher do próximo c não cobiçar as coisas alheias.

— *Muito bom. Isso significa que você não pode se esquecer de amar a Deus sobre todas as coisas, não tomar seu santo nome em vão, ir á missa todos os domingos e honrar pai e mãe.*

— Deixa comigo. Mesmo porque não tenho pai e mãe.

— *E os pecados capitais?*

— Precisa ser três, né?

— *Exato.*

— Luxúria, avareza e gula.

— *Muito bem escolhidos. E os outros assuntos?*

— O terceiro assunto é o seguinte. E se a Gemma, quando morrer - ela está com uma doença muito esquisita - também for para o Purgatório? E infernizar - desculpe o termo — a nossa vida aí?

— *Não havia pensado nisso.*

— Nem eu. Foi o Virgílio quem me chamou a atenção para a remotíssima - mas possível - possibilidade.

— *Aliás, sabe se o Da Vinci se comunicou com ele? Dei o* e-mail *dele para o Da Vinci.*

— Tenho certeza que não. Ele me contaria na hora.

— *Estou pensando aqui no caso da Gemma. É um perigo que corremos. Com que doença ela está?*

— Uma doença rara. Síndrome de Pantagruel. Está crescendo dia a dia. O médico mandou ela fazer uns exames e agora vai conversar com especialistas.

— *Nunca ouvi falar nisso.*

— Aquele escritor, o Júlio Cortázar tinha um troço parecido.

— *Posso falar com ele, Dante. Talvez ele possa nos ajudar. Ele está por aqui sempre brincando de jogo da amarelinha com as crianças.*

— Pois converse com ele.

— *Mais algum assunto?*

— Sim. Sobre nós. Depois de nos conhecermos - aquele dia no boliche - eu voltei para o interior. Tinha dezesseis anos e você quinze. E trocamos muitas cartas. Sabia que eu tenho todas as suas cartas?

— *Não acredito. Que vergonha. Devia escrever tanta besteira...*

— Olha o que você escreveu numa delas: *"vou te amar até a morte. E mesmo depois de morta continuarei te querendo,* Acredita nisso? Mesmo depois da morte continuarei te querendo...

— *Estou embasbacada. Que premonição!*

— Noutra: *"quando escrevo para você, me sinto no Céu".*

— *Rindo.*

— Por falar em Céu, a última piada do Brasil: foi só um brasileiro ir para o espaço que já sumiu um planeta.

— *Boa, muito boa. Já tinha visto na Internet. Meu tempo acabou. Tem fila. E sabe como é, os idosos têm preferência. O Matusalém tá me enchendo o saco. Tá velhinho, acabado mesmo. Grande contador de piadas bíblicas.*

— Nos falamos de noite?

— *Com certeza. Capricha nos pecados.*

— Deixa comigo. Te beijo inteira.

— *Te mordo, meu amor.*

— Não vejo a hora.

— *Nem eu. Fui.*

Não muito longe dali, Fabião e dona Zizé conversam sozinhos.

Fabião está segurando a mão dela. Parecem dois namorados.

— Se você me chamou, me disse para vir sozinha, o assunto é grave. Garçom!

— Exatamente, Zizé. Sua filha corre perigo de vida.

Dona Zizé tira a mão das mãos de Fabião, pega
um lenço e começa a chorar. Sem esquecer da dose de conhaque.

— Quanto tempo de vida ela tem?

— Normalmente, em oito dos dez casos que investiguei, a Síndrome de Pantagruel costuma matar as pessoas quando elas atingem dois metros. Com quantos ela está?

— Na semana passada estava com um e oitenta e seis. Questão de dias, semanas, meses?

Depende do metabolismo dela. Desculpe dar a notícia assim, Zizé. É o pior momento da vida de um médico. Avisar a família, contar a verdade. Mas a ética me obriga a isso, minha querida Zizé.

— Eu sei, eu sei... Garçom!!!

No banco, dia seguinte. Virgílio senta-se na cadeira em frente ao Dante.

— Tenho um assunto sério.

— Desembucha.

— Não sei por onde começar.

— Pelo começo.

— Vou começar pelo fim. O Leo tem conversado comigo.

— Que Leo?

— O Da Vinci, seu lento!

— Ah, sim. Têm sido boas as conversas?

— E ontem ele apareceu para mim na casa da Terezinha. Quase toquei nele. Que homem, que homem...

— Esse que é o assunto sério?

— Diria que esse é o começo do assunto.

— E o final?

Virgílio em silêncio, quer dizer alguma coisa muito séria, mas teme a reação do velho amigo.

— Também quero ir. Dante não entende.

— Quer ir para onde?

— Para o Purgatório, uai!

— Ai, meu saco!!! Como disse a Beatriz, tá pensando que aquilo é a casa da mãe joana?

— Se esqueceu que mamãe se chamava Joana?

XVI

Dante olhando para Virgílio, incrédulo. Mas percebendo que o amigo estava feliz.

— Dona Joana...

— Deve estar no Purgatório. Aquela sempre viveu com prazer. Além do Leo, vou encontrar a mamãe.

— Dona Joana...

— O Leo me disse que lá não há nenhum preconceito contra os homossexuais. Você não vai me dizer nada?

— Daqui a pouco o Juninho vai querer ir também. A cidade inteira! E não venha me dizer que o Da Vinci com duas ou três conversas com você se apaixonou.

— Claro que não. Está lá com o garoto dele. Mas o que ele me contou do Purgatório me envolveu. É o lugar das pessoas felizes, o lugar do prazer sem pecado. É o mundo que a gente pediu a Deus. (longa pausa) E já que vou te ajudar a cometer os pecados, pecamos juntos. Qual é o problema? Vamos fazer os planos juntos. Vamos eternizar nossa amizade, Dante.

— Será?

— Você não pode nem imaginar o que é a Passeata Gay no Purgatório. Bilhões! Dura dias!

Dante está calado.

— O que está acontecendo com você?

— Isso tá virando bagunça. Daqui a pouco vai todo mundo querer embarcar nessa.

— O que há? Não quer que eu vá com você?

— Vai junto? Vamos morrer juntos?

— Por que não?

— Espero que a Gemma também não morra junto.

Toca o celular de Dante.

— Como vai, dona Zizé? Sei, sei onde é, sim. Daqui a uma hora? Alguma coisa grave? Assim eu aproveito e assisto à missa. Missa de sábado agora vale pra domingo, né? (desliga)

— Algum problema?

— Hoje é o dia dos problemas.

No congestionamento normal da avenida Reboliças:

— Dante, acho que você não gostou nem um pouco da minha idéia de ir com você para o Purgatório.

— Pensando bem, no plano que eu tenho para morrer, você pode ser muito útil e até morrer junto.

Virgílio dá uns tapinhas nas costas de Dante. Conhece o amigo. Dante aceitou a idéia.

— E qual o plano para a sua, a nossa morte?

— Ainda está cedo. Temos muito tempo. Vamos por partes.

A missa estava apenas começando quando Dante entrou na igreja. Havia poucos fiéis e foi fácil localizar a dona Zizé que rezava fervorosamente e

chorava ao mesmo tempo. Dante se ajoelhou ao seu lado, fez o sinal-da-cruz. Dona Zizé interrompe o choro.

— A missa cm latim era muito mais bonita, você não acha?

— Por quê? Agora é em português?

— Há quanto tempo você não assiste a uma missa?

— Uns trinta anos!

— Adorava aquelas missas: *introibo ad altare Dei. Ad Dei que laetifica iuventude mea.* Ou algo parecido, nem me lembro mais.

Dona Zizé limpa as lágrimas.

Falam baixo.

— É sobre a Gemma Margarida.

— Foram ao médico?

— Eu fui. E a notícia é a pior possível, meu filho. Ela está crescendo, está com a tal da Síndrome de Pantagruel, como você sabe. Quando ela atingir dois metros de altura... quando atingir...

— Morre?

Dona Zizé concordou com a cabeça, fez o sinal-da-cruz. Dante fez dois sinais-da-cruz. Dona Zizé chorando se levanta para a comunhão. Dante a segue para se comungar e lembra da infância. Se morder sai sangue, o sangue de Deus. Voltam de cabeças baixas.

— Que altura que ela está?

— Um e oitenta e sete. Hoje de manhã.

— A Gemma está sabendo disso? Da morte?

— Não, não. Não tive coragem. Não sei se devemos contar.

Dante pensa um pouco.

— Acho que sim. Para ela se preparar, para ir para o Céu. Coitada.

— Então fale você. Mas com jeito, com amor, carinho, caridade, fé, esperança.

— Vou dar um jeito.

Agora todos se levantaram e se deram as mãos. Novidade para o Dante.

Gemma está deitada na cama, recostada, fazendo palavras cruzadas.

— Por que multidão é ror?

— Parece que vem de horror.

— Credo. Mamãe me disse que se encontrou com você, sem querer, na missa e você comungou. Outro dia confessou, hoje comungou...

— E acho que você devia fazer o mesmo. Me sinto mais leve, mais puro.

— Tem até bebido menos... Aqui é UR. (anota) O que está acontecendo com você?

— Acho que você também deveria começar a freqüentar a Igreja. A missa mudou muito, sabia? As pessoas se unem, dão as mãos. Muito bonito. No domingo que vem vamos à missa. Você vai se confessar e comungar. Se arrepender de todas às vezes que me bateu...

— Meus pecados são medianos, Dante.

Dante se assusta.

— Medianos? Como assim?

— Descobridor da vacina contra poliomielite. Termina com N.

— Sabin.

De repente, sem pensar muito, saiu da boca de Dante:

— Sabia que a Síndrome de Pantagruel pode ser fatal.

XVII

Entretanto, vamos hoje dar uma congelada nos nossos problemas na Terra. Congelemos a imagem de Dante contando para Gemma que ela pode morrer. Deixemos parada a dona Zizé na sala tentando jogar paciência e limpando as bêbadas lágrimas. Nos afastemos um pouco do Virgílio, poucos andares acima esperando um contato do Leonardo da Vinci. Nos afastamento um bocadinho do Juninho digitando a adolescência de Dante (ele está inventando tudo). E vamos conhecer um pouco do Purgatório, segundo *e-mail* da Beatriz, reproduzindo um diálogo dela com Leonardo da Vinci. Quem começa falando é Da Vinci.

Ou seja, com a criação do Purgatório surgiu o Renascimento. Enfim, a Igreja Católica financiou a evolução do mundo. E cá estamos nós nesse ócio maravilhoso. Me passa a cachaça.

— *E o ócio, Leo? O que tudo isto tem a ver com o ócio?*

— *O ócio é conseqüência da maquinização, da automatização. As máquinas financiadas pelo banco criado originalmente com o dinheiro dos que queriam comprar um lugarzinho no Purgatório, essas máquinas maravilhosas, foram tomando o lugar dos trabalhadores. Assim, os trabalhadores que não entraram para a política (caso do Brasil), foram viver no ócio, escrever contos para outros ociosos lerem, fazer teatro para outros ociosos assistirem. No meu caso pintar, fazer esculturas. É a cobra se alimentando do próprio rabo. Os ociosos são muito simpáticos. Pecadores simpáticos. Essa história de que o ócio é a oficina do diabo já era. Eles pecam, mas a simpatia os redime. No fim, eis aí. O Purgatório deu certo, pegou, vingou, emplacou, decolou, abafou.*

— *Que maravilha. Que história fantástica. Da Vinci deu um gole:*

— *Agora me fale do Virgílio, amigo do seu Dante. Tenho me correspondido com ele. Ele quer vir para cá. O que acha disso?*

Virgílio, cansado de esperar no MSN a chegada do Da Vinci, foi dormir meio triste.

Juninho deletou tudo o que havia escrito. Realmente não estava bom.

Dona Zizé dormitava e babava em cima das cartas de baralho.

Gemma, que havia saído do quarto aos prantos, volta com a fita métrica.

— Mede. Péra. Deixa eu tirar os chinelos.

Dante subiu na cama, colocou uma régua na cabeça dela, firmando-a (a régua, não a Gemma) na parede.

— Pode sair.

A própria Gemma pegou a fita métrica colou lá onde estava a régua e pediu para Dante esticar até o chão.

— Mas estica bem!

Um metro e oitenta c oito. Tranqüilo...

Gemma, dramática:

— Faltam doze centímetros para a minha morte!!!

— Não fala assim...

Gemma desaba na cama cm cima de Dante quase o sufocando.

E dá-lhe choro. Como chorava Gemma. Dante, com muito esforço, sai de baixo dela. Não sabe o que dizer.

Mas ela sabe.

— Vamos para a igreja imediatamente. Tira esse pijama ridículo que eu vou me aprontar.

— Mas, Gemma, é quase meia-noite.

— Mas o padre não mora lá? No meu tempo os padres moravam nas igrejas. Preciso me confessar imediatamente. Agora eu acredito em tudo, em Deus, na Igreja Católica Apostólica Romana, nos dez mandamentos, em Nossa Senhora Aparecida, nos três pastorzinhos de Fátima. Em tudo! Vamos, criatura! Fé, Esperança e Caridade. *Ora pro nobis!*

— *Ora pro nobis!*

XVIII

Dante se vestindo. Gemma se vestindo e passando uma escova no cabelo ao mesmo tempo.

— Mas o padre está dormindo, vai dar uma confissão nas coxas. Vamos amanhã cedinho. Faz uma confissão mais completa, mais lúcida...

— Já disse que quero ir hoje!!!

— Tá bem... Tá bem... Mas a primeira verdade que vai dizer é que bate em mim.

— Nada disso. Em briga de marido e mulher, ninguém deve meter a colher. Nem Deus e muito menos o padre da esquina. Vamos, criatura. Já disse que meus pecados são médios.

"Pois é isso que me preocupa", pensou Dante abotoando e conversando com seus botões. "É isso que me preocupa, Beatriz"... Calça seus sapatos. Um trovão lá fora, mais alto que o ronco de Gemma.

O que aconteceu na rua parecia algo divino. Assim como da primeira vez, da primeira caminhada de Dante até a igreja, a chuva os pegou no meio.

— Vamos correr! - disse Dante.

— Não, estou fazendo um levantamento dos meus pecados.

— Isso é bom. São mais de vinte anos, não se esqueça disso.

Batem na porta lateral da igreja. Molhados. Batem de novo.

O sacristão abre a porta.

— O senhor de novo? Sabe que horas são?

— Já disse que Deus não trabalha em horário comercial. Acorda o padre.

— Mas o senhor se confessou outro dia.

— Agora é ela. Corre perigo de vida.

— Mas não pode esperar até amanhã cedo? Abrimos às seis.

— Estou por doze centímetros, meu senhor. Ou menos...

Dante se irritando:

— Vai nos deixar na chuva até amanhã cedo?

— Entrem, entrem.

Entraram na sacristia.

— Vocês dois esperam lá perto do confessionário. Dante e Gemma sentadinhos no banco.

— Tem que contar tudo, Gemma. Deus não é bobo.

— Não enche o saco, Dante.

— Tá vendo? Já pecou.

Chega o padre, já paramentado, com o cabelo todo desarrumado.

— Marido e mulher?

O padre estava com um incrível hálito de vinho. Vinho de missa?, sei lá.

— Sim, senhor.

— E os dois são doidos, presumo. Será que não seria o caso de procurar um psiquiatra?

Dante não gosta da piadinha e retruca:

— Não é tudo a mesma coisa? O padre não gosta:

— Não misture ciência com religião, senhor, (soluça discretamente) Eu dormindo, sonhando...

Faz um sinal com a cabeça para Gemma, que o segue. Dante aproveita para dar uma rezadinha básica.

— *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.* Além do mau hálito habitual da gradinha, agora
tinha também o do padre que acordou e não se preocupou com isso.

— Amém, seu padre. Eu vou morrer, seu padre!!!

"Deus, dai-me força e paciência", implorou o padre.

— Estou com a Síndrome de Pantagruel.

— Por favor, minha senhora, aqui não é o SUS. Limite-se a contar seus pecados.

— Não me confesso há vinte e cinco anos. Nem comungo e nem freqüento a Igreja. Nem nas quermesses eu vou. Não rezo antes de dormir, consulto cartomantes, juro por Deus toda hora, desobedeço minha mãe, coitada, como mais do que devia - mas não bebo penso em sexo o dia inteiro, (reluta) bato no meu marido dia sim, dia não. Tenho vários filmes pornográficos que assisto enquanto meu marido trabalha.

— E se masturba?

— Quase sempre. Roubo dinheiro da carteira do meu marido para ir ao bingo, minto muito, faço fofocas, falo mal dos outros. E das outras. Como carne na semana santa, peco pela gula.

O padre queria voltar para a cama.

— Eu te absolvo de todos os pecados, minha senhora.

— Calma. Tem mais. Um mais grave. Gravíssimo. Pecado mortal.

O padre se interessa:

— Quem está aqui é Deus. Abra o seu coração.

— É um segredo que carrego comigo há cinco anos. Tenho até vergonha.

— Diante de Deus não se deve envergonhar de nada. Por mais baixo que se caia, jamais se cai dos braços de Deus!!!

— Tenho um amante, padre...

Silêncio no confessionário.

— Seu marido sabe?

— Claro que não. É o chefe dele.

— Isso é muito comum. Trair o marido com o chefe dele. Conheço vários casos aqui mesmo na minha paróquia.

— Quem? Quem?

— Minha senhora, por favor... Há quanto tempo convive com esse pecado?

— Há mais de cinco anos. Não agüentava mais, seu padre. Meu marido não comparece aos seus deveres sexuais tem mais de sete anos. E aí, num dia, num piquenique do pessoal do banco, o Baca...

Interrompe.

— Quem é o Baca, o seu marido?

— Não, o amante. O nome dele é Bacamarte, em homenagem àquele personagem do Eça de Queiroz.

— Machado de Assis, minha senhora.

— É. Eu sempre confundo um com o outro. Então, durante o piquenique ele me disse: adoro mulheres altas. Subiu um troço aqui por dentro de mim, seu padre, parecia uma gasolina.

— Seu marido sabe?

— Imagina. Pelo amor de Deus!!!

— Não coloque Deus no meio disso. Veja, minha senhora, não adianta nada eu, em nome de Deus, a absolver agora, se continuar com o Simão.

— Quem?

— O Bacamarte. A senhora tem que parar com isso. A senhora fez um voto de fidelidade ao seu marido quando se casou diante de Deus. E Ele não se esquece disso. Eu vou absolver a senhora de todos os pecados, a senhora vai rezar 10 ave-marias e 50 pai- nossos e nunca mais se encontrar com o Bacamarte. Estamos entendidos?

— Pode deixar.

— Mas vá rezar na sua casa mesmo, porque está muito tarde. Deus a abençoe.

— Amém.

Enquanto os dois se enxugavam no quarto, Dante ficou olhando para o corpo de Gemma que estava apenas de calcinha e sutiã. Percebeu que, com o crescimento, seu corpo havia ficado mais delgado. Gemma estava mais gostosa, se me permite a expressão.

— Demorou muito a sua confissão.

— Claro. Vinte e tantos anos... Mas era tudo pecadinho miúdo. Como mentir, por exemplo.

— Mesmo assim. Foi mais de meia hora. Agora, já deitados, Gemma rezava. Enquanto

Dante admirava seus um metro e vinte de pernas fora do lençol, percebia que Gemma estava rezando muito. A penitência tinha sido pesada.

Quanto mais rezava a esposa, mais o marido ia ficando excitado.

— Isso não vai acabar nunca?

— Falta pouco.

Ela só mexia os lábios com as orações. Dante, depois de sete anos, começou a alisar a coxa dela. Agora ela rezava com um discreto sorrisinho nos lábios.

À luz de um abajur lilás, os dois, puros como os cordeiros de Deus, fizeram amor depois de tantos anos. Ela por cima.

XIX

Já se passaram dez minutos e os dois ainda estão ali deitados, calmos, em silêncio. Dante, por baixo, sufocado. As mulheres nunca vão entender que os homens, depois de fazer sexo, precisam de ar, precisam de um tempo para se recompor. Principalmente depois dos quarenta anos. Mas elas insistem. Dante, com muito esforço e sem ser bruto, conseguiu sair de baixo dela. E respirou. Ah, como é isso é bom! Ela virou para o outro lado.

E Dante ficou pensando no que os dois tinham acabado de fazer. Sexo. Nada anormal, trata-se de um casal. Mas a Beatriz? Como iria reagir a isso? Pouco a pouco ele foi notando que a Gemma dava umas tremidinhas, soluçava. Ele está confuso, com medo. E ainda sem entender o porquê daquele sexo depois de sete (ou mais) anos.

Dante agora está na sala. São quase três da manhã. Tomando uísque, esperando uma chamada da Beatriz. Mas é do seu quarto que vem um som. Como se a Gemma estivesse chorando. Foi para lá com o uísque.

Sim, ela chorava e chorava pra valer.

— O que foi? Se mediu e cresceu mais?

Gemma não respondia. Chorava. Dante empurra o pernão dela e senta-se na cama.

— Quer falar?

Ela chora. Ele dá um gole.

— Quer um uisquinho?

Para surpresa dele, aceita. Ele sai e a dona Zizé agora está na sala, com um pijama tão ridículo e uma touca ainda pior que eu não vou descrever porque levaria muito tempo. Ela está se servindo de conhaque.

— Posso saber o que está acontecendo nesta casa? Primeiro acordo com um ranger de cama insuportável. Agora ouço a minha filha chorando. Posso saber o que se passa?

Dante servindo a dose para a Gemma. Aproveita e recarrega o seu copo.

— O ranger era sexo mesmo, dona Zizé.

— Mas...

— Somos casados e não se fala mais nisso.

— Não estou entendendo mais nada. Saem de madrugada, voltam, fazem sexo, ela chorando. E, ainda por cima, ela vai beber?

— Vai, dona Zizé! Vai! E vai fumar um charuto também! E a senhora vá dormir.

Dante entra no seu quarto e a dona Zizé liga a televisão.

Gemma acende o charuto, dá um gole. Volta a chorar alto. Dona Zizé aumenta o som na sala, Dante volta.

— Dá para abaixar o som?

— Canal Brasil. Esse filme é muito bom! *O auto da Compadecida.* Já viu?

Dante pega o controle remoto para diminuir o som. Nossa Senhora, na tela, está falando. Mas a voz é de Beatriz!!! Dante recua, senta-se no chão.

— Não disse que era bom? - argumentou dona Zizé.

Nossa Senhora/Fernanda Montenegro/Beatriz:

— *Não se preocupe, Dante. Você não fez nada de errado. Aprendi aqui que existe uma diferença entre traição e infidelidade. A Gemma precisa de paz.*

Dante responde para a tela:

— Não sei o que deu em mim.

"Endoidou de vez. Falando com Nossa Senhora! Acho que é caso de internação mesmo", pensou dona Zizé com sua touca de pompom *pink*. E entra um comercial. E a Gemma grita pelo Dante lá de dentro. Dante vai.

— Senta aqui, Dante.

Dante senta-se ao lado de Gemma.

— O que está acontecendo, Gemma? Alguma coisa com a nossa... Você não gozou? Achei que tinha.

— Dois problemas, Dante. Dois. Dos grandes.

— Ai, meu saco...

Gemma dá um gole e pede outra dose.

— Aproveita e traga logo a garrafa.

Dante enche os dois copos. Gemma:

— Temos que voltar lá na igreja.

— Tá doida? Sabe que horas são? O padre chama a polícia. É a casa de Deus, mas também não é assim. Deus também dorme. Não lembra que ele descansou no sétimo dia? E já é domingo. Daqui a pouco temos que ir à missa. Quer voltar pra igreja pra quê? Esqueceu de algum pecadinho?

— Não, Dante, eu menti para o padre.

Ele coça a cabeça. Mulher doida. Vai se confessar e mente. Você já ouviu alguma coisa parecida? Bem, tem gente que mente para o psicanalista...

— Então eu acho que ainda estou em pecado. Estava pensando aqui, se eu morrer amanhã eu vou é para o Purgatório...

Dante tem um sobressalto.

— Não, para o Purgatório, não! Nem pensar! Tu vai é para o Inferno, criatura! Qual foi a mentira? Nem pensar em Purgatório a essa altura do campeonato.

— E tem mais, Dante. Eu não sou batizada.

— E daí?

— E daí, que periga eu ir para o Limbo!!! Sabe o que é o Limbo? É para onde vão as criancinhas recém- nascidas que morrem antes de serem batizadas. Dá para visualizar? Milhões, bilhões de criancinhas chorando o dia inteiro? Crianças brasileiras, japonesas, portuguesas, egípcias, turcas, nhambiquaras, índias, etruscas, Dante. Já pensou uma criancinha chorando em etrusco? Preciso me batizar...

— Volta a fita. Eu quero saber qual foi a mentira que você disse para o padre. Vamos analisar se é caso de Céu ou Inferno.

— É Purgatório... Purgatório ou Limbo. Passa a garrafa.

— Tu tá é de pilequinho. Ouvi até dizer que fecharam o Limbo. Teve uma anistia. Acho que li isso em algum lugar.

Gemma toma um gole.

— Foi tão bonito o nosso amor hoje.

— Não desvia de assunto, não! Que mentira você contou para o padre? E depois a gente pensa no seu batizado.

— Pega a fita métrica.

— Vai falar ou eu vou ter que ir lá na igreja pegar o padre pela goela?

— Sabe, Dante?, eu estava me confessando, compenetrada, e fui percebendo que os meus pecados eram tão fraquinhos, tão bobinhos, tipo

desobedeci a mamãe, menti, não fui à missa, parecia uma criança. O padre estava quase dormindo com a minha inocência. Foi quando, de repente, resolvi contar, inventar um pecado desses mortais. Eu queria uma penitência boa, entende? Eu queria ser uma pecadora de verdade!

— Você inventou um pecado mortal? Sei... Inventou um pecado mortal? Tá doida!

— Inventei. Um pecadão! Disse que tinha um amante...

Aquilo caiu na cabeça do Dante como um *icebergy* já que ele estava com uma pedra de gelo na boca que, com o susto, voou longe. Levantou-se, ficou a andar pelo quarto. Abriu a janela porque o cheiro do charuto estava insuportável. "Quem me garante que isso é mentira ou não", cismou logo Dante. E essa dúvida, ele sabia, nunca mais sairia da sua cabeça.

XX

Dante tocando a campainha na porta do Virgílio. Nada. Toca de novo. Sono pesado o do amigo. Deve estar sonhando com o Leo.

Virgílio, pelado, a sala numa penumbra pecaminosa:

— Sabe que horas são?

— Sei. Desculpa. Mas o assunto é grave. Uma voz grave vem lá de dentro:

— Dispensa o bofe, Ed!

Dante coça a cabeça, fica sem jeito.

— É o Dênis? Ed, é?

— Não enche. Amanhã a gente se fala no banco. Vê se se toca, cara.

Virgílio fecha um pouco a porta para ver se o amigo vai embora. Dante, com cara de garoto desapontado.

— Tá bem, tá bem... Pensei que a gente tava junto nessa... Pensei que a gente ia junto para o Purgatório, Edgard...

A porta se rompe e sai com um garotão lá de dentro.

— Muito prazer, Peter.

Dante não fala nada, fica olhando para ele.

Estende a mão para Dante, cumprimenta e vai para o elevador.

— Mesmo assim, valeu, Ed - diz o garotão, dá uma piscada e some dentro do elevador.

Alguns andares abaixo está terminando o *Auto da Compadecida*. Entra Gemma, meio cambaleante, carregando uma caixa de sapatos.

— Dona Zizé, por favor, me esconde isso no seu quarto. Mas muito bem escondido.

— O que que é isso? Um sapato?

Gemma, como se confessando para a mãe que tinha sido ela quem tinha sumido com a goiabada na infância:

— Filme de sacanagem...

Dona Zizé se espanta, abre a caixa e fica olhando os títulos.

— Esse aqui eu não assisti ainda. Vamos pôr? Quem diria, o Dante, hein?

— São meus! Gosto... Fazer o quê? Vai, leva, antes que ele volte.

— Mas vamos colocar um antes. *Bacubufo no caterefofo*. Deve ser nacional...

Gemma dá um olhar sério, dona Zizé entra com a pornografia debaixo do braço no seu quarto.

Dante contou tudo para o amigo. O sexo feito e, principalmente, a história do amante de Gemma.

— Mas afinal, Dante, ela tem ou não tem um amante?

— Como é que eu vou saber?

— Bem, se ela morrer e tiver um amante ela vai para o Inferno.

— Deixa de ser infantil, Virgílio, você acha que, hoje em dia, quem tem amante vai para o Inferno? Purgatório direto. E ela se confessou. O padre liberou ela do pecado. No momento, ela está indo para o céu. E é assim que a gente tem que manter ela. Santa, uma grande santa!

Virgílio, o sábio poeta, pensa:

— Tem dois problemas aí. Se ela mentiu na confissão, então não tem pecado algum a não ser o da mentira: Purgatório. Se ela tem mesmo um amante: segundo você, Purgatório também. Sei não, Dante, a Igreja não evoluiu tanto assim. Cornear o marido dá Inferno. Pode perguntar para o padre.

— Acha mesmo?

— Claro, senão o Inferno ia ter só político. Com quem eles vão fazer surubas por lá? Cornear é inferno! Mesmo porque ela corneia com culpa. Pecado em dobro. Fica tranqüilo... Inferno dos bons.

— Como fica tranqüilo? A minha mulher me cor- neando e você me pedindo pra ficar tranqüilo?

— Dante, Dante, você ainda não entendeu... É o uísque. Presta atenção, garoto. De hoje em diante ela não pode terminar com o amante. E nem se confessar mais.

Dante nem sabe mais o que dizer.

— Mas ela tinha que ter essa Síndrome de Pantagruel logo agora?

— Conversa com o padre. Só para se certificar. Depois a gente dá um jeito de descobrir quem é o amante e dá a maior força pra ele.

— Você tá doido, Virgílio!!! Eu, o marido, eu, o corno, dando força pra minha mulher manter um amante e querendo que ela vá para o Inferno? Isso que é pecado. Quem acaba indo para o Inferno sou eu!

— É, pensando bem...

Barulho na cozinha. É a Terezinha. Estava dormindo hoje na casa do patrão.

— Terezinha, faz café! Forte!

— A Terezinha está dormindo aí? (Virgílio faz sim com a cabeça) Pois é isso! Temos que falar com a Beatriz ao vivo. Agora!

— E quem sabe ela não traz o Leonardo da Vinci também?

— Você sabe muito bem que não dá para incorporar dois de uma vez. Pára com isso. Vai falar com a Terezinha.

Andares abaixo:

— Mas o Dante tá sabendo do amante?

— Eu disse para ele que inventei isso para o padre só para acordar ele que não estava levando meus pecados a sério.

Conhaque no copo de dona Zizé:

— Mas afinal, menina, você tem ou não tem um amante?

— Tem mais, mãe, eu preciso me batizar. Senão, eu vou para o Limbo.

— Pára com isso, menina! Vai morrer, nada. Onde já se viu uma pessoa crescer e morrer por causa disso? O Fabião que me perdoe, mas a gente vai procurar um especialista de Panta... Panta o quê? E quer saber mais?, não muda de assunto, não! Não me enrola não, que eu não nasci ontem. Tem ou não tem amante? Eu, por exemplo, tenho! Vai, desembucha, menina! Quem não tem um amante hoje em dia?

Foi uma luta convencer a Terezinha para ir até a sua casa para tentar baixar duas pessoas. "Duas, seu Virgílio?"

— Em compensação te dou folga hoje.

— Como me dá folga hoje? Hoje é domingo.

Dona Zizé chacoalha a filha recostada no sofá, olhos fechados, de pilequinho, quase dormindo ali mesmo.

— Vai, menina, você tem ou não tem um amante...

Gemma abre apenas um dos olhos, sorri e diz:

— Amante...

Gemma desmaia com um sorriso gostoso nos lábios. Dona Zizé fica olhando para a filha, sorri, tem idéias. Vai até o seu quarto, pega o *Bacubufo no caterefofo.* Coloca na televisão, abaixa o som e mastiga um amendoim salgadinho.

Na periferia, na sala da Terezinha, o sol começa a entrar pela janela semi-aberta. A médium anã está em transe. Na sua frente, os dois esperam ansiosos. O ectoplasma começa a sair da boca, do nariz e das orelhas de Terezinha.

Ouve-se Beethoven: tchan, tchan-tchan-tchan.

Uma pessoa vai se materializando, surgindo como o dia. Terezinha treme, sua, balança o corpinho.

E ali, naquela sala com penumbra, na periferia de uma cidade do Brasil, surge, naquela humilde sala, nada mais, nada menos, do que o maior gênio que a humanidade já conheceu: ao vivo e em cores, Leonardo da Vinci!!!

XXI

— Mas que sacanagem, Virgílio!

Virgílio não ouvia o amigo, admirava o gênio enquanto Terezinha estrebuchava. Virgílio tentava dizer alguma coisa, abria a boca, mas a voz não saía.

Dante, irritado, vai ate Terezinha, grita:

— Cadê a Beatriz? Cadê a Beatriz?

Leonardo da Vinci, com um sorriso enigmático, observa a cena. Dante chacoalha Terezinha. Virgílio tenta segurar Dante que dá tapinhas no rosto de Terezinha. Dante empurra Virgílio. O corpo de Virgílio transpassa o de Leonardo da Vinci que se assusta e desaparece. Terezinha fica normal, cansada, suada, assustada, com Dante em cima dela.

— Mas o que está acontecendo? - pergunta Terezinha

Agora é Virgílio quem segura Dante pelo pescoço, os dois rolam pelo chão, a doméstica grita tentando separar os dois amigos. O relógio de Dante começa a ficar vermelho e apitar. Ele está pecando, ele está na zona do Inferno. Se recompõe.

Virgílio, suado, cansado e com ódio no rosto dá de dedo em Dante:

— O maior gênio da humanidade aparece na nossa frente e você atrapalha tudo! Leonardo da Vinci a um metro de mim, sorrindo, me olhando... Tem noção do que você fez? Da Vinci!!!

Virgílio anda pela pequena sala, na tentativa de ainda achar o seu amado

gênio, senta-se, cai em prantos.

Dante sai, pega o seu carro e vai embora deixando a porta da casa aberta, com Terezinha e Virgílio lá dentro que, agora, chora nos braços dela, sem perceber que foram abandonados naquele fim de mundo.

— Vou fazer um cafezinho para o senhor.

O padre acaba a missa. Dante, que assistira à missa e comungara, vai para a sacristia. O padre olha para ele.

— Pelo menos desta vez não está encharcado. Mas, pelo visto, não dormiu.

O sacristão começa a tirar os trajes do padre.

— Não, não tira não, que eu preciso me confessar.

— De novo? Dai-me forças, Senhor, dai-me forças.

Lá vão os dois para o confessionário. No caminho, o padre o admoesta, se me permitem a palavra.

— Se o senhor está em pecado, não deveria ter comungado.

Ajoelham-se. O padre faz o sinal-da-cruz, diz o texto em latim.

— Vamos, meu filho, conte seus pecados. E pare de tremer.

— Não se trata de mim, seu padre. Vim aqui falar sobre a minha mulher, o senhor deve se lembrar dela. Aquela alta.

— Sim, claro. Inesquecível.

— Eu preciso saber, seu padre, se ela tem um amante. Não, não diga nada, eu sei que o que o senhor ouve aqui, é Deus quem ouve, eu sei que nada que entrar pelo seu ouvido - e do d'Ele - pode ser dito por aí. Mas meu caso e especial, a história é longa. Trata-se de um caso de morte, (o padre ameaça falar, mas ele é mais rápido) Ela está morrendo, seu padre. Questão de dias. Ela me disse que confessou para o senhor que tem um amante, eu já sei, não é o senhor

quem está dizendo. Ela quem me contou. Mas, depois, ela me disse que mentiu para o senhor e para o Senhor, porque estava achando os próprios pecados muito fraquinhos, para usar as palavras dela. Muito inocentes. Então inventou.

— O senhor vai me desculpar a sinceridade, mas o senhor precisa procurar um psiquiatra.

— Já tenho, já tenho. O que eu preciso saber do senhor, seu padre - calma, o senhor já vai entender -, são apenas duas coisinhas: mentir no confessionário vai para o Céu, o Purgatório ou o Inferno? E a outra coisinha: se ela tem mesmo um amante, ela vai para o Inferno, mesmo se confessando e tendo se arrependido? Como anda hoje em dia a Igreja em relação a relações extraconjugais? Mais, digamos, branda?

O padre, irritado, sai do confessionário. Dante o segue a caminho da sacristia.

— Por favor, padre... Eu nem sei o seu nome...

— Geraldo Magela. Padre Geraldo Magela. O senhor me deixe em paz. Procure ajuda médica. E não me apareça mais aqui, porque aqui é a casa de Deus e não um manicômio!

Dante dá um grito que ecoa por toda a igreja vazia:

— Ela vai para o Purgatório???

O padre entra e tranca a porta do Purgatório, digo, da sacristia, deixando ele c o sacristão do lado de fora:

— Quer um suco de maracujá?

Dante cai na cama, morto de sono. Gemma ronca ao seu lado.

Quando ele acordou já devia ser mais de meio- dia. Levantou-se com Gemma ainda dormindo e dizendo palavras desconexas durante o sonho. Ou pesadelo. Mas tinha uma palavra que ele distinguia muito bem: bacá!, bacá! O que seria bacá?

Dante acorda Gemma.

— Gemma, Gemma, acorda, você está tendo um pesadelo.

— Ahn... Dante? Que horas são? Ai que dor de cabeça. Peça pra mamãe passar um cafezinho bem forte.

— O que é bacá? Bacanal?

— O que? Tá doido, homem?

— Hein? Bacanal?

— Eu, hein?

No computador de Dante apareceu uma mensagem curta:

Mantenha a calma, não se desespere. Nosso plano está apenas começando. E nosso amor aumentando. Calma, muita calma. Vai dar tudo certo. Ah, hoje vi o James Dean. Continua o mesmo. Beijos meus.

XXII

A primeira conseqüência do capítulo anterior foi o pedido de demissão - na mesma hora - da doméstica Terezinha, ali mesmo, na sala da sua casa. O patrão Virgílio tentou vários argumentos, prometeu aumento, férias c décimo quarto, mas a baixinha estava irredutível.

— Não se brinca com isso!!!

Era tudo o que a Terezinha dizia.

Virgílio alegava que precisava não apenas dos serviços domésticos dela, mas também para se comunicar com o seu amado Leo. Terezinha pedia apenas uma carona até a casa dele para pegar seus pertences (palavras dela). E que voltaria, daí a uns dias, para receber o que lhe cabia. Na rua, perceberam que estavam a pé, ao amanhecer. Dante havia abandonado os dois.

Neste momento, Gemma e dona Zizé estavam voltando do supermercado. Gemma cutuca dona Zizé e faz um sinal com os olhos. Duas pessoas vêm caminhando atrás: o padre Geraldo Magela e o sacristão que fiquei sabendo chamar-se Acácio. Leve cumprimento com o balançar das cabeças.

Dona Zizé e Gemma devem ter sentido a mesma sensação estranha de estar ao lado de um sujeito que conhece seus pecados, podres, seu íntimo. Agora ficaram todos próximos. Novo cumprimento silencioso.

Foi o padre quem começou a conversa:

— Posso fazer uma visita à casa do casal?

— Como?

Dona Zizé e Gemma se olharam. Jamais poderiam imaginar um convite

daqueles, ali.

— Se os senhores quiserem almoçar conosco, estão convidados. Hoje temos risoto...

— ... de camarão - atalhou Dona Zizé, olhando para o sacristão Acácio. - Gosta de camarão, jovem?

Uma semana se passou desde o almoço que, daqui a pouco, contaremos como transcorreu.

Nessa semana, mesmo lado a lado no banco, Dante e Virgílio não se falavam. Não se cumprimentavam.

Beatriz aparecia sempre, ou no MSN, ou por *mail,* mas sempre preocupada. Era como se Dante estivesse dando um tempo para começar a cometer os pecados que o levariam ao Purgatório.

Durante essa semana, Dante também mal conversou com Gemma sobre qualquer que fosse o assunto. Por seu lado, dona Zizé liberou geral os filmes pornográficos na sala quando ficava sozinha.

Dante foi diariamente ao consultório do Juninho. Durante meia hora lia os manuscritos do Juninho que já haviam virado ficção há muito tempo. Nada mais tinha a ver com a vida do Dante.

— Mas você está inventando tudo, Juninho.

— Mas é claro. Você não colabora, eu crio. É uma biografia romanceada...

— Mas eu e o Virgílio nunca fizemos troca-troca.

— Pega bem, pega bem.

— Pega bem, o *cazzo!*

— Calma, depois você vai fazer a revisão final. Não se preocupe. Mas voltemos ao cerne da história. Se a Gemma não sai mais da igreja e pegou amizade com o padre, sorte sua. Ela vai para o Céu.

— Nunca se sabe... Tenho minhas dúvidas. Já pensou, eu chego lá e me encontro com ela? O "até que a vida os separe" vai virar o quê? Vou ter que viver com ela o resto da humanidade.

— O que eu quero dizer, agora como psicanalista, é que você se desviou da sua própria história, do seu próprio destino ao se preocupar para onde Gemma vai depois de morrer. Você tem que esquecer a mulher e começar a pecar. Esqueça a Gemma. Ela deve morrer antes de você. Você ficará sabendo onde ela está.

Será que a Gemma irá morrer antes dele? É uma loteria, mas ele resolveu, ajudado pelo Juninho, que não iria morrer antes dela. Não iria provocar a sua morte sem saber muito bem sabido onde se encontrava a falecida.

Conforme você já sabe, dona Zizé e Gemma andaram peregrinando por outros médicos, mesmo que isto tenha deixado o Fabião muito contrariado e tivesse até rompido com a velha amante, dona Zizé. Havia uma esperança, uma pequena esperança. Nem todas as pessoas do mundo que tiveram a Síndrome de Pantagruel morreram ao atingir a marca dos dois metros de altura. Apenas uma havia sobrevivido e, para sorte de todos nós, era brasileira e morava em Maresias, uma praia no litoral paulista a poucas horas da capital.

Não foi difícil, pelo computador do médico, descobrir o nome completo da sobrevivente. Talvez ela tivesse o segredo da vida. Mas o médico deixou claro: a possibilidade de sobrevida era de apenas dez por cento.

Durante essa semana também, Leonardo da Vinci sumira da vida de Virgílio, que permanecia todo seu tempo fora do banco com o computador ligado, esperando uma chamada. Ele sofria e chorava.

Naquele almoço do padre e do sacristão na casa do Dante, o padre Geraldo Magela veio com uma lengalenga de que estava cheio de culpas, por ter se irritado com eles, que se sentia em dívida com o Todo-Poderoso e poderia estar - inclusive - em pecado. Queria que o casal se aproximasse mais da Igreja, da

comunidade, sentia que eles estavam vivendo um momento complicado e Deus estava disposto a ajudar.

Dante e dona Zizé não deram a menor bola para o discurso do padre, mas Gemma, talvez com a morte a se aproximar, pegou amizade com o reverendo Geraldo Magela.

O que ela tanto fazia na igreja todas as tardes Dante não queria saber. Como já foi dito, queria distância da esposa. Era esperar ela morrer e ver para onde iria: Céu, Purgatório ou Inferno?

Não que o Dante desejasse a morte da esposa. Ele, apesar de tudo, havia se acostumado com o jeito de se amarem. Mas Beatriz era mais forte, era aquele primeiro amor, que a gente não esquece.

A semana passou. Dante colocou a cabeça no lugar. Tinha que voltar aos planos e planilhas dos pecados. Sua meta voltou a ser a ida para o Purgatório.

Mas, para isso, cie teria que se entender novamente com o Virgílio, que, provavelmente, ainda não o perdoara.

Enquanto isso, num velho jipe Willys, padre Geraldo Magela, Acácio - o sacristão guiava - Gemma e dona Zizé se dirigiam a Maresias. Precisavam achar Gilda Helena Pretestato, a única sobrevivente no mundo da Síndrome de Pantagruel.

A cem quilômetros dali, por mais que insistisse, Virgílio não abria a porta para Dante.

XXIII

O velho jipe do padre Magela parou diante da pequena capela da praia de Maresias. Desceram os quatro. Ao lado havia um boteco com chão de areia e mesinhas de plástico que é para onde foram dona Zizé e Acácio. Espetinho de camarão c uma estupidamente gelada. Dona Zizé foi com a cara do sacristão e vice-versa.

O padre e Gemma bateram na porta da igrejinha. Nada. De novo e nada. Um bêbado se aproximou e disse que o sacristão era aquele que estava lá na última mesa, de camiseta da seleção brasileira. Foram até lá, perguntaram se ele conhecia uma tal de Gilda Helena Pretestato.

— Se é Pretestato eu não sei... Mas a única Gilda que eu conheço por aqui é a Gildão.

— Gildão? - perguntou Gemma - deve ser ela. Alta?

— A maior mulher do mundo. É fácil.

O sacristão nativo fez um sinal e foram até a beira da estrada. Apontou.

— Tá vendo aquela casa verde? Vocês viram para a esquerda. É uma estradinha de terra, uma subida. Vão subindo, subindo, é a última casa lá em cima. Do lado direito. É lavadeira, não sai nunca de casa. Nem na igreja ela vem, depois que tudo aconteceu.

Gemma se interessa.

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— A senhora não vai acreditar, mas a mulher deu pra crescer que foi uma loucura. Treco do diabo.

O sacristão voltou para a sua mesa, mas antes disse:

— Fala para a Gildão que se ela parar com aquilo o padre aceita ela de volta.

— Aquilo, o quê?

— Aquilo, ué.

Os dois voltaram ao boteco. Dona Zizé e Acácio estavam na segunda cerveja e falavam de filmes de sacanagem. Pararam quando viram os dois chegando.

— Vamos sentando, minha filha. Esse espetinho de camarão tá demais. Uma cervejinha, padre? Estupidamente.

Sentaram, o padre pediu um refrigerante *light.*

Gemma tinha Pressa. estava ansiosa.

Quando Virgílio abriu a porta, Dante caiu para dentro da sala. Estava encostado na porta e dormitava ali, sentado. Acordou sobressaltado.

— Virgílio? Não vai me convidar para entrar?

Virgílio olha o velho companheiro quase deitado
no chão, apenas com as pernas para fora. Dante, com toda a honestidade:

— Saudades, Virgílio.

Levanta-se, entra e cai num sofá.

— Está sozinho?

— Mais do que nunca.

— Tem uma biritinha?

— Sabe que eu acho que depois que tudo começou a gente tá virando meio

alcoólatra?

— Beber não é pecado. Pelo menos por enquanto.

Travaram esse breve diálogo sem nenhum sorriso no rosto, secos e curtos. Virgílio prepara as biritas. Dante olha em volta.

— Desculpa, mas o teu apartamento tá uma zona!

— E de quem é a culpa?! De quem é a culpa?! Sua, Dante, sua!!!

— Minha?

— A Terezinha pediu demissão naquela manhã mesmo... (sério) E então? De quem foi a culpa?

Dante dá um gole.

— Mas a gente precisa dela. Ela é fundamental para os nossos planos.

— Nossos? Não tenho mais plano nenhum. O Leonardo da Vinci sumiu.

— Mas como, você desistiu (puto da vida)??? Olha, Virgílio, eu não queria te desanimar, mas eu achava meio impossível um amor entre o Leonardo da Vinci e você... Desculpa falar, mas...

— Terminando a bebida, pode sair e feche a porta.

Virgílio pegou um saco de roupas sujas e saiu.

Pela altura dos varais de roupa para secar da
pequena casa, só poderia ser ali. Padre Magela e Gemma foram até Gildão, uma negra enorme como Gemma, pouco mais de trinta anos. Se aproximam. Ela lava a roupa com as pernas abertas para ficar mais próxima do tanque. Foi Gemma quem puxou o assunto.

— Dona Gilda?

— Gildão!

Gildão sorriu, enxugou as mãos.

— Muito prazer, Gildão.

— Trouxeram roupa pra lavar?

— Muito prazer, meu nome é Gemma e este é o padre Geraldo Magela.

O sorriso sumiu do rosto de Gildão.

— Padre?

O padre estende a mão. Gildão volta a lavar a roupa.

— Se veio aqui pra me convencer a deixar o Culto Eclético da Fluente Luz Universal, pode pegar o seu jipe, dar meia volta e nunca mais aparecer. Fui expulsa da sua Igreja pelo padre Luizinho. Conhece?

— Não, dona Gildão, estamos aqui para falar com a senhora sobre a Síndrome de Pantagruel.

Mas o padre se interessou:

— Culto o quê?

— Culto Eclético da Fluente Luz Universal.

— Alguma coisa a ver com a Igreja Universal?

— Mas vocês vieram aqui para falar da doença ou do Eu Superior Interno?

Gemma e o padre não entendiam nada.

— Sobre a síndrome, Gildão. Soubemos que você se curou.

Gildão observa bem o corpo de Gemma.

— Está com a síndrome, não é?

— Isso. Dá pra perceber, né? Não sei se a senhora sabe, mas a senhora foi a única pessoa que não morreu por causa desta maldição de Deus.

O padre fica furioso.

— Dona Gemma!!! Deus não é maldito!

Gildão olha bem para o padre, para Gemma:

— Vamos conversar lá dentro. O senhor não, padre. Assim como eu fico fora da sua Igreja, o senhor fica fora da minha casa. Não foi Jesus quem disse, no Sermão da Montanha, "olho por olho, dente por dente"?

As duas gigantas entram.

Virgílio já havia voltado da lavanderia, agora arrumava o lixo da cozinha. Dante foi até ele.

— A gente não pode continuar assim, Virgílio.

— Você cometa os seus pecados, vá para o Purgatório ficar com a sua Beatrizinha, eu assumo a gerência e fico aqui, muito feliz da vida.

— Mas Virgílio, lá no Purgatório não existe apenas o Leonardo da Vinci...

— Gosto muito da minha vida aqui na Terra. Não sei onde estava com a cabeça, embarcando nessa loucura toda. Olha o que eu ganhei: perdi a Terezinha, perdi o Leo. Mas ganho a gerência.

— Quer dizer que a gerência, para você, é mais importante do que eu, o velho amigo de infância?

— Não me venha com chantagenzinhas emocionais, Dante, por favor. Com licença, me deixa passar.

Virgílio sai com o lixo. Dante aproveita e serve- se mais uma dose. "Acho que estou bebendo muito mesmo. Será que lá no Purgatório tem uísque? Se tiver**,** deve ser do melhor, envelhecido..."

Virgílio volta:

— Você não percebeu ainda, Dante, que a vida de todo mundo se

transformou num inferno depois que começou essa história toda? Quando é que a gente poderia imaginar uma briga entre nós?

Gildão pergunta à queima-roupa para Gemma: -A senhora *já* ouviu falar de um descendente de escravos, que viveu no começo do século vinte, chamado Raimundo Irineu Serra? "É doida" pensou Gemma.

XXIV

— Senta aí, minha filha - pediu Gildão enquanto procurava alguma coisa numa cômoda. Achou e mostrou para Gemma uma foto, em preto-e-branco, esmaecida pelo tempo.

Na foto, um negro alto, muito alto, rodeado por várias pessoas. Gildão aponta com o indicador:

— Mestre Irineu. Esta foto deve ser de 1930, mais ou menos. Foi tirada no meio da selva amazônica. Veja como ele era alto como nós.

— Também teve a Síndrome de Pantagruel?

— Não posso afirmar com certeza. O que eu sei é que ele viveu muitos anos.

Gildão pega um frasco com uma bebida dentro. Mostra.

— O Mestre Irineu criou isso aqui. Ele deu o nome disso, que é feito de raízes, de bebida enteógena sacramentai. Chique, né?

Gemma entendia cada vez menos.

— Já ouviu falar no Santo Daime?

— Santo Daime? Já, já.

— Então, é isso aqui. Pois não é que, quando eu estava com quase dois metros de altura, procurei a turma do Santo Daime aqui na região? Foi tiro e

queda. Por isso que não me deixam mais entrar na igreja. E tem mais, minha filha. Segundo o Mestre Irineu, ele recebeu essa doutrina através da aparição da Nossa Senhora da Conceição, na primeira vez que ele tomou a bebida, lá no Acre.

Gemma olhava para a bebida e para Gildão. Meio que não acreditava que estava ali naquele fim de rua, ouvindo aquela história espantosa.

— Minha filha, isso me salvou! Você quem sabe.

— Mas eu tenho que entrar para a... seita, religião...

— Me deixa o seu celular. Quando houver um encontro eu te aviso. Mas leva este vidro. Tome uma xícara de café por dia. É tiro e queda. Vai, pega. Tome uma dose agora. Mas, se quiser a minha opinião, não conte para o padre. Vai complicar a sua vida.

Gildão serve duas doses. Oferece uma para Gemma.

— Assim, sem gelo?

— Vai, vira de uma vez.

— O que eu vou sentir?

— Paz. Muita paz. Luzes, amor, caridade e fraternidade humana. E vai parar de crescer e vai viver muitos anos. O Mestre Irineu garante. Quer viver, quer paz, amor? Vai, menina. Viva a sua vida em paz. Nossa Senhora da Conceição te abençoa.

Seja o que Deus (ou o Mestre Irineu) quiser.

Gemma tomou a sua dose de Santo Daime.

Enquanto isso, em São Paulo, Virgílio olhava para Dante, que estava sentado diante dele. Um longo silêncio dentro da sala. Dois amigos, duas vidas em comum e, agora, uma briga feia. Devia ser isso que aqueles dois pensavam ao

mesmo tempo. Uma amizade bonita, eu diria eterna, mas que, desde a morte da Beatriz, mexera muito com os dois. Foi Dante quem quebrou o silêncio.

— Quer dizer que você não quer mais morrer?

— É.

Novo silêncio.

— E nem vai me ajudar a pecar?

— É.

Dante se levanta e coloca o dedo na cara do amigo:

— Sabe o que eu acho, cara? Que você quer mesmo que eu morra para pegar a gerência!!!

Virgílio não se abalou. Ou, pelo menos, deu a entender isso. Dante foi embora, batendo a porta. Virgílio, sozinho, arrumando a sala, começou a chorar.

O padre Geraldo Magela tinha tudo para estar emburrado. Subindo a serra de volta para São Paulo, no banco de trás do jipe, Acácio e dona Zizé estavam de pilequinho, contando piadas picantes de papagaio. Gemma, depois de contar do Santo Daime para o padre, quieta. O padre dirigia. O mesmo silêncio que pairou sobre Dante e Virgílio, estava ali. Gemma tinha contado que Gildão havia se salvado com o Santo Dai- me. Mas não disse que tinha tomado e muito menos que estava levando uma garrafinha para casa. Mas, de repente, o efeito das raízes bateu. Gemma sentiu que estava diferente, uma novidade estranha e boa estava acontecendo com ela. Como disse Gildão, um mundo de paz invadiu a sua cabeça, seu corpo relaxou e ela começou a ver tudo com outros olhos. A mata atlântica era uma beleza, a natureza entrava na sua cabeça. As cores ficaram vivas. Uma felicidade inenarrável invadiu Gemma e ela chegou mesmo a pensar que naquele momento havia diminuído uns dois centímetros. Sentiu que ainda iria viver por muitos e muitos anos. Só faltava aparecer Nossa Senhora da Conceição.

Mas mãe é mãe, mesmo de pilequinho, e percebeu.

— O que está acontecendo com você, Gemma Margarida? Tá esquisita, né, Acácio?

— Nada.

— Seus olhos. Nunca vi seus olhos assim. Olha como brilham...

O padre olhou e teve certeza que ela havia tomado o Santo Daime. Mas não disse nada. Não era o momento de discutir aquilo. "No desespero, as pessoas perdem a noção do certo e do errado", pensou e engatou a segunda numa curva mais fechada.

Gemma sorria, sorria. Gemma vivia.

No computador. Dante e Beatriz.

— *Não, Dante, você não pode desistir.*

— Minha vida nunca mais foi a mesma, Beá. Perdi o meu melhor amigo, a Gemma está morrendo. Eu não posso abandonar ela logo agora, eu sinto que tenho que cuidar dela.

— *Eu entendo, meu amor, eu entendo.*

— O Virgílio perdeu até a empregada. Eu estou bebendo mais do que devia. Estou cheio de dúvidas, Beatriz. Me ajude, me dê uma luz, me ajude.

— *Venha, venha, venha. Você vai ser muito feliz aqui... E tenho certeza que a Gemma vai viver feliz sem você. Se não morrer, é claro. Mas será o Benedito que não tem nenhum remédio para ajudar?*

— Mesmo que não morra agora, Beá, um dia ela vai morrer e pode nos encontrar aí. Já pensou na possibilidade?

— *Não tenha pressa, meu amor. Não tome decisões precipitadas. Faça o que o seu coração e o seu amor mandarem. Mas pense sempre que eu sempre te amei e te amo. Um beijo. Fui.*

Entra Gemma com a fita métrica, sorriso largo no rosto, olhos faiscando de alegria.

— Mede.

Dante, em silêncio, mediu. Gemma havia crescido mais um centímetro.

XXV

Gemma não gostou de ter crescido mais. Mas não se abalou. Havia acabado de tomar a dose. Mas estava confiante que, com o tempo, assim como havia acontecido com a Gildão, tudo iria se resolver. "Faltam dez centímetros ainda. Ou só?"

Entra dona Zizé:

— O Virgílio acaba de ligar. É para você dar uma subida lá.

Dante sai e Gemma percebe que a dona Zizé está com o vidro de Santo Daime na mão.

— Deu para mexer na minha bolsa? Era só o que me faltava. Me dá isso aqui.

— Sempre quis tomar esse troço, sabia? Dizem que a gente fica doidão. Tá doidona?

Gemma pega o vidro e nota que diminuiu a quantidade.

— A senhora não vai me dizer que...

— Dois golinhos só. Mas ainda não bateu.

— Mãe, isso não é para ir tomando assim sem mais nem menos. Tomara que comece a diminuir mais ainda.

— Quanto tempo demora para fazer efeito? As luzes, as luzes, como estão? Brilham? Brilham?

A porta do apartamento do Virgílio estava aberta. Com ele, o padre Magela.

— Padre Magela?

— Preciso falar com você, meu filho.

— E por que não foi lá em casa?

— É sobre a Gemma.

Virgílio foi para o seu quarto e deixou os dois sozinhos.

— Já ouviu falar em Santo Daime, Dante?

— Mais ou menos. É uma religião ou algo assim, né? Uma seita?

E o padre explicou tudo. Que a tal da Gildão disse que se salvou com aquilo e que a Gemma estava bebendo. E que a Igreja não via aquilo com bons olhos, apesar de o governo ter liberado o uso. Misticismo puro, teria dito o padre. Artimanha do demo.

Dante ouviu a longa explanação do padre, mas com a cabeça a mil.

— Digamos, padre Magela, que mesmo ela tomando esse remédio, ela não se cure e morra. Ela vai para onde?

— Como assim, para onde?

— Periga ela ir para o Purgatório? É um pecado bom para o Purgatório?

O padre fica olhando para ele. Passa um tempo em silêncio.

— Sabe o que eu não entendo, Dante? Você ficou mais de vinte anos, talvez trinta, afastado da Igreja. Há poucas semanas voltou. E, sempre que conversamos, seja no confessionário ou pessoalmente, você sempre me fala no Purgatório. Pode me explicar? Por que essa fixação no Purgatório se devia estar pensando era no Céu?

— O senhor não me respondeu. Tomar o Santo Daime a Igreja classifica como que tipo de pecado? É mortal ou venial?

— Não se trata de pecado, meu filho. Mas sim de acreditar em outros dogmas distantes da palavra de Deus e do santo Evangelho. É evidente que, quando Deus entregou as tábuas da lei para Moisés, não existia Santo Daime... Você está me deixando confuso c fugindo da minha pergunta: por que a fixação com o Purgatório?

— O senhor é quem está fugindo. Ela vai para onde?

O Padre Geraldo Magela pega suas coisas e vai saindo.

— Não adianta. Eu quis ajudar a família, você e a Gemma. Eu quis! Mas parece que ninguém quer ouvir a verdadeira palavra de Cristo. Repito, senhor Dante: procure um psicanalista. Urgente!

Faz o sinal-da-cruz e sai.

Virgílio entra na sala:

— Já não disse para esquecer a Gemma?

— Mas ela está tomando o Santo Daime. A Igreja é contra e...

Virgílio interrompe:

— Chega, chega de Gemma!!!

Virgílio senta-se. Tem nas mãos um livro de capa vermelha e outro exemplar daquela caderneta escolar.

— O primeiro pecado que você vai cometer será o sétimo: não furtar.

Disse isso um pouco envergonhado, porque estava assumindo, naquele momento, que iria ajudar o amigo. Dante entendeu e se emocionou. Os dois se levantaram c deram um forte abraço.

— Vai, senta aí, Dante.

— Eu sabia que podia contar com você, Virgílio! Eu tinha certeza que você não iria me abandonar na hora da minha morte.

— Furtar, hoje em dia, Dante, mudou muito. Leia o que nos diziam o que

era roubar: tenho tirado gulodices em casa sem licença dos pais? Tenho furtado dinheiro a meus pais? Quanto? Tenho furtado qualquer coisa a outros? Era coisa de valor? Tenho aceitado ou comprado coisas furtadas? Tenho ficado com coisas achadas sem procurar o dono? Tenho estragado alguma coisa alheia? Em prejuízo grave? lenho tido vontade de furtar?

Dante sorri.

— Tirado gulodices é demais!

Virgílio agora bate a mão no outro livro com um gatuno na capa.

— *Arte de furtar.* Autor anônimo do século XVIII. Aqui tem todas as maneiras de se furtar. Você vai perceber que o roubo não mudou muito do século dezoito pra cá. Veja o que o João Ubaldo Ribeiro escreveu na apresentação. E muita atenção: ele escreveu - o João Ubaldo - isso em 1992. Há quase quinze anos. E nada mudou. Leia você mesmo o que está sublinhado.

Os *tópicos abordados pelo autor, nem sempre com os nomes que lhes damos hoje: corrupção, injustiça fiscal, fraudes em compras públicas, peculato, estelionato, especulação, tráfico de influências, advocacia administrativa, superfaturamento, acumulação de cargos, suborno, cabides de emprego, funcionários fantasmas, lentidão burocrática, nepotismo, políticos nefastos, produtos de baixa qualidade e até golpes de marketing.*

— Entendeu, Dante? Hoje se rouba de uma maneira mais sutil, mais inteligente. Hoje os ladrões usam terno e gravata e saem no primeiro caderno dos jornais e não nas colunas policiais. Dão entrevista no *Jornal Nacional.*

É um desses roubos que você vai cometer.

— Mas, para cometer esses crimes todos, tem que ser político, Virgílio.

— Nem todos. Como gerente de banco você pode cometer alguns desses. Na boa. O meu plano é o seguinte.

Como nas telenovelas, sai o som, sobe a música e não vamos ouvir o plano de Virgílio. Bem mais tarde, Dante volta para casa levando o livro *Arte de furtar* do anônimo do século XVIII, abre a porta: Gemma e dona Zizé estão deitadas no chão da sala, olhando para o teto, fumando charuto (as duas) e ouvindo Raul Seixas a mil.

Eu nasci há dez mil anos atrás, já dizia Paulo Coelho na voz de Raulzito naquele tempo aos seus discípulos.

XXVI

Sem tropeçar em nenhuma das duas, Dante passou pela sala, foi até a cozinha, serviu-se de uma dose e foi para o escritório. Não havia nenhum *e- mail* da Beatriz, infelizmente. Foi para o seu quarta. Deitado, abriu o livro *Arte de furtar* numa página qualquer e leu uma frase que o deixou com a pulga atrás da orelha.

Diz Lactâncio Firmiano que a maior maldade que comete o demônio é a de tomar corpos fantásticos, para cometer abominações, porque não pode haver maior malícia que despir-se uma criatura do seu próprio ser e vestir-se da natureza alheia, saindo-se de sua esfera para poder mais ofender a Deus.

Aquilo preocupou Dante. Muito. Levantou-se, foi para o escritório, passando outra vez pela sala onde a esposa e a sogra dormiam no chão.

Entrou no Google e procurou por Lactâncio Firmiano. Padre católico do começo do século III: *Lactâncio Firmiano, que sin duda fue un grande hombre, muy docto, muy agudo, y sobre todo muy elocuente, por cuya razón se le dio el epíteto de Cicerón de la Iglesia.*

A terrível dúvida de Dante Alberto: quem é que lhe garante que a Beatriz está mesmo no Purgatório? Qual a prova que ele tem disso? E se ela estiver no Inferno, querendo levá-lo para lá? A maior maldade que comete o demônio é a de tomar corpos fantásticos, já dizia Lactâncio. Dante precisava de uma prova da Beatriz. Dante começa a se apavorar.

E se ela estiver a serviço do demônio? Olha no relógio. Uma da manhã. Dante precisa conversar com alguém. Dante está atormentado. Manda um *e-mail* para

Beatriz e fica esperando o retorno, olhando para o monitor durante mais de meia hora. Nada. O que estará acontecendo? Com quem conversar?

— Como é que a gente não havia pensado nisso?, disse Virgílio com cara de sono.

— Pois.

— E agora?

— Eu não posso arriscar a minha vida. Eu preciso ter certeza! Absoluta!

— Calma, não se desespere...

— Calma, como? A Beatriz não me respondeu o *e-mail.* Se é que é mesmo a Beatriz. Pode ser o demônio me tentando.

— Você não tem por que duvidar da Beatriz.

— Você diz isso porque não é você quem vai morrer.

— Mas a gente viu a Beatriz. Vimos o Leonardo da Vinci! Ah, Leo...

— Vamos lá na Terezinha!

— Tá doido? Sabe que horas são?

— Pelo fuso horário lá no Purgatório agora é de dia. Vamos lá. Vai, coloca uma roupa.

— Dante, amanhã a gente resolve isso.

— Amanhã é domingo e a gente não vai encontrar a Terezinha. Eu preciso de uma prova. Já!

Quem abriu a porta da casinha foi o Tobias, um negão que parecia um lutador peso pesado.

— Qual e o pobrema?

— A gente precisa falar com a Terezinha.

— Tá durmino.

— Fala que é o seu Virgílio, patrão dela.

— O baitola?

Tobias deu uma gargalhada com seu bafo de cachaça recém-bebida.

— Vou ver o que posso fazer pelo mano.

— Mas vai deixar a gente aqui na chuva?

Tobias abriu a porta e os dois entraram.

— Patrão é patrão, né memo? Tobias, a seu dispor.

— Encantado...

— Sem gracinha, sem gracinha.

Não precisou nem acordar a Terezinha, que entrou na sala enrolada numa toalha.

-Seu Virgílio!!!

Dante olhava para Tobias e para Terezinha. A diferença de altura dos dois devia ser de um metro, no mínimo.

— O que que aconteceu, seu Virgílio?

Foi Dante quem respondeu.

— Desculpa incomodar, dona Terezinha, mas o caso é mesmo de urgência máxima!

— Magino.

— Deixa eu me vestir. Meu Deus, vê se isso são horas! Vou passar um cafezinho depois.

Tobias:

— Tava memo de saída. Assunto de patrão eu num me meto, né memo?

— Podes crê, mano.

Tobias grita para dentro:

— Terezoca, te vejo amanhã no Centro.

— Centro Espírita? O senhor também é médium?

— Tá falano com ele memo.

— Então fica, então fica. Pode ajudar.

Tobias senta-se, acende um cigarro, dá uma tragada forte.

— Num tô entendendo nada!

Terezinha passa para a cozinha, já vestida. Os três ficam em silêncio na sala. A única frase dita foi pelo Tobias, que não teve muita repercussão: e o Timão, hein?

— Olha o cafezinho... Não pensa, seu Virgílio, que eu já perdoei o senhor, não. Estou apenas sendo educada. Mesmo diante do avançado da hora.

— Te agradeço, Terezinha. Sentindo muito a sua falta.

— Se veio aqui para me pedir para voltar, pode ir tirando o cavalinho da chuva.

Tobias preferiu um gole de cachaça na garrafa. Para falar a verdade, só a Terezinha bebeu café. Tobias segurou um arroto monumental e perguntou:

— Pois então, mano, qualé o pobrema?

Foi Dante que começou a falar:

— O pobrema é que...

Tobias se levantou.

— Sem gozação, mano, sem gozação! Eu sei que não é pobrema que se

fala, mas eu falo pobrema e qual é o pobrema cum isso?

— Calma, Tobias - pediu Terezinha.

— Falo pobrema e ninguém tem nada com isso. Né, nega?

Terezinha coloca panos quentes.

— Diga qual é o problema, seu Dante.

— O problema, Terezinha, é que eu preciso falar com a Beatriz com a máxima urgência!

— E o senhor, seu Virgílio, com aquele pintor italiano.

— Bem, se ele aparecer.

— Nem pensar, Virgílio, nem pensar! Eu pago quanto for preciso.

Tobias se levanta de novo:

— Num ofende, não! Isso aqui não é negócio, não. Vamo com calma.

— Desculpa, desculpa. Sabe, Tobias, talvez você, sendo maior, mais forte...

Terezinha o interrompe.

— A mediunidade não se mede por altura nem peso, seu Dante.

— Desculpa. Mas a senhora pode ajudar, dona Terezinha?

— Só se me prometerem que é a última vez. Tão pensando o quê?

Dante e Virgílio se entreolham.

— Tá, tá.

— Vamos sentar ali na mesa. Silêncio absoluto, por favor.

Tobias segura outro arroto. Tenta segurar mais um mas não consegue.

— Os mano me desculpa.

Dante desculpa:

— Olha, dona Terezinha, se baixar um tal de Lactâncio Firmiano, também interessa.

Terezinha fica brava:

— Tá pensando que isso aqui é o que, seu Dante? Casa da sogra?

— Desculpa, desculpa. A Beatriz tá de bom tamanho.

Terezinha diminui a luz, senta-se e fica de mãos dadas com Tobias. Todos de olhos fechados. Dante sua o suor dos apavorados.

XXVII

Apesar de a Terezinha ter afirmado que a mediunidade não se mede por peso e altura, foi o Tobias quem começou a expelir o ectoplasma primeiro. E uma figura foi se materializando na frente deles. Deu para perceber que era um homem. Um homem grande e muito magro, com roupas estranhas.

Dante e Virgílio comentavam bem baixinho. Virgílio estava entusiasmado. Poderia ser o Leonardo da Vinci. Agora a visão era bem clara e, definitivamente, não era o Leo. E o homem de cabelos compridos falou:

- *Lactâncio Firtniano! Alea jacta est'*

— Como? - perguntaram os dois.

— *Forsatt et haec olim meminisse iucabit...*

E agora? O homem falava latim. A única frase que o Dante sabia em latim era *data vênia.*

— *Data vênia*, cadê a Beatriz, seu Lactâncio?

— *Quaefuit durum pati, meminisse dulce estl*

— A gente devia ter trazido o padre Geraldo Magela.

— *Memória est thesaurus ómnium rerum et custos...*

— Ai, meu saco! O homem não pára de falar.

Agora é o ectoplasma da Terezinha que começa a se materializar. É a Beatriz! Fica nítida, linda, quase fosforescente. Ela abre um sorriso. Dante quase

morre. Olha para ela e tem certeza que não pode ser o demônio que está ali. É a Beatriz, o seu amor da juventude, o seu amor eterno.

— Como vai o Da Vinci, Beatriz?

— Cala a boca, Virgílio!

Beatriz é só sorrisos.

Rapidamente, Dante explica para ela as suas dúvidas, meio envergonhado de suspeitar dela. Conforme ele vai falando, ela vai fechando a cara. Não está gostando nada das dúvidas do amado Dante. Quando ele acaba de falar, ela se aproxima dele, estica o braço c coloca o dedo bem próximo do seu nariz. E fala com uma voz suave, mas firme:

— *Vá para casa e durma. Em sonho, vou te levar até o Purgatório. Dormindo, você vai ter uma parada cardíaca o tempo suficiente para ver tudo.*

Beatriz abaixa-se e dá um beijo na boca de Dante. Um pequeno beijo, respeitoso, com um hálito de rosas.

E some.

Mas Lactâncio continua:

— *Factum ábiit, monumenta manent!!!*

Lactâncio Firmiano faz o sinal-da-cruz e desaparece, para alívio do Tobias. Tobias e Terezinha, exaustos, saem do transe.

— Muito obrigado, pessoal.

Terezinha limpa o suor com uma toalha.

— Foi a última vez, seu Virgílio.

Virgílio dá um beijo na testa da Terezinha.

— Terezinha, eu queria que você reconsiderasse. Afinal, foram mais de dez anos juntos... Minha casa tá uma bagunça, não é, Dante? Acostumei até com o seu mau humor... Pensa um pouco, Terezinha.

Terezinha não fala nada. Virgílio sussurra para Tobias:

— Se quiser aparecer lá em casa...

Terezinha titubeia:

— Vou pensar, seu Virgílio. Vou pensar.

— Dou aumento. Não muito, mas dou.

Durante esta conversa, Dante tinha ficado se olhando num espelho, mais especificamente para os seus lábios. Passava a mão neles e cheirava. O cheiro não saía, era bom, não podia ser artimanha do demônio. O que ele tinha que fazer agora era dormir. E sonhar. E conhecer o Purgatório. Vamos embora, Virgílio!

Já estava amanhecendo quando Dante voltou para a sua casa. E precisava dormir, conforme o pedido da Beatriz.

Rolava na cama vazia - Gemma continuava dormindo no chão da sala com dona Zizé - e, cheio de emoção, não conseguia dormir. Tomou um frontal, começou a ler a *Arte de furtar* para ver se o sono e o sonho vinham. Vieram.

Despertou num lugar mágico. Diferente de tudo que já havia visto na sua vida. Sentia uma calma imensa, uma paz. Era como se ele estivesse flutuando no ar. Não havia pássaros, mas ele ouvia o canto de canários. Não havia chão, não havia teto, aquilo era uma imensidão. Tudo muito azul, de um azul muito clarinho. Olhou para cima e viu uma revoada de anjinhos tocando pequenas harpas, clarins. Um canto que ele não sabia de onde vinha:

Cantemos ao amor dos amores, Cantemos ao Senhor! Deus está aqui!

Ó vinde adoradores,

Adoremos a Cristo Redentor!

Veio vindo um loirinho com sorriso simpático na sua direção:

— Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas...

E fazia sinal para Dante o seguir.

É, não havia nenhuma dúvida. Dante caiu no lugar errado. Estava no Céu.

Uma procissão de beatas passa por ele, pessoas falando em latim, ele quer acordar, voltar, mas não consegue. Foi isso, ele estava sem nenhum pecado, estava puro. Foi para o Céu!!! E se eu não conseguir mais sair daqui?, pensava enquanto o Pequeno Príncipe caminhava de mãos dadas com ele. Chegaram a uma espécie de trono suspenso no ar.

— É Deus?

— Mais uma alma, senhor São Pedro.

Disse isso e se afastou.

— Bem-vindo, Dante.

— Olha, há um pequeno engano, seu Pedro. Perdão, São Pedro. Eu agradeço as boas-vindas, mas isso aqui é um sonho.

— Quem é que nunca sonhou com o Céu, Dante?

— O senhor não está me entendendo. Não era para eu estar aqui. Posso falar com Deus?

São Pedro estica o braço, aponta e diz:

— Veja, Dante, quem veio te recepcionar.

Dante olha e não acredita. Sua avó Fiíca, suas tias: tia Eponina, tia Raimunda, tia Aspásia, tia Floris- cena, tia Abadia, tia Candinha. Todas elas, castas beatas de carteirinha e agora com beatificados sorrisos e os braços abertos.

— Danzinho! Danzinho! - gritavam todas elas felizes.

Abraços, beijos, cânticos, orações. Apareceu o seu Anjo da Guarda que o saudou em latim. Antigas professoras do curso primário. Dante se lembrou daquele antigo programa de televisão *Esta é a Sua Vidal*

Dante agora era carregado pelas tias que revoavam com ele pelo céu do Céu.

— Quero falar com Deus! - era a única frase que ele conseguia dizer. Tentou recitar Castro Alves:

— *Deus, ó Deus, onde estás que não respondes, em que mundo, em que estrela tu te escondes, embuçado nos Céus? Há dois mil anos te lancei meu grito que, embalde, desde então, corre o infinito. Onde estás, senhor Deus?*

Mas o som dos versos de Castro Alves não saíam, eram abafados pelos cânticos, pelas aleluias, pelos vivas!

Deus não pintou no pedaço.

XVIII

Dante vivia um desespero. Começa a pensar que aquilo não era sonho, não era pesadelo não. Ele morreu e estava no Céu. E ali vai passar toda a eternidade. Vai conviver com todas aquelas tias dando leite de magnésia para ele. Óleo de rícino de bacalhau! Toma, menino, toma! Não pode ser verdade. A Beatriz tem que tirar ele dali. Dante tenta ter maus pensamentos, mas não consegue. Tira a roupa para causar um escândalo e percebe que todos - santamente - ficaram nus. Puros, l ia Abadia nua!!! O desespero vai aumentando. Devia ser pecado ver a tia Abadia nua, com todo o respeito ao tio Joviano. Mas não. Tio Joviano acenava para ele, sorrindo, feliz.

De repente ele começa a ouvir a voz de Gemma gritando seu nome. Pronto, a Gemma morreu e também veio para o Céu. Não faltava mais nada. Gemma continua a gritar. Agora ele vê a Gemma e a dona Zizé desesperadas, sacudindo-o.

— Acorda, Dante, acorda!

— O que foi? Vocês também estão no Céu?

Dona Zizé ria:

— Tá doido, Dante? Você tava tendo um pesadelo.

Dante tenta se levantar, lavar a cara. Começa a dizer todos os palavrões que conhece, tenta dar um passo, coloca a mão no peito. Uma dor profunda o derruba no chão.

— Meu Deus, tá tendo um ataque do coração!

Dante pára de respirar.

Agora ele está sentado numa cadeira dura e tem, diante dele, uma velhíssima máquina de escrever Remington. Olha para o lado. O lugar é infinito. São milhões, bilhões de pessoas datilografando. O barulho é quase ensurdecedor. Além das teclas, ouve-se apenas um som intermitente que vem sabe- se lá de onde:

Pamonha de Piracicaba! Pamonha de Piracicaba! Pamonha de Piracicaba!

Ao seu lado um velhinho digita freneticamente.

— Onde estou?

— Estás no Inferno. Bem-vindo.

— Cadê o fogo?

— Tem fogo, não. Aqui é o SDO.

— SDO?

— Serviço de Datilografia de Ofícios. Tu vais passar um século digitando ofícios. Três vias, com papel carbono.

— Um século?

— Se não houver nenhum erro de digitação, no século seguinte passas para o SDBA. Serviço de Datilografia de Bulas Avançado.

— Mas há um engano. Cadê o chefe? O Lúcifer.

— O chefe aqui da repartição é o seu Pires. Aquele carequinha ali. De terno cinza, gravatinha vermelha e caspa.

Dante notou que todos ali tinham ternos cinza, gravatinhas vermelhinhas e caspa. Inclusive ele. Tentou se levantar para falar com o seu Pires mas seu corpo estava colado na cadeira dura.

Pamonha de Piracicaba!

— Depois de dois séculos datilografando bulas, se tudo for bem, tu vais para o SDEA. Serviço de Datilografia de Escrituras e Afins. Aí, já tem os carimbos também. Doze carimbos para cada escritura. Cinco vias que você tem que levar ao cartório para reconhecer firma. Tem que ir pessoalmente.

Seu Pires se aproxima:

— Bem-vindo, Dante Alberto. Tenho informações de que o senhor é um exímio datilógrafo.

— Quase trinta anos de banco, né, seu Pires? Mas é o seguinte...

Quando Dante ia falar passaram umas vinte moças nuas, lindas, maravilhosas.

— Mas a situação não é tão ruim assim...

— Aquilo é só para o Lúcifer e o Belzebu, o Príncipe das Trevas.

— Mas eu não estou vendo treva nenhuma aqui.

— Literatices, literatices. Fique na sua. Nem penses em chegar perto de uma delas. Nem penses. Nem morta!!!

Pamonha de Piracicaba!

— Seu Pires, eu queria dizer que...

Seu Pires não estava mais ali.

— Eu não devia estar aqui.

— Todos dizem isso. Todos!

— Mas nem um arzinho condicionado? Computador? Não se usa mais máquina de escrever, sabia?

— Problemas de verba. As licitações foram fraudadas, superfaturadas... Peculato, formação de quadrilhas!!! Sabes como é, né? O Inferno anda muito decadente... Uma pena.

Pamonha, pamonha, pamonha!

— Tu precisas arrumar um nome. Aqui, todo mundo tem um apelido (e foi apontando): Arrenegado, Azucrim, Barzabu, Beiçudo, Bicho-Preto, Bode- Preto, Cafuçu, Canheta, Canhoto, Cão, Cão-Miúdo, Cão-Tinhoso, Capa-Verde, Chavelhudo, Coisa, Condenado, Coxo, Cramulhano, Cujo, Dianho, Dragão, Droga, Ele, Excomungado, Feio, Figura, Futrico, Galhardo, Gato-Preto, Grão-Tinhoso, Indivíduo, Inimigo, Labrego, Lá-de-Baixo, Macaco, Maioral, Maldito, Mal-Encarado, Maligno, Malvado, Mico, Mofento, Moleque, Nem-Sei-Que-Diga, Pé-Cascudo, Pé-de- Cabra, Peneirei ro, Porco, Rabudo, Serpente, Sujo, Tentação, Tição, Tinhoso...

— Por que em ordem alfabética?

— Dicionário Houaiss, conheces? Me digas, e o ínter, como vai?

— Inter de Porto Alegre?

— Bah, tche!

Trovoadas, chuvas, raios. Iodos abrem um guarda-chuva perto. Todos rotos. Pingos na cabeça.

— Tu tens que tomar cuidado para não pingar no ofício. Ofício rasurado vais direto para a...

Dante fecha o olho quando entra um pingo. Agora ele está em outro lugar. Deve ter rasurado o ofício. Que lugar é esse? Pouco a pouco, ele vai percebendo que o lugar para onde foi tem muitas companhias: Gemma, dona Zizé, Virgílio, Juninho, padre Geraldo Magela e o sacristão Acácio, os últimos dois rezando um terço.

— Aqui que é o Purgatório?

O padre e o sacristão param o terço e se entreolham. Gemma passa um lenço na testa suada de Dante.

— Você está no Hospital Sírio-Libanês, Dante. Ficou em coma uma

semana.

— Quantos ofícios datilografei? Rasurei algum?

Juninho diagnostica:

— Está delirando. É normal...

— E os carimbos? Onde estão os carimbos, seu Pires? Já foram ao cartório?

Entra uma enfermeira, com licença, com licença e aplica uma injeção na veia dele.

Mede a temperatura, a pressão.

— Ele vai ficar bom. Doze por oito. Melhor deixar que ele descanse. Podem esperar na sala? Ele está cm boa companhia.

Na sala do hospital, padre Magela pega Virgílio pelo braço e caminham pelo corredor.

— Virgílio, alguma coisa está acontecendo com o Dante, além deste pequeno enfarto...

— Estresse, padre. O serviço bancário, o senhor sabe...

— Não, Virgílio. Eu me refiro a essa espécie de fixação dele pelo Purgatório.

Virgílio fica assustado com a desconfiança do padre.

— Eu só quero ajudar, Virgílio...

— Tá tudo bem, padre.

— Não está, não. Você sabe que não está.

— Esqueça, padre, esqueça.

Virgílio se afasta do padre que agora pega o Juninho que ia passando.

— Doutor Júnior, precisamos conversar.

— Confessar?

— Conversar, doutor, conversar!

XXIX

— Às vezes, doutor Júnior, a Igreja e a Ciência têm que caminhar juntas.

— Sim, sim, padre Geraldo. O senhor, por exemplo, acredita na evolução das espécies do mestre Charles Darwin?

O padre não esperava um contra-ataque assim logo no começo da partida.

— Não era exatamente isso que eu queria dizer, doutor.

— Não, porque se o senhor acredita em Adão e Eva...

— Um momento, doutor. Não chamei o senhor aqui para discutir esse tipo de assunto.

— Mas foi o senhor quem disse que a Igreja e a Ciência...

— Por favor, doutor, o assunto é sério e não vamos ficar aqui a tergiversar.

— Gostei do tergiversar. Então, padre, nesse momento, como a Igreja e a Ciência podem caminhar juntas?

— O senhor é o psicanalista do Dante e...

— E biógrafo autorizado.

— Pois. O senhor é o psicanalista dele, como eu ia dizendo, e eu sou o seu confessor. E o senhor há de convir que o homem não está bem.

Juninho fica olhando para o padre e, com a maior calma do mundo, acendeu o seu charuto.

— Padre, o senhor não está querendo que eu revele para o senhor o conteúdo e o teúdo das minhas sessões com o paciente Dante Alberto. Assim como, tenho certeza, o senhor não pode me revelar os segredos ditos no confessionário pelo nosso amigo em questão. A Ciência, assim como a Igreja, têm seus segredos.

— Sim, sim. Não quero detalhes. Como também eu não vou dar detalhes. Mas tanto eu, como o senhor, somos amigos do Dante. E o senhor não pode me negar que ele está precisando de ajuda. A fixação dele com o Purgatório. O que o senhor sabe sobre isso? É Purgatório pra cá, Purgatório pra lá...

— Isso eu não posso falar. Mesmo porque só vou revelar no meu livro, *A verdadeira história de Dante e Beatriz.*

Juninho nem percebeu que se traiu. Disse o nome de Beatriz, no afã de se vangloriar da própria obra.

— Beatriz? Quem é Beatriz?

Juninho perde o jeito. Dá uma baforada, bate a cinza num vaso, levanta-se.

— O senhor aguarde o livro. Com licença. A Ciência retira-se.

E saiu deixando o padre Geraldo Magela sozinho, pensando naquele nome: Beatriz. Quem será Beatriz? Aí tem!

Chega o sacristão Acácio.

— Tudo numa boa, padre?

Acácio estava viajando - também - com o Santo Daime. O padre balança a cabeça

— Dai-me forças, Jesus! Vamos embora, Acácio. Conversamos melhor na igreja, (longa pausa) Você já ouviu falar numa tal de Beatriz?

Acácio admirava as flores do vaso com as cinzas do charuto.

Dois dias depois, o paciente Dante teve alta e já está no banco trabalhando.

Está prestes a cometer o seu primeiro meio-pecado: não furtarás! E será através da corrupção, como convém hoje em dia.

Diante dele a bela Marisa Bacamarte que, como o leitor mais atento deve se lembrar, está tentando levantar um empréstimo alto completamente ilegal. Dante comprovando as assinaturas dela em todas as vias da papelada, os carimbos e as firmas reconhecidas: inferno!

— Bem, dona Marisa, conforme o combinado e a praxe, eu fico com vinte por cento disso.

As luzes começam a piscar no relógio do Dante, indicando que, com vinte por cento, ele vai para o céu. "Meu Deus, vinte por cento não é mais pecado grave? Onde foi que esse país chegou?", ficou admirado Dante.

— Na verdade, dona Marisa, com o risco que eu estou correndo, tenho que pedir um pouco mais. Trinta por cento e não se fala mais nisso.

— Mas isso é um roubo!

— Alguém disse que não é?

— Nem pensar. Vou falar com o Baca... Onde é que estamos?

Baca! Caiu a ficha do Dante. Naquela noite, a Gemma dormindo, dizia Baca, Baca. O leitor deve estar lembrado. Seria este o amante da Gemma? Seu supervisor? O marido da dona Marisa?

— Trinta por cento e não se fala mais nisso. É pegar ou largar, senhora Bacamarte.

Dona Marisa se insinua.

— Vamos discutir o assunto num outro lugar, meu querido?

Dante pensa logo nos outros pecados: não pecar contra a castidade e não desejar a mulher do próximo.

— Vou pensar no seu caso com todo o carinho - finaliza Dante de olho no

joelhaço dourado.

Agora a luz do seu relógio fica amarela, "como a túnica de Jesus". Dante está no bom caminho. A dona Marisa ainda vai quebrar muito galho para o Dante.

Além do risoto de camarão, outra surpresa esperava pelo Dante na sua casa. Gemma e dona Zizé, ambas com as mãos na cintura.

— Que livro é esse que o doutor Júnior está escrevendo que tem o sugestivo título de *A verdadeira história de Dante e Beatriz?*

Dante não estava preparado para esse soco no estômago, principalmente com o mesmo ainda vazio.

— Como assim? - titubeia.

Dona Zizé:

— Foi isso mesmo que o senhor ouviu. *A verdadeira história de Dante e Beatriz.* Desembucha, homem!

— Você já se mediu hoje, amor?

— Não mude de assunto, Dante Alberto. Ou eu vou ter que dar umas porradas no doutor Júnior para ele me mostrar os originais?

Dante não sabia o que dizer. É como se a Gemma tivesse pegado ele com a vizinha num quarto de motel. Não tem o que dizer. Mas Deus estava do seu lado. Tocou a campainha. Dante, aliviado, vai abrir. É o Virgílio.

— E o senhor também, seu Virgílio. Sentadinho aqui. Que livro é esse que o doutor Júnior está escrevendo?

— Livro, que livro? Sabendo de nada, não. Você sabe, Dante?

— Por fora.

— Olha aqui, vocês dois. O doutor Júnior, sem querer, deixou escapar o nome do livro para o padre Geraldo Magela, que contou para o sacristão Acácio

que contou para a mamãe: *A verdadeira história de Dante e Beatriz!*

Dante e Virgílio se entreolham. Sujou feio!

XXX

Dona Zizé tamborilava com os quatros magros dedos na mesinha de centro. Parará-parará-parará. Gemma soltava baforadas com o seu charuto. Virgílio olhava ora para o chão, ora para Dante. Este, pensava em como sair da engatilhada que a esposa havia lhe imposto.

Mas o telefone tocou. O parará parou, Gemma atendeu.

- Sim. É ela. Ah, que bom que me telefonou. Estava hoje mesmo talando de você com a minha mãe. (ouve) Pois imaginou certo. Vai ter hoje? É bom mesmo, porque já acabou. A que horas? (ouve) Sei onde é. Nove da noite. Outro. Não, não, eu vou. Agora não consigo mais viver sem você.

Gemma desliga, encara Dante.

— Esperando, seu Dante Alberto. Esperando. Dante se levanta. Agora ele tem um trunfo nas
mãos.

— Era ele! Era ele!

— Tá doido, tava falando com a Gildão do Santo Daime. Tem culto hoje. Viu, mãe?

— Estamos aí.

Dante não se dá por vencido.

— Pois eu diria que era o seu amante! Simão Bacamarte!!!

Gemma não se abala.

— Não mude de assunto, Dante Alberto. Estou esperando a explicação sobre o livro do Juninho.

Dante contra-ataca:

— Veja, como é o mundo, dona Zizé...

— Não me ponha no meio dessa discussão, não. -Veja como é o mundo. A sua filha com ciúmes
de uma mulher morta. Como se eu pudesse ter alguma relação com a falecida Beatriz. Mas ela, dona Zizé, não sei se a senhora sabe, tem um amante! Um amante vivo! E o que é pior: meu chefe, meu superintendente Simão Bacamarte!!! Vai negar, vai negar? Gemma continua inabalável.

— Lembra quando eu te disse que você estava sonhando e dizendo baca, baca, baca... E eu achando que era bacanal? Bacamarte! O que a senhora tem a me dizer disso, dona Zizé?

— Eu, meu filho? Eu não tenho nada com isso. Mas acho muito grave você estar acusando a minha filha. Se eu fosse ela já tinha mandado o senhor para o olho da rua.

Dante chega bem perto da esposa.

— Se é para dizer tudo, para abrir o jogo, vamos lá. Você nega o seu caso com o Bacamarte?

Gemma coloca as mãos no sovaco de Dante e o levanta e fala bem na cara dele, soltando fumaça:

— O assunto não é nenhum Bacamarte, meu filho. Estamos falando de literatura: *A verdadeira história de Dante e Beatriz.*

— Me solta, me solta...

— Agora eu entendo, Dante. Você inventou a morte dela naquele acidente. Eu devia ter desconfiado. Desde que ela "morreu" que o senhor mudou muito. Mãe, a piranha da Beatriz, a dançarina mariposa está viva, mãe! E nós vamos achar essa sirigaita. Ah, se vamos! Ela vai ver com quantos paus se faz uma porrada.

Joga o marido no chão.

— Dante Alberto, você tem quinze minutos para pegar as suas bugigangas, sair desta casa c nunca mais colocar os pés aqui. Vá dançar o seu balé com a "falecida"!

Dante, sentado no chão, não fala nada. Dona Zizé se levanta:

— Ouviu não, criatura?

— Virgílio, me ajuda a desinstalar o computador.

Virgílio, que, até essa altura do capítulo, não havia dito uma palavra, resolveu falar:

— Sabe o que eu acho?

Dona Zizé aponta o dedo para ele: O senhor não acha *cazzo* nenhum. Vai, vai ajudar o seu amiguinho... Vocês dois nunca me enganaram!

— A senhora não me ofenda!

Gemma ficava repetindo para ela mesma: "é isso, a bandida está viva, a rampeira, a rameira está viva".

Meia hora depois não havia mais nenhum vestígio do Dante na sua ex-casa. Apenas dona Zizé que media a altura da Gemma.

— E então?

— Continua crescendo, minha filha. Mais dois centímetros. Olha aqui: um e noventa e três.

— Eu posso até morrer, mãe, mas antes eu acho a vagabunda. Vai ter que sapatear muito na minha frente.

Dona Zizé se serve do seu velho e bom conhaque.

— E então, minha filha? A história do tal Bacamarte procede?

— A senhora também, mãe? Me dá uma dose. Mas vamos devagar com isso que temos uma viagem pela frente hoje de noite.

Um dos quartos do apartamento do Virgílio era usado por ele.

O outro, escritório e biblioteca. Sobrou o quarto de empregada, onde Terezinha dormia de vez em quando. Foi lá que o Dante se instalou de mala e micro. Tudo bem que no banheiro tinha que tomar banho quase sentado na privada, mas o Virgílio liberou o dele, lindo, só com azulejos cor-de-rosa e no teto um imenso céu azul cheio de estrelinhas doira- das (quem disse doirada foi o Virgílio) que brilhavam mesmo com as luzes apagadas.

Dante estava debaixo da mesinha instalando os fios. Virgílio na porta.

— Dante, aquele papo do Bacamarte, é verdade?

— Tenho quase certeza. Pelo menos deu para desviar o rumo da conversa. Tem um benjamim aí?

Gildão explica com um texto meio decorado:

— Aqui existe a possibilidade da limpeza, da transformação, quando todos nós, irmanados e ombreados na Corrente, vamos passar até doze horas cantando e bailando, viajando interiormente sob a condução dos hinos e da miração do Daime.

— Doze horas?

— Até o sol raiar, dona Gemma.

Devia ter mais de cem pessoas no culto. Todo mundo em pé, quando chegou a hora da miração que, conforme a Gildão havia explicado, era o "êxtase da

revelação". Dona Zizé e Gemma, *já* com *o* Santo Dai- me ingerido, procuravam cadeiras.

— Tem que ficar em pé - sussurrou Gildão. - Cantar e dançar.

Dona Zizé estava mesmo extasiada.

— Troço bom isso aqui, Gemma Margarida.

— Troço bom é eu parar de crescer. Vamos cantar, mãe, vamos cantar.

— Cantemos!

E agora todos dançam. Uma felicidade plena toma conta de todos. Dona Zizé gira pelo salão, sorrindo, sorrindo, até o sol raiar.

Gemma, dançando, só pedia um desejo: eu vou viver! Eu vou viver. E dona Zizé, que ainda sabia a Salve-Rainha de cor e salteado, rezava pela filha. Era a única pessoa que ela tinha na vida. Gemma não podia morrer. Mãe de misericórdia.

Mas, antes do sol raiar, Dante foi acordado. Não podia acreditar. Sentada na cama, estava Beatriz.

— Você? Mas onde eu estou?

— *No quarto da Terezinha, se esqueceu ?*

— Mas ela está aí?

— *Não, mas a energia dela ficou aqui. Temos quinze minutos.*

— Meu Deus...

XXXI

Com os quinze minutos a que tinha direito (segundo as leis sabe-se lá de onde), Dante e Beatriz usaram onze para fazer amor. Onze minutos, da mais sublime cena de paixão entre dois amantes que, depois de mais de vinte anos, chegaram às vias de fato. Dante e Beatriz nunca haviam passado de amassos adolescentes quando namoravam. Agora estavam ali. Dante nunca tinha sentido um prazer como aquele. Foi como se ele nunca houvesse feito sexo na sua vida. Pele, suor e lágrimas, o perfume de rosas, o rosto de Beatriz ao ter o orgasmo.
Os dois cm silêncio, deitados, olhando o teto. Uma teia de aranha no canto, uma lâmpada dependurada c o cheiro de rosas. Dante ainda arfava. Mas mantinha um sorriso de beatitude nos lábios e no coração.

— Me sinto em plena beatitude...

— *Ah, a beatitude... Aristóteles falava dela outro dia: a felicidade beatífica foi buscada e refletida por uma longa tradição filosófica que terminou por condicionar o significado religioso da palavra.*

Beatriz cai em si:

— *Vamos deixar a filosofia pra lá. Temos menos de cinco minutos.*

E vai direto ao assunto:

— *Dante, não vou mais voltar aqui. Vou te esperar lã.*

— Estou com medo, Beatriz. Desculpa insistir, mas você ainda não me deu nenhuma prova de que está lá mesmo.

— *Te dei duas chances, você foi parar no Céu e no Inferno...*

Beatriz começa a passar o dedão do pc no calcanhar de Dante. Quer mais.

— Pára, pára. Vamos conversar. Olha o tempo.

— *Me diga, Dante, qual seria o meu interesse em te enganar? Tenho algum motivo? Tenho tudo lá, quem eu quiser. E quero você, porque eu sempre te amei. É simples.*

— Não é tão simples assim. Vou ter que morrer.

— *Já sabe como vai morrer?*

— Claro. Mas não é este o problema. Está me faltando coragem.

— *Você acha que o Leonardo da Vinci estaria no Inferno?*

— Sei lá, ele trabalhou para muitos reis assassinos. Construiu máquinas de guerra.

— *Sim, para, com o dinheiro, pintar os quadros, fazer as esculturas, ser o maior gênio que a humanidade já conheceu.*

— Tudo bem, tudo bem, mas eu preciso de uma prova. Não sei que tipo de prova.

Beatriz sobe em cima dele, tapa a sua boca e aproveita os últimos segundos para amar um pouco mais, pensando, com isso, que assim o Dante confiasse nela.

Estavam quase chegando ao orgasmo supremo quando Beatriz, assim como surgiu, desapareceu. Não ficou nem uma fumacinha no ar. Dante se levanta, está suado, cansado, cheio de dúvidas, medos. Cheira o travesseiro.

Vai até a cozinha tomar água. Encontra com um negão de barriga proeminente e cueca vermelha.

— Você não é o...

— Tobias, a seu dispor. Ia passano, dei uma entradinha pra ver se a Terezinha tava. Hoje é feriado, né?

— Sei... Tava passano...

— Dei uma olhada no quartinho dela, o senhor tava durmino. Aí fiquei tomano umas e otras com o seu Virgílho.

— De cuecas?

— Calor, né, seu Dante? Tá muito abafado hoje. Olha como o senhor tá suado.

Dante enche o copo de água.

— Eu estava dormindo sozinho?

— Claro...

— Quando foi que você olhou?

— Tem uns dez minuto.

— E você não viu mais ninguém lá dentro?

— Eu, hein?

Dante sonhou? Beatriz realmente apareceu?

Virgílio entra na cozinha. Dante fala logo:

— Você viu a Beatriz por aí?

— Qualé, cara? Tá delirando? Olha, tá tudo acertado para hoje de noite.

— O que vai ter hoje de noite mesmo? Tou com a cabeça...

— Pecar contra a luxúria! Tá desligado, é? Tá sabendo que vai te custar dez mil dólares, né? Mas vai ser luxúria pra ninguém botar defeito.

— Estou com o dinheiro aqui. Tirei ontem do banco. Mas você jura que a

Beatriz... Deixa pra lá. Vou dormir.

O sol entrava na cozinha.

E também na praia de Maresias, lá no horizonte. Gildão, Gemma e dona Zizé dormiam ali na areia. Toca o celular da dona Zizé. Ela atende, conversa, desliga e acorda a filha.

— Gemminha, Gemminha...

— Ah, que horas são?

— Tá amanhecendo.

— Ouvi um telefone ou estava sonhando?

— Ouviu. Era o Ariosto, aquele da PM.

— Tá andando com milicianos agora, mãe?

Gildão também acorda.

— Gostaram?

— Vou virar freguesa - disse dona Zizé, que se levantava e espanava a areia da roupa.

— Ei, mãe, você estava falando do Ariosto.

— Positivo. A Beatriz estava mesmo naquele vôo e morreu. O irmão reconheceu o corpo.

— Certeza?

— O Ariosto não falha.

— Então, mãe, enquanto ela morava na Europa ela vinha de vez em quando para o Brasil... Durante esses anos todos, dona Zizé. E eu feito uma tonta, sem nunca ter percebido nada.

Dona Zizé dá um sorrizinho malicioso.

— É, mas me parece que durante esse tempo você não ficou sozinha a ver navios. Me fala desse Bacamarte.

— Pára com isso, mãe!

— Sou sua mãe, nunca tivemos segredos. Pode se abrir... Qual é a vantagem de ter um amante e não poder contar para ninguém?

Gildão percebe que está sobrando na cena.

— Espero vocês lá em casa para tomar um cafezinho antes de subirem a serra.

Gemma limpando a areia do cabelo, o corpo todo mole, mas uma sensação de bem-estar imensa.

— A senhora está em condições de guiar até São Paulo? Já passou o efeito da miração?

Dona Zizé insistia:

— Quem cala, consente.

— Deixa de bobagem, mãe! Cadê o vidro do Santo Daime? Valhei-me, Mestre Irineu! Me salva, Mestre Irineu!

— Isso aqui deve dar para um mês...

— Desde que a senhora não fique tomando todo dia. Ouviu muito bem o que o mestre Chiquinho disse, né? Isso não é conhaque. Nem água... Espera aí, Gildão! Vamos juntas.

De noite, na Dutra. No banco da frente, dirigindo, Virgílio. Ao seu lado, Dante. No banco de trás, Tobias.

— Tem duas coisas que eu ainda não entendi, Virgílio. Por que que temos que ir pecar contra a luxúria lá em Taubaté e qual é a função do nosso amigo aí

atrás?

Tobias rosna:

— Segurança, seu Dante! Segurança! Qualé o pobrema? O senhor já viu suruba sem segurança? -Suruba, Virgílio?

XXXII

— Segundo o *Champagne Wine Information Bureau*, em uma garrafa de champanha existem, em média, 49 milhões de borbulhas. Calculadas cientificamente!!! Repito: 49 milhões de bolhinhas!

— Mas, Virgílio, você sabe que eu não gosto de champanhe... E pára de falar champanha. Pra mim isso é frescura! Champanhe!

Virgílio mostrava uma das cinco garrafas francesas.

— Não existe luxúria sem champanhe. Vai por mim.

Dante, Virgílio e Tobias estavam sozinhos numa suntuosa sala de um sítio próximo a Taubaté. Além da champanhe, duas garrafas de uísque dezoito anos, cervejas belgas dentro de um imenso balde. Uvas de todas as cores, castanhas, salgados e um belo pavão assado em cima da mesa.

— Que galinhona!!!

— Isso é pavão, Tobias.

— Escuta, seu Virgilho, num tem caipirinha não?

Entra na sala a chiquérrima proxeneta Madame Brigitte, francesa falsificadíssima. O vestido roxo colado ao corpo, os seios saltados, o rosto excessivamente maquiado, um salto muito alto, muita jóia dourada pelo corpo. Cabelos vermelhos, unhas verdes. E um sorriso nada amarelo. Já foi interessante aquela mulher. Mas faz muito tempo.

— Bem-vindos, senhores.

Virgílio faz as apresentações. Dante olha no seu relógio. Nenhuma luz acesa. Estará Beatriz ligada à sua luxúria?

— Bebamos, senhores.

— Madama, tem caipirinha não?

— Temos tudo, senhor Tobias.

Madame Brigitte bate palma e entra um mordomo chinês.

— Ling Shing Ping, caipirinha para o cavalheiro.

— Vodca Absolut?

— 51 memo!!! É hoje...

— Tobias, contenha seus hormônios.

Virgílio deu uma piscada de raspão para o chinês.

Madame serve o champanhe.

— O champanha é a única bebida que deixa uma mulher bonita após bebê-la, já dizia Madame De Pompadour.

— Mas, afinal, é a champanhe ou o champanhe?

— A champanha, mon amour! Bebamos.

Logo depois entra Ling Shing Ping com a caipirinha.

Para surpresa geral, Tobias diz:

— Merci...

Brindam. Virgílio toma a palavra.

— Madame Brigitte, e as garotas?

Madame Brigitte dá três pílulas alaranjadas para os rapazes.

— Trinta e seis horas de paixão avassaladora. Tomam, com goles de

champanhe e caipirinha.

— Acho que você não precisava, Tobias...

— Nunca se sabe, seu Virgilho. Nunca se sabe. Madame sai e volta com cinco garotas. Todas lindas, jovens e discretamente vestidas. Moças que se poderia apresentar para a própria mãe e dizer que era sua noiva. Dante logo pensou nos pais daquelas garotas. Mas reagiu. Ele não estava ali para pensar em família. Ele estava ali para pecar. Mas, até agora, seu relógio não avisava nada.

— Roberta, Renata, Eduarda, Brigitinha - não, não é minha filha - e Elisângela.

Elas cumprimentam com a cabeça e sorrisos. Madame aperta um botão, as luzes diminuem sensivelmente e Ella Fitzgerald canta.

Dante puxa Virgílio para um canto.

— E agora, a gente faz o quê?

Tobias no meio da sala, foi mais prático:

— Todo mundo pelado!!!

Madame olha para Virgílio com uma péssima cara. Virgílio pega Tobias pelo braço.

— Tá doido? Fica na sua.

— A minha é aquela moreninha ali, a Elisângela.

— Ou você se comporta ou vai ficar lá fora.

— Mas, seu Virgilho, a gente veio aqui pra quê? Lá em Jaçanã a gente já tinha resorvido a parada há muito tempo. Sem nenhum pobrema. Oceis são cheio de frescura.

— Coloca a camiseta de novo.

A luz do Céu se acende no relógio do Dante.

— Precisamos fazer alguma coisa, Virgílio. Olha a luzinha.

Virgílio vai até Madame Brigitte.

— Madame, e agora, qual é o procedimento numa situação como essa?

— Primeiro vamos jantar, antes que esfrie. Vocês estão com pressa? Temos 36 horas. Foi o combinado.

— É, vamos comer então.

As cinco meninas saem e logo depois cada uma volta com um prato de diversas comidas. Servem torradinhas com caviar. Colocam na boca de cada um. Tobias quase cuspiu, mas segurou.

Agora Ling Shing Ping serve vinho. Tobias pegou a sua dose de vinho e jogou dentro da caipirinha. Foi a segunda vez na noite que Virgílio se arrependeria de ter trazido o segurança.

Na casa de Gildão, um barracão de zinco se comparado com a mansão da Madame Brigitte, Gemma estava preocupada. Passaram o dia todo dormindo por lá sem forças para subir a serra.

— Gildão, pra falar a verdade eu continuo crescendo. Você cresceu até quanto?

— Um e noventa e nove. Fica tranqüila, dona Gemma. O Santo Daime não falha. Mas eu entendo você. Como eu fazia: todo dia com a fita métrica na mão, crescendo sem parar, me preparando para morrer. Os irmãos vieram de longe, mandaram fazer um caixão especial, comecei a pensar em Deus com todas as minhas forças. Até que o milagre aconteceu. O alívio... Deus existe!

— Tenho certeza, Gildão.

— Que tal se a gente tomasse mais um pouquinho agora?

— Mãe!!! Já disse...

— Tudo bem, foi apenas uma sugestão. Mas nem uma gotinha?

— Está na hora de ir embora. Dormir o dia todo me fez muito bem.

— Eu espero vocês na próxima semana.

Gemma e dona Zizé entram em casa. Duas da manhã.

Dona Zizé se serve de conhaque. Gemma acende seu charuto.

— Sabe, mãe, a senhora não vai acreditar, mas a casa sem o Dante - apesar de tudo - fica meio vazia.

— Recaída, não. Tudo, menos recaída. Seja forte, minha filha!

— Tou acostumada com o barulho dele teclando ali no escritório. Saudades dos tapas que eu dava nele...

— Ih, isso não vai acabar bem!

— Foram mais de vinte anos juntos, mãe. E ele não vai estar aqui na hora da minha morte...

— Vira essa boca pra lá, menina! Fuma, vai, fuma!!!

Depois do jantar Madame Brigitte sumiu. Tobias foi expulso da sala depois do chupão que deu no pescoço da Elisângela. Está lá fora, na varanda e na garoa. Virgílio devia estar lá nos fundos conversando com o chinês.

Dante e as cinco meninas. Ao piano, Oscar Peter- son. Dante estava completamente sem jeito apesar da champanhe, do vinho c das cervejas belgas que agora bebia. Suava frio.

— Meninas, vocês vão me desculpar, mas eu não sei o que fazer...

XXXIII

Gemma, sentada na privada, arfando, esvaindo- se, gritava para a sua mãe que, por sua vez, suava no lavabo:

— Mãe, liga para a Gildão e pergunta se isso é normal! Pelo amor de Deus! Nunca vi nada igual!

— Que? Fala mais alto! Quê?

— Liga pra Gildão, mãe! Gildão! Telefona pra ela! Pergunta se é normal.

— Não consigo me levantar daqui, Gemminha. Virgem Santa de Guadalupe! Ligar pra Gildão uma hora dessas, Gemma Margarida? Tenta você!

-Quê?

— Nada, nada!

As duas não se lembravam se a Gildão havia avisado que às vezes o Santo Daime dá aquela diarréia desgraçada.

— Não se pode confiar em raízes fora a batata e o nabo!

— Nabo? Nabo também é raiz?

— É!

— Sei não...

— Acho até que eu vou diminuir de tamanho, mãe!

— Quê?

Na sala da Madame Brigitte, as meninas tentavam animar o Dante. Menos a Elisângela, que estava com um saco de gelo no pescoço, amaldiçoando o Tobias, aquele troglodita sem modos, para usar suas próprias palavras. Tentavam fazer com que ele dançasse. Uma, ameaçava um *striptease*, outra colocou uma música mais romântica, mais lenta. Nada.

Dante começou a considerar que não devia estar ali. Ele não tinha nascido para a luxúria. O Virgílio devia ter pensado num outro pecado capital. Bancário não tem luxúria, ele pensava. Ele pensava na Beatriz. O que ela estaria pensando se estivesse sintonizada na situação? E a Gemma, então?

Dante se levanta decidido, todo envergonhado, pede licença para as meninas, diz que vai ao banheiro e entra para dentro da casa. No longo corredor, as portas dos quartos. Cada porta com um nome: Espelho, Sado-Masô, Amazônia, Palácio do Planalto, Velhinha de Taubaté etecétera.

Encontra Virgílio, o chinês e a cafetina num animado jogo de cartas na mesa da cozinha. Pelas fichas em cima do pano verde, o chinês está tirando dinheiro dos dois.

— Desculpe interromper o jogo, mas... Mas... Vamos embora, Virgílio!

— O que? Já? Já acabou?

— Nem comecei. Esse que é o problema.

Madame se levanta.

— É psicológico, meu filho. Toma um banho bem quentinho. Vem cá que eu vou cuidar de você. Não pense que você é o único. Uma vez fiz aqui uma festinha para uns deputados e teve um deles, como é mesmo o nome dele?, vive aparecendo na televisão, um meio carequinha. Lembra Shing?

Shing faz que sim com a cabeça.

— Venha, Dante. Um banho numa banheira cheia de leite e pétalas de rosas.

— Não, dona Brigitte. Já resolvi. Vamos, Virgílio!

— Mas as meninas não te agradaram? Mas onde foi que nós erramos, seu Virgílio? Fiz tudo conforme o combinado... Talvez tenha faltado uma oriental... Lembra que eu comentei com você, Shing?

Shing faz que sim com a cabeça.

Virgílio puxa Dante para um canto.

— Pagamos uma fortuna, Dante! Todas as suas economias!

— O problema é que eu estou com culpa de estar aqui. A Beatriz disse que quem peca com culpa vai para o inferno. Tem que pecar com prazer. E eu não estou sentindo o menor prazer em estar aqui.

O relógio de Dante informa que ele estaria indo para o Céu. Para o Inferno, agora. De novo para o Céu.

— Mas o dinheiro todo, Dante! Vamos lá na sala que eu te ajudo.

— Você? Foda-se a fortuna! Não estou me sentindo bem. Misturei muita bebida. Vamos, vamos.

— Vou ver o que eu posso fazer com a Madame.

Virgílio ainda tentou negociar o retorno de parte do investimento. Impossível.

— Você tem noção de quanto custou isso tudo? Sabe de onde eu trouxe as meninas? Universitárias do Sul! De avião!!! Nem pensar. Um banquete desses, com todos os tipos de carnes! Tudo de primeira. Tenras!!! Vocês, homens... Seu Dante, vamos tomar um banho, vamos? Não custa, custa?

— Estou limpo, madame. E meio de pilequinho. Vamos, Virgílio! Agradeço de coração toda a atenção, dona Brigitte.

No caminho de volta, antes de dormir no banco de trás, completamente embriagado, Tobias pronunciou sua última sentença:

— Tudo viado...

E caiu de lado como um saco de cimento. Na frente, os dois em silêncio.

— Vai falar, ou vai ficar com essa cara de tacho? Assim não vai mesmo ser possível. Levei uma semana para organizar isso tudo. O remedinho não surtiu efeito?

— Placebo! Não nasci pra isso, Virgílio! Te agradeço, tava tudo muito do bom, tudo muito organizado, as meninas muito simpáticas... Mas não é a minha. Temos que pensar noutro tipo de luxúria.

— Que outro tipo? Luxúria sem mulher e bebida não é luxúria!

— Não sei, talvez um cruzeiro marítimo... Não é luxúria fazer um cruzeiro marítimo?

— Não, é frescura de novo-rico. E nós somos velhos pobres. Agora mais pobres ainda...

— Então vamos pecar contra a preguiça! Acho mais simples, mais seguro.

Tobias começou a soltar uns grunhidos no banco de trás. Dante olha e percebe que o crioulo está recebendo.

— Pára, pára o carro que o Tobias tá soltando ectoplasma.

— Não me faltava mais nada. Mas aqui na Dutra? Vê se isso é lugar. Não faltava mais nada nesta noite.

Virgílio estaciona, resmungando. Os dois ficam olhando para o banco de trás.

— Médium de porre não deve receber bons espíritos... Isso não vai acabar bem.

XXXIV

Enquanto isso, em São Paulo, Gemma e dona Zizé agora estavam sentadas na sala, vendo um filme qualquer na televisão. Nem se mexiam. Qualquer movimento desencadeava novamente todo o fluxo. Nem olhavam de lado. Nem piscavam. Estavam verdes. A campainha toca.

— Só pode ser o Dante. Entra! Tá aberta!

Mas quem entra é o Juninho com um calhamaço debaixo do braço. Gemma bate o olho na papelada, mas disfarça.

— Desculpa interromper o filme. Que filme é?

— Vamos entrando. O Dante está no banheiro e já vem. Senta.

Juninho sentou-se. Gemma olhando o calhamaço debaixo do braço do Juninho. Só pode ser o livro! Com a pouca força que lhe restava, deu aquele seu famoso ace-tapa de direita na nuca de Juninho.

— Desculpa, doutor, mas guerra é guerra!

Ele só teve tempo de olhar assustado para as duas antes de desmaiar. Gemma pegou os originais e leu:

— *A verdadeira história de Dante e Beatriz*! Agora vamos saber toda a verdade! Tim-tim por tim-tim.

Mas o esforço do tapa foi demais e Gemma saiu correndo para o lavabo, com uma mão na barriga e outra na obra do psicanalista. E pediu, lá de dentro:

— Mãe, traga os óculos!!!

Dona Zizé estava ocupada em arrastar Juninho para fora do apartamento. Trancou a porta com duas voltas na chave e correu para o outro banheiro sem ter tido tempo de pensar em óculos. A Gemma não era tão cega assim.

Beatriz está sentada ao lado de Tobias que suava como o diabo. Beatriz estava meio brava:

— *Não acredito, Dante! Não acredito! Estava indo tudo muito bem, o trabalho do Virgílio foi perfeito, as mocinhas tão educadas!*

— Quer dizer que você estava bisbilhotando tudo? Não posso nem mais pecar em paz?

— *Ué, eu tinha que estar atenta para te avisar quando estivesse no ponto Purgatório. Mas você estragou tudo. Não acredito!*

— Pois eu é que não acredito! Você queria que? eu te traísse com todas aquelas mulheres? Não sente um mínimo de ciúmes, não?

— *Fazer sexo com prostituta não é traição! É luxúria. Vamos voltar para lá, Virgílio! Não podemos perder essa oportunidade.*

— Não volto lá!

— *Não precisa gritar!*

— Quem começou a gritar foi você!

Virgílio intervém.

— Calma, pessoal, calma! Sejamos civilizados... Querem que eu saia do carro?

— Desculpa, Beatriz. Desculpa. Acho que foi a mistura de bebidas. Estou acostumado só com uísque. Mas era tanta fartura boa...

De repente Beatriz começou a falar com a voz do Tobias, para susto dos dois:

— *O pobrema é qui ocês bebi i fica curpado! Tá tudo cum curpa!*

— *Vade retro*, Satanás!!!

Beatriz sorriu, não se abalou.

— *Pensa bem nu qui ocê tá dizendo, meu amor!*

— Meu amor, o cacete!!! Acorda, Tobias! Some, some daqui! Você está me enlouquecendo!

— *Otra hora a gente conversamo com mais carma... Memo assim, meu amor, eu ti discurpo. Meu amor procê tá acima disso tudo. Todo homem qui broxa fica assim... Num tem pobrema.*

— Eu não broxei!!! Eu não quis, é completamente diferente!.

Mas Beatriz não estava mais ali ouvindo os gritos de Dante. Tobias abre o olho:

— Tá falano cumigo, seu Dante?

Tobias deu uma estrebuchada e voltou a dormir o sono dos bêbados.

— Ficou louco, Dante?

— Você disse a palavra certa, Virgílio. Ela falando com a voz do Tobias... Eu acho que estou ficando doido. Minha vida era tão tranqüila... Banco, casa, banco, casa. Churrasquinho no domingo... Futebol na televisão... Contando os anos para a aposentadoria, comprar um sítio, as porradas da Gemma... Tava tudo normal. Agora, veja você. A gente aqui na Dutra com esse bêbado roncando feito um porco aí atrás, eu dormindo no quarto de empregada da sua casa... É um inferno ter que ir para o Purgatório. Um inferno!

— *Lasciate ogni speranza voi che entrate!!!*

— O que é isso?

— Do seu xará Dante Alighieri. Na *Divina Comédia* colocou uma placa na porta do Inferno: deixai toda esperança, vós que entrais.

Virgílio deu partida no carro e seguiram viagem rumo a São Paulo.

Do lado de fora, Juninho tocava a campainha, batia na porta com as duas mãos, desesperado.

— É tudo ficção! É tudo ficção, dona Gemma... Inventei tudo! Sabe, ficção? Igual Paulo Coelho!

Gemma gritou lá do lavabo:

— Ou some daqui ou chamo a polícia. E quiser é com S e não com Z, seu analfabeto!

Jamais saberemos se o Juninho foi embora por causa da polícia ou da ortografia. O silêncio voltou a reinar no lar.

Gemma, mesmo sem os óculos, ia lendo a obra- prima. Espantadíssima.

Juninho subiu até o apartamento do Virgílio. Não tinha ninguém. Mas ele tinha que ficar ali. O Dante precisava saber do ocorrido. Mas eu não tenho culpa, pensava. Foi nocaute... Mas que sujou, sujou.

Juninho estava dormindo, sentado à porta, em pleno corredor, quando chegaram Dante e Virgílio. Já estava amanhecendo.

Agora estamos na sala do Virgílio. Juninho sentado, com a cabeça baixa, envergonhado, dor na nuca. Dante andava em círculos, círculos, círculos.

— Você tem noção da cagada, né, Juninho?

— Já disse que tenho.

— Pensa que tem! Pensa! Você não conhece a Gemma brava! Daqui a pouco essa porta voa pelos ares. Vai ser o jeito dela entrar. Acho bom até você sentar noutra cadeira. Aí, tá bem na mira. Sem contar a dona Zizé, que deve vir junto, com aquele dedinho magro dela tremulando na minha cara!

Juninho muda de posição, ficando distante da porta.

— Vamos manter a calma e planejar as nossas ações mais imediatas. Nem tudo está perdido. Ainda temos o Bacamarte na manga da camisa.

— Juninho, você fala do Bacamarte no livro?

— Claro, ele não é o amante da sua mulher?

— Mais respeito! Mais respeito! Suposto amante! Suposto! Ainda não tenho uma prova definitiva.

A porta voou. Entraram as duas. Gemma com os originais na mão.

— O banheiro! Onde fica o banheiro?

— Tem dois, tem dois? Tem de empregada?

XXXV

Como se não bastasse o caos em que terminou o capítulo anterior, chega Terezinha na casa de Virgílio.

— Voltei.

E nota a porta no chão.

— Cupim?

— Iodos para a padaria da esquina! - ordena Dante.

Saem Dante, Virgílio, Juninho e Terezinha.

Quando as duas saem do banheiro:

— Covardes!

— Sabe o que eu acho, Gemminha? Que não foi o Santo Daime. Se é santo não ia fazer um estrago desses. O problema é que todo mundo tomava no mesmo copo. Eu disse pra você que aquilo não podia dar certo. Aquilo foi um festival de bactérias passando de boca em boca.

Mas Gemma não ouviu nada do que a mãe dizia.

— Vamos para a igreja! Isso é assunto para o padre Geraldo Magela.

— Tem banheiro na igreja?

— Claro, né, mãe! Os padres também cagam.

— Vai sozinha. Eu não quero ir lá.

— Que conversa é essa? Estamos juntas na guerra.

Dona Zizé está esquisita.

— Vai, vai você...

— A senhora está escondendo o que de mim? Brigou com o Acácio?

— Aí que está o problema.

— Que problema? Vamos, vamos embora.

— É que eu não sei como dizer para o Acácio.

— Que papo mais estranho! Dizer o que para o Acácio? Posso saber?

Dona Zizc tira um envelope da bolsinha c entrega para a filha. A filha abre, lê e cai sentada na poltrona, dando uma leve tropeçada na porta estendida no chão.

— Mas não pode ser, mãe!!! É impossível. Na idade da senhora...

— Milagre, minha filha. Milagre! Você sabe que eu nunca entrei na menopausa. Aliás, você se lembra da tia Sinhá...

Dona Zizé estava grávida do sacristão Acácio!!!

— Tá errado o exame, mãe! Isso não existe!

— Fiz dois! Dois!

— Mas então isso vai entrar para o Guinness!

— Não vai me cumprimentar, não?

Todo mundo tomando café com leite e pão com manteiga na última mesinha, lá no fundo da Flor do Lácio. Os três homens falavam sem parar, ninguém se entendia, o Dante querendo encher o Juninho de porrada, o português não sacando nada. Terezinha bate a mão na mesa. Todos ficam quietos.

— Fala, Terezinha...

Gemma nunca havia entrado no quarto de um padre. Aliás, não conheço

ninguém que já tenha tido tal intimidade. Mas ela disse que era muito particular a história e que a sua mãe tinha que ter uma conversa séria com o sacristão Acácio.

E como era o quarto do padre Geraldo?, quis saber dona Zizé mais tarde. Mas Gemma não contou. Portanto ficaremos sem saber como é o quarto de um padre. O que interessa é que o santo homem estava sentado na beiradinha da sua cama (de solteiro, é claro) e a Gemma numa cadeira muito dura.

— É isso aí, padre...

O padre folheava *A verdadeira história de Dante e Beatriz.*

— Não precisa ler agora. Vou deixar com o senhor para ler com mais calma depois. Vou fazer um resumo.

E fez um resumo dos trinta e quatro capítulos anteriores, excluindo as cen as onde o padre participava, porque ele já conhecia. Padre Geraldo ouviu tudo com muita atenção, às vezes com a boca aberta, noutras fazendo o sinal-da-cruz. Não o simples, mas aquele que começa fazendo cruzinha na testa. Gemma termina o seu resumo.

— E então, padre?

— Temos que exorcizá-1 o!!!

— Como? O que é isso? Tem um filme, não tem?, de uma garotinha...

— É uma cerimônia religiosa para esconjurar o Demônio e outros espíritos malignos.

— Ele está possuído pelo Demônio?

— Certeza absoluta! Absoluta! Eu andava desconfiado, Gemma, com aquela fixação dele em Purgatório...

Padre Geraldo alisa a capa da Bíblia.

— E tem mais, padre. O seu sacristão engravidou a minha mãe!

— Brincadeira tem hora, Gemma. Onde está o seu marido?

— E, pelo visto, ela não vai tirar, não...

— O Dante está em casa?

Terezinha explicava:

— Quando o médium está embriagado, só recebe espíritos do mal. O álcool é uma desgraça!

— O que você quer dizer com isso, Terezinha?

— O que eu estou dizendo. Se a Beatriz incorporou nele, ela é um espírito do mal!

Dante não conseguia dizer nenhuma palavra. Começou a chorar e Juninho a dar tapinhas de consolo nas costas dele.

— Pára de bater nas minhas costas, *cazzo!*

Virgílio:

— Por isso que de repente ela começou a falar com a voz do Tobias bêbado?

— Batata!

— Tem certeza, Terezinha? Isso muda completamente o rumo da história. Ninguém poderia imaginar uma guinada dessas.

— Positivo, seu Virgílio. E aquela porta, como vamos resolver aquilo?

Dante, agora chorando copiosamente:

— Mas se o que a Terezinha está falando é verdade, eu não entendo por que ela apareceu... Por que ela quer me levar com ela? O que é que eu fiz para ela me odiar tanto assim? Pra querer me levar para o Inferno?

Juninho, que quase ia dando mais tapinhas, mas recuou:

— Vamos descobrir isso com a psicanálise. Talvez seja o caso até de usarmos o hipnotismo ou quem sabe, até mesmo uma regressão! Alguma você aprontou com ela vinte anos atrás. Com certeza!

— Meu Deus, meu Deus...

— E digo mais, seu Dante, ela está aqui agora, rondando esta mesa, ouvindo tudo... Sai, bicho ruim! Fora, Diabo!

Todos olham em volta. Ninguém vê nada. Mas Dante sente o cheiro de rosas.

— E a porta, seu Virgílio?

Aparece o Tobias, bêbado como iam gambá.

XXXVI

Dona Zizé não era a grávida mais velha do mundo, informava o representante do Guinness no Brasil na sala de Gemma, enquanto um seu colega batia fotos da gestante com o resultado do exame nas mãos. A grávida mais velha do mundo - e que já havia dado à luz em fevereiro - era uma psiquiatra húngara, de Budapeste, chamada Adrian Iliescu, aos 67 anos, dois a mais que dona Zizé. Mas dona Zizé era a grávida mais velha do Brasil, quiçá da América Latina. Portanto ia entrar para o livro dos recordes.

- Mas, moço, o caso dela não vale. Foi inseminação artificial. O meu não, foi ali... no taco! Me fiz entender? Que é como se fazia antigamente. Pá-pum!

No confessionário:

— Conte seus pecados, meu filho!

— O senhor está cansado de saber, padre Geraldo Magela.

— Mas você tem que confessar para eu te absolver. Eu, não. Deus. Vai, confesse.

— Pequei contra o sexto mandamento...

— Quantas vezes?

— Detalhes eu não dou.

— Olha aqui, Acácio: parece que você não tem noção do que fez. Se a comunidade da nossa igreja fica sabendo disso, adeus fiéis. O sacristão é quase

um padre! É um homem santo, abnegado. É assexuado! O que não vão dizer quando souberem que eu tenho aqui, dormindo praticamente ao meu lado, dentro da casa de Deus, um tarado sexual?

— Calma, padre, eu não sou tarado sexual... Foi amor. A gente se ama. Não deu pra segurar.

Pois vamos marcar um casamento! Vou chamar todos os nossos fieis. Talvez assim consigamos - eu e o Todo-Poderoso - evitar desgraças maiores depois da sua morte (bate na madeira).

— A Zezinha não quer casar. Ela c moderna...

— Vão casar c não se fala mais nisso!

— E onde é que a gente vai morar, na sacristia?

Nas outras sessões, Dante se sentava na poltrona.
Agora, pela primeira vez, ele estava deitado no diva do
Juninho, pela gravidade da situação. Ainda tremia um pouco, mas estava melhorando, depois do remedinho que tomou.

— Não adianta, eu não vou relaxar. Ela deve estar aqui, nos ouvindo, talvez rindo da gente.

— Não está não, porque nem eu nem você somos médiuns. Ela apareceu lá na Flor do Lácio - se é que apareceu - porque a Terezinha estava junto.

— Mas o que foi que eu fiz para essa mulher me odiar assim, meu Deus?

— É o que vamos descobrir. E atacar o problema de frente.

— Antes de começar... esse divã é muito bom. Será que eu poderia dormir aqui uns dias até a Gemma acalmar?

— Depois a gente vê isso. Relaxa.

— Calma! Tou tentando, tou tentando.

O marceneiro estava acabando de colocar a porta nova no apartamento do Virgílio quando apareceu a Gemma.

— De novo não, Gemma! Pelo amor de Deus!

— Venho em missão de paz. Evidentemente, o Dante Alberto não está, né?

— Entra. Não, não está.

Gemma senta-se, pega um charuto.

— Posso?

— Fique à vontade.

— Obrigada.

Gemma estava muito calma para o gosto do Virgílio. Alguma ela estava tramando. Dá a primeira baforada. Parece não ter pressa. Entra Terezinha com cafezinho.

— Cafezinho?

— Aceito.

— E o Tobias?

— Tão ouvindo o ronco dele, não? Dorme feito uma porta (disse isso com uma certa ironia). Com licença.

Terezinha volta para a cozinha.

— Virgílio, a gente é amigo, não é? Apesar da porta... mas eu estava mesmo fora de mim. O Dante paga.

— E a diarréia, melhorou?

— Não era por causa dela que eu estava fora de mim. Em primeiro lugar

eu queria te dizer que não acredito em vida depois da morte. Como parece que a tua turma imagina.

Ela fez uma longa e quase teatral pausa:

— O Dante precisa ser exorcizado. Ou internado num manicômio. Das duas, uma ! Ele não pode continuar solto por aí com o Diabo dentro dele. Onde já se viu uma pessoa normal trocar *e-mail* com uma morta? Conversar no Messenger? Fazer amor? Pensa um pouco, Virgílio, é muita alucinação. Então é isso. Ou ele passa por uma ou mais sessões de exorcismo ou vai internado. Já coloquei um detetive no encalço dele. E então, você não diz nada?

— Bem, Gemma, eu acho que não é o momento para se discutir se existe vida ou não depois da morte. Cada um pensa como quiser. É verdade que a dona Zizé está grávida?

— Virgílio, por favor, não mude de assunto. Sim, está e vai ter. É a grávida mais velha do Brasil. O Guinness comprovou. Agora voltemos ao Dante! Você quer salvar o seu amigo ou não? Ou você acha que ele está normal, que a doida sou eu?

Voltemos ao divã do Juninho. Dante revirava seu passado junto com a Beatriz. Só lembrava de situações boas.

— Juninho, me diga uma coisa. Que diferença vai fazer eu saber o motivo dela estar me tratando assim? Alguma eu devo ter feito, mas e daí? Talvez... estou pensando agora no dia do velório dela. Eu passei a noite ao lado dela. E não podia deixar de pensar cm como o tempo muda as pessoas. A imagem que eu tinha dela era com vinte anos e...

— Por isso que ela te aparece com vinte anos!

— E ela estava feia, envelhecida, sabe? Não pelos quarenta anos, mas é que ela deve ter morrido afogada com a queda do avião. Estava inchada, com uma cor estranha... Meio cinza, sabe? Não era a mesma Beatriz... Eu ficava olhando

para ela e pensando nisso. Será que foi isso? Você está me ouvindo, Juninho?

Dante vira-se para trás e Juninho está olhando para a tela do computador, com os olhos arregalados.

— O que foi? Ela está aí?

— Não, pior! Você sabe por que ela voltou para o Brasil?

— Me disse que tinha recebido um convite para dar aulas aqui.

— Venha ver isso aqui. Dante pula do divã.

Na sala do Virgílio, escuta-se urna discussão entre Terezinha e Tobias na cozinha.

— Eu num pude fazê nada. Tava durmino, nega. Foi mais forte duqui eu. Esse é o pobrema.

Terezinha entra na sala assustada.

— Ela está aqui!

— Ela?

Entra na sala Beatriz e voa no pescoço de Gemma.

— *Finalmente, Gemma, finalmente!!!*

— Terezinha, faz alguma coisa pelo amor de Deus!

— *Agora sim, estamos cara a cara,,, depois de tantos anos!*

— Tobias! Tobias!

XXXVII

Beatriz estava mesmo estrangulando Gemma. Rolavam pelo chão derrubando cadeiras, vasos e um abajur. Uma gritaria generalizada. Nem Tobias conseguia fazer nada, já que estava em transe, além de bêbado. Mas quis a providência divina que, nesse momento, entrassem o padre Geraldo Magela e o sacristão Acácio. Os dois não acreditavam no que viam. Sob o ponto de vista deles era apenas Gemma, sozinha, que se debatia no chão, desesperada.

— Água-benta, Acácio! Água-benta, Acácio!

Acácio espargia água-benta pra tudo quanto é lado, o padre dizia "te esconjuro, te esconjuro" e umas palavras em latim. Até que tudo serenou.

— Foi Deus quem trouxe o senhor, padre Geraldo! - disse Terezinha.

— Gemma, o que houve? Estava rolando no chão, se debatendo...

Gemma se recompunha, ainda sentada no chão.

— Não sei, padre, é como se alguém estivesse tentando me matar.

— Mais água-benta, Acácio!

Acácio borrifava a água benzida.

— Ainda bem que eu trouxe água-benta. Estou atrás do Dante.

Gemma, cansada, sentou-se novamente.

— Todos estamos atrás dele, padre. Todos! Es- cafedeu-se... O outro aqui não abre o jogo, né, Virgílio?

— Mas o que estava acontecendo aqui? Você também, Gemma?

— Eu também, o quê?

— Possuída?

— Sei lá, padre! Estava aqui conversando numa boa com o Virgílio - não é, Virgílio? - quando senti um aperto aqui no meu pescoço. Eu, hein?

Virgílio ajeitando o tapete e o abajur quebrado:

— É verdade, padre! Foi a Beatriz.

— Acácio, a coisa generalizou. Ainda tem água- benta aí?

Terezinha, que não agüentava mais tanta água- benta:

— Cafezinho, padre Geraldo Magela? Cafezinho, seu Acácio? Parabéns, seu Acácio, estou sabendo da novidade. Pra quando é?

Acácio abaixa a cabeça, meio envergonhado.

O padre, cortando o assunto:

— Vou aceitar o cafezinho.

Tobias arrota.

Enquanto a impressora do Juninho imprimia algumas páginas encontradas na Internet, no Google:

— Você lê francês, Dante?

— Do ginásio, né? Sou bom é de inglês.

— Pode deixar que eu traduzo para você. Enquanto você tentava se lembrar do seu tempo com a Beatriz, eu entrei aqui no Google e...

— O que é mesmo Google?

— Um *site* de busca. E digitei Beatriz Florence. E a primeira página que apareceu foi essa aqui. Da Gendarmerie de Paris.

— O que é isso?

— A polícia da França. Gendarmerie.

— Vai, fala de uma vez.

— Ok. Vou resumir para você. Entre fevereiro de 2002 e fevereiro de 2005, quatro assassinatos chamaram a atenção da polícia francesa porque todos eles tinham as mesmas características.

— Você não está querendo dizer que a Beatriz tinha alguma... a ver com isso! Vamos com calma...

— Sim, vamos com calma. Vai ouvindo. E que características estes quatro crimes tinham entre si, apesar de cada um ser em uma região da França? O primeiro foi em Paris. Os outros: Lille, no norte, Toulouse ao sul e Bordeaux no oeste, quase fronteira com a Espanha. Primeiro: todos com um tiro no coração das vítimas. Segundo: todos no mesmo mês: fevereiro.

Dante fica lívido.

— Mês do meu aniversário... Não acredito no que estou ouvindo.

— Pois então se prepare para a terceira e mais surpreendente ainda "coincidência". O nome das quatro vítimas: Dante de Vigny, Dante Prevért, Dante Jarry e Dante Prudhomme. Tá aqui, relatório da Gendarmerie!!!

Dante, com medo de desmaiar, deita-se no divã de novo.

— É claro que diante disso tudo a polícia concluiu o óbvio. Iodos haviam sido cometidos pela mesma pessoa. E passaram a proteger todos os Dantes franceses. Principalmente no mês de fevereiro deste ano. Ficaram na campana. E o Dante escolhido dessa vez morava em Calais, no extremo norte da França, no Canal da Mancha que, como você sabe, separa a França da Inglaterra. A polícia chegou a tempo de evitar que a "vendedora da Enciclopédia Larousse" cometesse seu último crime. A assassina conseguiu fugir do açougue de um tal de Dante

Dumont. Mas, como sói acontecer - gostou do sói? - em todo bom policial, na fuga a criminosa deixou cair seu registro de bailarina: Beatriz Florence.

— Meu Deus!

— Ela atravessou o Canal da Mancha, chegou a Dover, um ônibus até Londres e o resto você já sabe. Veio para o Brasil matar o último Dante. Morreu. E, mesmo morta, arquitetou a sua morte, Dante. Elementar, meu caro Dante. Elementar. Psicótico-depressiva. Assassina compulsiva, (olha para a fotografia de Freud) Certo, tio?

Dante não conseguia abrir a boca para dizer mais nada. Estava pasmo e passado. Depois de algum tempo:

— Mas o que foi que eu fiz de errado? E os outros Dantes, coitados, que não tinham nada a ver com isso?

— Talvez o simples fato de você ter se casado com a Gemma assim que ela foi para a Europa... Como entender a cabeça das mulheres, se nem mesmo elas entendem?

— Não seja machista, Juninho, porque no momento eu também não estou entendendo a minha cabeça. (pausa) Mas era um doce de pessoa...

— Bush também é...

— Meu Deus! Me dá mais um remedinho daqueles, por favor! Aliás, dois.

— A polícia francesa ficou sabendo da morte dela no acidente aéreo e o caso foi en cerrado e arquivado para alívio de todos os Dantes franceses.

Dante tomando duas pílulas.

— Menos o meu alívio. O meu! E agora, Juninho, o que vamos fazer?

— A Ciência não pode fazer nada. Talvez a religião. O exorcismo mesmo...

— Você acredita nisso?

— Temos que tentar tudo, Dante. Não custa. Você não pode passar o resto da vida com a sombra do demônio te atormentando.

— Meu Deus... Quer dizer que eu fiz amor com uma demônia? Eu, possuído, possuí?

— Você sonhou, Dante. Foi um sonho.

— Obrigado. Fico mais aliviado.

XXXVIII

Dante ainda estava no consultório do Juninho quando tocou o seu celular. Era Diogo Florence, aquele irmão da Beatriz com quem Dante havia se encontrado no velório e no enterro. Precisava falar com Dante urgente.

— Pode vir até aqui? Ok. Anota o endereço. Estou no consultório do meu psicanalista.

Dona Zizé preparando um chá de erva cidreira com conhaque para a filha na cozinha.

— Enquanto aquilo, aquela força maligna ou seja lá o que for, se debatia comigo no chão, engraçado, mãe, eu sentia que estava diminuindo de tamanho.

— Será? Toma isso enquanto está quentinho que você vai se acalmar. Vou pegar a fita métrica.

Agora vemos dona Zizé e Gemma, abraçadas, pulando dentro da cozinha. Gemma havia diminuído dois centímetros. Dois! Dona Zizé gritava:

— Vamos beber! Vamos beber!

— Chá, Santo Daime ou conhaque? Santa Gildão!

— Tudo, minha filha! Tudo. Vamos misturar tudo e seja o que Deus quiser. Deus é grande. Maior que você e nunca vai parar de crescer. Como a minha barriguinha.

Gemma chorava feito criança. É como se houvesse ressuscitado. Nascida

outra vez.

Gemma diz baixinho, quase como se falasse com ela mesma:

— Queria que o Dante estivesse aqui agora... Apesar de tudo, mãe, eu...

— Sei.

Mas Dante, Juninho c Virgílio - que também foi convocado - estavam diante de Diogo Florence.

— Não sei por onde começar...

— Pelo começo - disse o prático Juninho.

— Bem, uma semana depois do acidente da Beatriz, eu fui chamado na Aeronáutica. Me entregaram as coisas da Beatriz. Bolsa, malas, ctc. Levei para casa, já estava tudo seco. Doei as roupas e fiquei com uns cadernos manuscritos da Beatriz. Mas não li nada na época porque ainda estava muito abalado com a morte dela. Mas ontem li tudo. Demorei para achar o seu telefone que você me deu no dia do enterro, Dante. Estava no bolso do terno, me lembrei agora cedo. É este o Diário dela.

Tira da pasta um caderno todo estragado, amarrotado, meio enrugado, mas ainda legível.

— Vou deixar com você. Mas posso fazer um apanhado geral.

— Por favor!

— No começo ela faz várias anotações sobre a Beatriz - ou Beatrice Portinari - o grande amor de Dante Alighieri. Dante tinha vinte anos e ela um pouco menos, mais ou menos a idade com que vocês se conheceram, segundo o Diário.

— Procede, procede.

— Eram apaixonados, mas a família de Dante já havia compromissado o

casamento dele com Gemma Donati, numa aliança política, como acontecia naquele tempo. Sabia disso, Dante? Gemma, como sua mulher, eu li aqui no Diário. Beatriz então se casou com um banqueiro - e não bancário como você - chamado Simone dei Bardi. Mas Beatriz, a do Alighieri, nunca o perdoou. Beatriz morreu logo depois e Dante começou a escrever a *Divina Comédia* que, na opinião de alguns e da minha irmã, é a saga de Dante procurando por Beatrice desde o Inferno, passando pelo Purgatório e a encontrando do Céu, ao lado de Deus. Pelo menos foi o resumo que a minha irmã fez aqui. Não sei até que ponto...

— Vamos aos fatos mais recentes, Diogo.

— Sim, claro. Desculpa se estou sendo um pouco prolixo, mas é que é para ficar tudo claro.

— Claro, claro...

— Em 2001, ela sofreu um grave acidente esquiando em Innsbruck, na Áustria. Fiquei lá cuidando dela. Teve uma pequena lesão no cérebro além de ter quebrado a perna. Depois disso ela nunca mais foi a mesma. Foi como se ela tivesse adquirido uma outra personalidade. Não podia mais dançar. Apenas dava aulas, mesmo assim com muita dificuldade. Foi quando ela cismou que ela era a reencarnação da Beatrice Portinari e que tinha voltado pra Terra para se vingar! E você, talvez pelo fato de também ter se casado com uma Gemma, virou o alvo dela. Ela tinha certeza de que você é a reencarnação do Dante Alighieri.

Entre orgulhoso e temeroso, Virgílio aparta:

— E tinha o poeta Virgílio na história.

— Exatamente, (longa pausa) Não chore mais a morte dela, Dante. Ela estava vindo para o Brasil para te matar...

— Isso nós *já* sabíamos.

— Já, mas como?

— Continue, por favor. Depois contamos o nosso lado da história.

— "Eu preciso treinar, praticar, ensaiar", escreveu ela aqui. E anotou uma frase de um escritor americano, John Dunning, depois que cometeu o seu primeiro assassinato, (lê no Diário) "Certas pessoas nunca matam, até completar quarenta, cinqüenta anos, e aí matam uma dúzia de vezes. O primeiro crime os leva ao outro lado, os empurra a um caminho sombrio, que nunca haviam pretendido trilhar. 0 primeiro funciona como catalisador, depois, não resta mais dúvida." E, assim, ela matou quatro Dantes na França.

— Pois saiba, meu caro Diogo, que ela ainda está tentando me matar...

— Como? Não entendo. Ela está morta.

— Eu explico - disse o discípulo de Freud.

E explicou.

No chuvoso congestionamento da avenida Re- bouças, Dante calado, ensimesmado. Virgílio deu um tapinha nas costas dele.

— Quer uma boa notícia?

— Por favor. É tudo que eu estou precisando.

— A Gemma, adivinha.

— Fala de uma vez, Virgílio.

— Parou de crescer!!! Aliás, até diminuiu!

Dante não fala nada. Mas, pouco a pouco, vai abrindo um sorriso e um par de lágrimas paralelas desce pelo seu rosto, calmamente. Depois uma enxurrada delas. Dante desce do carro parado no trânsito e começa a misturar suas lágrimas com a forte chuva, dançando, dando pulos, gritando, para pasmo dos demais irritados motoristas. Gargalhando.

Dante convidou Gemma para jantarem fora. E ela aceitou. Restaurante caro, coisa fina, luz de velas, garçom de roxo, cardápio imenso que cobria a visão um do outro. Mas foi dando olhadinhas pelo lado dos cardápios que eles começaram a flertar antes de pedirem ostras recém-chegadas de Florianópolis. Gemma estava de pilequinho e linda como nunca Dante havia visto.

— Estive pensando, Dante. A culpa de tudo isso que eu li no livro do Juninho, foi minha. Eu não era uma esposa das mais atentas, dedicada a você e...

— Não precisa falar mais nada. Só uma coisinha ligeira: por que você disse "não era"?

Ela apenas sorria, agora segurando as duas mãos dele.

Dizem que as ostras são afrodisíacas. Talvez isso explique o que o casal fez durante toda a noite. Dona Zizé até se retirou para a sacristia para tentar o mesmo com o sacristão Acácio.

— Agora descansa porque amanhã começam as sessões de exorcismo.

— Sessões? Pensei que fosse só uma...

— Podem durar semanas, meses, anos. Mas tudo vai dar certo. Estamos chegando ao final da história, Dante.

— Eu diria no começo.

XXXIX

Cinco anos depois.

Não era fácil chegar ao sítio. Tinha que pegar a Dutra, subir em direção a Campos do Jordão e ir mais além. No alto da montanha, perto de Paraisópolis, já em Minas Gerais. Uma estreita estradinha de terra - intransitável na época das chuvas - dava acesso ao local.

Quem passasse por ali, veria a placa em cima da porteira de madeira rústica: Sítio do Purgatório.

As sessões de exorcismo do Dante duraram quase um ano, mas ele ficou livre definitivamente das malignas forças do "mal de Beatriz". Dois anos depois, Dante e Virgílio se aposentaram do banco, venderam seus apartamentos em São Paulo e tiveram a idéia de trocar a poluição, o congestionamento e a violência por um sítio. E o local era mesmo ideal. Até pouco tempo atrás era um centro de recuperação de drogados. Tinha, portanto, uma casa grande c cinco menores, pouco mais que chalés.

E foram todos morar lá no alto da montanha, algumas vezes acima das nuvens. Todos quem?

Na Casa Grande viviam Dante e Gemma. E mais Gabriel, filho deles, agora com três anos e meio, que podemos ver agora correndo pelo pomar atrás da Daniela, pouco mais velha, filha da dona Zizé e do sacristão Acácio, que moravam num dos chalés, batizado de Chalé Sacristia. O sacristão Acácio e dona Zizé, para desgosto do padre Geraldo Magela, viraram budistas e meditavam

quase o dia inteiro, geralmente de pilequinho.

Noutro chalé, o Chalé Pobrema, morando sem nenhum problema, Terezinha e Tobias. Neste chalé ficava a adega do sítio. Os dois deixaram, a mediunidade de lado para evitar hóspedes indesejáveis no sítio.

No terceiro chalé, Virgílio. O Chalé Leonardo da Vinci. E havia o quarto chalé: o da Gildão. Sim, Gildão que havia salvo a vida de Gemma. O Chalé do Santo Daime que era freqüentadíssimo pela dona Zizé.

A comunidade vivia feliz. Comiam da própria horta, ovos da galinhada toda, leite da vaca Beatriz (nome dado por Gemma), frutas do pomar. Criavam ovelhas e cordeiros. Os cordeiros de Deus, como dizia o padre Geraldo Magela, visitante contumaz.

Gildão cuidava da cozinha e das roupas lavadas. Terezinha da limpeza dos chalés sempre reclamando, achando que devia haver um revezamento. Tobias - quando sóbrio - revelou ser um grande conhecedor de plantas, árvores e animais. Era uma espécie de capataz. Cuidava também dos jardins que circundavam cada uma das casas do Sítio do Purgatório. Terezinha estava grávida. Logo seriam três, os pequenos.

Virgílio lia e escrevia.

Dante e Gemma passavam boa parte do dia na cama, tirando o atraso sexual e sentimental de sete anos, chupando laranjas e comendo bananas da terra, felizes, muito felizes. Gemma era treinadora do time de vôlei de Paraisópolis, tendo como auxiliar e massagista a Gildão.

As crianças brincavam.

E hoje é quarta-feira, dia da folga do padre Gerado Magela na igreja. E toda quarta-feira ele e o Juninho subiam a serra para a feijoada da Gildão. Havia um quinto chalé onde ficava a cozinha geral e a enorme mesa onde todos comiam (e bebiam) juntos.

Juninho também havia se aposentado e, a pedido do Dante, desistira de escrever A *verdadeira história de Dante e Beatriz.* O padre Geraldo Magela continuava o

mesmo, sempre reclamando para o Acácio do novo sacristão, que comia as hóstias (antes de serem consagradas, é claro) e roubava vinho. Mas, fazer o quê, era um bom cristão o novo sacristão.

Agora estão todos ali na longa mesa no Chalé do Ócio já sentindo o cheiro do feijão que borbulhava na grande panela de pedra-sabão. Coisas de Minas Gerais.

Era uma comunidade feliz.

De noite, na varanda da Casa Grande, Dante e Gemma olhavam para o céu estrelado, cada um numa cadeira de balanço. Da sala vinha o som do Beatles cantando, *Come Together, A Hard Day's Night, Ali you Need is Love.* E foi ao som dessa última que Dante rompeu o silêncio da noite.

— E o Bacamarte, hein?

Ela, cantarolando a música, respondeu:

— A mulher do Bacamarte, aquela piranha oxigenada? Dante, Dante...

— Gemma, Gemma...

— Você se lembra que eu fui me confessar dias depois de você, certo? E eu tinha certeza absoluta que você estava com rolo com a mulher do Bacamarte e tinha contado para o padre. Pra não ficar atrás, inventei.

— Eu, com a mulher do Bacamarte? Pelo amor de Deus, Gemma!

— No livro do Juninho você fala que tinha planos para aquele joelho bronzeado...

— Tinha, é verdade. Era meu plano de morte. Levaria ela para um motel e, antes do fato consumado, chegaria o Bacamarte, que anda armado, avisado pelo Virgílio, e me mataria. E eu iria para o Purgatório. Mas vamos esquecer isso.

— Foi você quem começou a conversa. Tudo bem, eu acredito em você.

— Tudo bem, eu acredito em você.

— E não se fala mais nisso.

Tocava *Imagine*, agora. Mentalmente, ouvindo a música, Dante ia traduzindo:

Imagine que não exista o Céu,
Ê fácil se você tentar.
Nenhum Inferno debaixo de nós,
Sobre nós apenas o infinito.
Imagine todas as pessoas
Vivendo pelo hoje...
Imagine que não exista países,
Não é difícil de imaginar.
Nada por que matar ou por que morrer,
Nenhuma religião também.
Imagine todas as pessoas
Vivendo a vida em paz...
Imagine nenhuma propriedade,
Eu me pergunto se você conseguiria.
Não existir ganância ou fome,
Uma fraternidade humana.
Imagine todas as pessoas
Compartilhando o mundo todo.
Você pode dizer que sou um sonhador,
Mas eu não sou o único.
Espero que algum dia você junte-se a nós,
E o mundo viverá como um só.

(Floripa, 2006)